



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE GOIÁS  
JORNALISMO**

**LAURA PANOBIANCO SILVA MELO  
MARIA LUIZA SOARES RODRIGUES**

**AGORA É A VOZ DELAS: UMA SÉRIE DE PODCAST SOBRE  
SILENCIAMENTO FEMININO E SEUS IMPACTOS NA VIDA  
DE MULHERES E MENINAS**

**GOIÂNIA**

**2021**

**LAURA PANOBIANCO SILVA MELO  
MARIA LUIZA SOARES RODRIGUES**

**AGORA É A VOZ DELAS: UMA SÉRIE DE PODCAST SOBRE  
SILENCIAMENTO FEMININO E SEUS IMPACTOS NA VIDA DE  
MULHERES E MENINAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Pontifícia Universidade Católica De Goiás -  
PUC Goiás, como requisito para Grau  
Pretendido

**Orientadora: Prof. Denize Daudt Bandeira**

**GOIÂNIA**

**2021**

**LAURA PANOBIANCO SILVA MELO  
MARIA LUIZA SOARES RODRIGUES**

**AGORA É A VOZ DELAS: UMA SÉRIE DE PODCAST SOBRE SILENCIAMENTO  
FEMININO E SEUS IMPACTOS NA VIDA DE MULHERES E MENINAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

**COMISSÃO JULGADORA:**

**Ma. Marina Moraes de Prado Morabi**  
**Psicóloga e Docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)**  
**Ass.:**

**Ma. Gabriella Luccianni Moraes Souza Calaça**  
**Docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)**  
**Ass.:**

**Ma. Denize Daudt Bandeira**  
**Docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)**  
**Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora**  
**Ass.:**

**Goiânia, três de dezembro de dois mil e vinte e um**

## **AGRADECIMENTO**

À priori, agradecemos a Deus pela vida e por nos permitir concluir essa caminhada acadêmica, à nossa família que, de forma amorosa, nos auxiliou nesse processo árduo de produção do Trabalho de Conclusão de Curso, e aos amigos e namorados, que tornaram os dias menos cansativos. Agradecemos, em especial, à nossa professora e orientadora Denize Daudt Bandeira, que percorreu conosco toda essa trajetória de construção da temática, possibilitando a conclusão exitosa daquilo que almejamos desde o início do processo. Não poderíamos deixar de fora, o agradecimento a todas as fontes que aceitaram compor a parte prática e deram vida ao trabalho, contando suas experiências e compartilhando os conhecimentos.

## **Resumo**

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) abordada a temática do silenciamento feminino e os seus desdobramentos na vida de mulheres e meninas a partir de conceitos como: cidadania feminina, direitos humanos e silenciamento. Projeto que discute ainda o direito à informação desse grupo e seus impactos em questões como saúde, sexualidade e trabalho. A atuação das mídias digitais, nesse caso o podcast, ganha destaque como ferramenta para a mudança do cenário atual, que perpetua o machismo e misoginia estrutural. Trabalho que resultou na série de podcast "Agora é a voz delas", composta por seis episódios.

**Palavras-chave:** Cidadania. Silenciamento. Comunicação. Mídia. Podcast.

## **Abstract**

This Course Conclusion Paper (TCC) approaches the theme of female silencing and its consequences in the lives of women and girls, based on concepts such as female citizenship, human rights and silencing. The project also discusses the right to information of this group and its impacts on issues such as health, sexuality, and work. The performance of digital media, in this case the podcast, is highlighted as a tool for changing the current scenario, which perpetuates machismo and structural misogyny. This work resulted in the podcast series "Now it's their voice", composed of six episodes.

**Keywords:** Citizenship. Silence. Communication. Media. Podcast

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>1 CIDADANIA</b>	<b>9</b>
1.1 Conceito histórico de cidadania	11
<b>2 CIDADANIA NO FEMININO</b>	<b>12</b>
2.1 Educação sexual e democracia menstrual	13
2.2 Direito reprodutivo	14
2.3 Movimentos das mulheres	15
3 Comunicação e cidadania	18
<b>4 PODCAST</b>	<b>20</b>
<b>MEMORANDO DE PRODUÇÃO</b>	<b>23</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>37</b>
<b>Apêndice A – Roteiro</b>	<b>40</b>
<b>Apêndice B – Degrações</b>	<b>94</b>
<b>Apêndice C – Pautas</b>	<b>171</b>

## INTRODUÇÃO

A revisão de literatura que compõe o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda o silenciamento feminino e suas consequências na vida de mulheres e meninas. A discussão permeia os conceitos de direitos humanos e cidadania, com ênfase na luta pela consolidação dos direitos da mulher. O debate, que resultou no Capítulo I do trabalho, faz ainda uma abordagem das consequências do silenciamento feminino em temas como: saúde, sexualidade, carreira, pobreza menstruação e direito reprodutivo. O texto versa também sobre a urgência de políticas públicas voltadas às questões aqui apresentadas, assim como sobre a necessidade do acesso à informação.

A revisão de literatura foi fundamental para a compreensão da construção histórica do que entendemos por silenciamento feminino e sua consolidação nas diversas estruturas sociais. Podemos afirmar que seu resultado é sentido no machismo, na misoginia e nas características definidoras do patriarcalismo. Dimensionar esses aspectos é fundamental para se pensar em uma desconstrução desse mesmo silenciamento. Por fim, o texto discute o papel da produção e distribuição de conteúdo (informação) no contexto aqui apresentado e sua importância na consolidação da cidadania feminina. Capítulo que traz autores como Vera Maria Candau, Bianca Winograd, Cyro De Barros Rezende Filho, Zaine Simas Mattos, Itamara Silva Cortez Costa, Margareth Rago, Anderson Ferrari e Helena Bertho.

Parte dessa reflexão resultou no artigo “Mídia Digital e Cidadania Feminina: Instrumento de Desconstrução do Silenciamento das Mulheres e seus Impactos Sociais”, que pode ser acessado em: [file:///Users/denizedaudtbandeira/Downloads/1588-4585-1-PB%20\(1\).pdf](file:///Users/denizedaudtbandeira/Downloads/1588-4585-1-PB%20(1).pdf). Trabalho apresentado, no dia 23 de junho deste ano, no 2º Congresso Virtual da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura), realizado em parceria com o Centro Universitário das Faculdades Associadas (UNIFAE), que este ano teve como tema: “Novos letramentos, apropriação das tecnologias e o ciberespaço como construção coletiva”.

Já em um segundo momento, quando as entrevistas do projeto prático estavam finalizadas e a revisão de literatura concluída, o trabalho foi apresentado, no dia 20 de novembro, na Conferência Internacional Cátedra Jean Monnet FECAP, co-financiada pelos fundos Erasmus+ da União Europeia, que teve como temática este ano "Políticas Europeias para Direitos Humanos e Democracia: o empoderamento de grupos vulneráveis por meio de



uma nova cultura de negócios". O texto "Silenciamento feminino: impactos na cidadania de mulheres e meninas" foi apresentado no GT (Grupo de Trabalho): "Mulheres e meninas".

A etapa prática, descrita no Capítulo II deste trabalho, que corresponde ao Memorando de Produção, resultou em uma série de podcast, com o título "Agora é a voz delas", composta por seis episódios, sendo o último no formato de entrevista ping-pong, que pode ser acessado em: <https://open.spotify.com/show/7CRkPa9idI5KHh9jO96cJ5>. A duração dos episódios varia entre 10 e 12 minutos. Produção que contou com 10 entrevistas de mulheres entre 16 e 72 anos, de classes sociais e escolaridades distintas. As entrevistas aconteceram de forma presencial, no laboratório de rádio do Campus V, da PUC Goiás, e de forma online, pela plataforma Zoom e ligação telefônica.

## CAPÍTULO I

### REVISÃO DE LITERATURA

#### 1 Cidadania

Para o desenvolvimento do presente trabalho, voltado à discussão do silenciamento feminino e de seus impactos sobre a liberdade, o trabalho e a sexualidade de mulheres e meninas, foi abordado, em um primeiro momento, o conceito de cidadania e de direitos humanos, assim como uma discussão sobre a cidadania feminina. Silenciamento que se estabelece nas estruturas sociais vigentes, caracterizadas pelo machismo, a misoginia e o patriarcalismo, apesar de a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 1948, e adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, considerar “o advento de um mundo em que mulheres e homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do ser humano comum.” (UNICEF, 1948, p.1). Candau (2008, p.47) lembra que “[...] vários grupos em diferentes países questionam a universalidade dos direitos tal como foi construída, considerando-a uma expressão do Ocidente e da tradição europeia”.

[...] a construção dos direitos humanos foi feita dentro da perspectiva do ‘localismo globalizado’. É essa era a matriz hegemônica própria da modernidade, claramente presente no expansionismo europeu, portador da ‘civilização’ e das ‘luzes’. É essa a óptica que tem predominado até hoje, com diferentes versões. (CANDAU, 2008, p.48)

A chamada modernidade, no entanto, tem trazido uma grande movimentação nas relações sociais, políticas e econômicas, como a reivindicação do lugar de fala, do poder de pertencimento e a manifestação da justiça na sociedade (CANDAU, 2008). Com isso, a própria concepção de "Direitos", que transita todas as transformações pelas quais a sociedade passou e vem passando, sejam nos processos de evolução material e tecnológica, ou as relacionadas às mudanças de pensamento e as novas lutas sociais, também é colocada em pauta. Percebe-se que “[...] a problemática dos direitos humanos, muitas vezes entendidos como direitos exclusivamente individuais e fundamentalmente civis e políticos, amplia-se e, cada vez mais, afirma-se a importância dos direitos coletivos, culturais e ambientais” (CANDAU, 2008, p.46).

E por isso, alguns autores, como os presentes nesse trabalho, discutem a necessidade de modificação na teoria dos direitos humanos.

[...] nessa busca ou nessa crise de paradigma que estamos vivendo na sociedade atual, também a questão dos direitos humanos fica de alguma forma em questão e precisa ser ressignificada. Certamente todos estamos de acordo em afirmar que os direitos humanos são uma construção da modernidade e que estão profundamente impregnados com os processos, os valores, as afirmações que a modernidade propôs/propõe, legou-nos e continua instigando-nos a realizar. Vivemos imersos no seu clima político-ideológico e cultural. (CANDAUI, 2008, p.46).

Ao que tudo indica, “[...] não queremos mais a igualdade, parece. Ou a queremos menos, motiva-nos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros.” (PIERUCCI, 1999, p.7 apud CANDAUI, 2008, p.47). Candau (2008), ao discutir o tema, traz uma abordagem de um processo dinâmico, denominado "interculturalismo". A proposta é promover uma construção dos direitos humanos a partir de uma aproximação cultural, evidenciando interesses em comum, apesar das inúmeras diferenças que os pautam. E isso deve acontecer a partir de uma interação no diálogo, nos pensamentos, e também nas ações.

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade. (CANDAUI, 2008, p.52).

O fato de existir um mundo formado por pessoas geneticamente diferentes, organizadas em grupos diversos, dotados de culturas, leis, realidades e éticas diferentes, abre uma nova realidade de pensamento (CANDAUI, 2008). Realidade essa que aponta para a necessidade de deixar enxergar sentido na segregação, no apartar, mas que entende a necessidade de ser criada uma atmosfera de harmonia e interação em todas as áreas humanas, inclusive no que existe de direito e dignidade humana (CANDAUI, 2008).

Afirmar que nenhuma cultura é completa, que nenhuma dá conta de toda a riqueza do humano, leva-nos a, muito mais do que trabalhar com a ideia de uma cultura verdadeira e única, que tem de ser universalizada, desenvolver a sensibilidade para com a ideia da incompletude de todas as culturas e, portanto, da necessidade da interação entre elas. Nenhuma cultura dá conta do humano. (CANDAUI, 2008. p.48).

Percebe-se que a exclusão e/ou negação do diferente impacta, não apenas a universalização de direitos, mas conduz à uma necessidade de ressignificação do que se entende por direitos humanos. Tema que impacta de forma direta e indireta o próprio debate sobre o conceito de cidadania, que será discutido a partir desse ponto do trabalho.

### 1.1 Conceito histórico de cidadania

Desde a origem do termo nas *pólis* gregas e romanas, a cidadania passou por modificações advindas de transformações nas estruturas socioeconômicas, jurídicas, políticas, entre outras. De uma forma geral, as mudanças colaboraram para que, teoricamente, a cidadania fosse garantida a todas as pessoas, com estabelecimento dos “[...] direitos básicos à vida, como moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, trabalho, entre outros.” (REZENDE FILHO; CÂMARA NETO, 2001, p.8). No entanto, entende-se que a cidadania se constituiu em bases frágeis, que tolhem a prática dos direitos para os grupos minoritários, como as mulheres. Nas *pólis* gregas, por exemplo,

Mesmo com esse pleno direito assegurado e a existência de um regime democrático que assegurava os direitos, a cidadania aparecia de forma tímida, principalmente no que se refere ao efetivo cumprimento das decisões políticas. Muitos cidadãos, cercados por restrições econômicas e valores ligados à família, permaneciam completamente alienados e tolhidos na expressão de atos políticos. (ARENDDT, 1995, p.37-47 apud REZENDE FILHO; CÂMARA NETO, 2001, p.3).

Vale enfatizar que esta cidadania se pautava na oportunidade de produzir uma igualdade entre os homens da época, o que a tornava muito limitada e com contradição no próprio conceito, ao integrar apenas pessoas do sexo masculino. (REZENDE FILHO; CÂMARA NETO, 2001). Alguns grupos da sociedade, como as mulheres, estavam excluídos desse contexto. Acreditava-se que elas não seriam capazes de produzir escolhas políticas, por isso nem sequer eram cogitadas para serem cidadãs. (WINOGRAD, 2006).

Na Idade Média a cidadania “para todos” perdeu ainda mais força, a partir da divisão em estamentos na sociedade, da instituição do feudalismo e do poder da Igreja Católica. O clero e a nobreza adquiriram poder e, conseqüentemente, os direitos advindos da cidadania. Logo, faziam mediação entre a vida pública e a plebe. Ao final desse período, foram percebidos sinais de mudanças que possibilitaram a transição para o Iluminismo, que firmou o caráter reivindicatório da cidadania. As bases de igualdade, liberdade e fraternidade buscavam contrapor o ideal vigente de como as pessoas se viam no poder de cidadão. Buscava-se a regulação das relações de poder, garantindo ao cidadão livre atuação civil, econômica e política. (REZENDE FILHO; CÂMARA NETO, 2001).

Para Rezende Filho e Câmara Neto (2001, p.9), “esta nova consciência sobre as diferenças no interior do status de cidadão acentua os debates sobre a exclusão social, os direitos humanos e mesmo sobre a atuação política da sociedade civil”. Como discutido no capítulo anterior, reivindicava-se o lugar de fala, o poder de pertencimento e a manifestação da justiça na sociedade.

## **2 Cidadania no Feminino**

A exclusão da mulher na sociedade é secular e diferenciada (FISCHER; MARQUES, 2001). A compreensão sobre a condição bipolarizada do sexo feminino possibilita entender essa exclusão como fundamentada na diferença. É sabido que o fenômeno não é específico da mulher, mas atinge diferentes segmentos. É também notório que a exclusão não é provocada unicamente pelo setor econômico, embora se admita que este é um dos principais pilares de sustentação desse fenômeno. Na construção da cidadania, a exclusão feminina acontece para além do plano econômico, interferindo no viés político e social, e se difundindo na cultura, no trabalho, na educação, na identidade etc (FISCHER; RUFINO, 2001 apud WINOGRAD, 2006).

[...] a construção da cidadania das mulheres e da igualdade de gênero é um processo complexo que se refere à conquista de direitos e, sobretudo, à manutenção e ao aprofundamento de direitos conquistados e acumulados historicamente pela sociedade, destacando que a conquista de direitos não é categórica, mas exige acompanhamento, cuidados, proteção e vigilância permanente. (RÓDRIGUEZ, 2001, p.68 apud WINOGRAD, 2006, p.68.)

A ausência do reconhecimento da cidadania feminina, não só exclui as mulheres de uma efetiva participação na sociedade, mas também a coloca em uma posição de silenciamento. Os reflexos desse contexto são observados na falta de reconhecimento de seu papel enquanto sujeito social, na privação da liberdade e na relação estabelecida sobre seus corpos. Segundo Mattos (2012, p.4), “as mulheres, como sujeitos construídos por práticas discursivas, são atravessadas por jogos de verdades que dizem de seu corpo, de sua sexualidade, de sua forma de ser e estar no mundo”.

Ferrari (2011) apud Mattos (2012) apresenta o silenciamento como uma estratégia disciplinar, em que os jogos de poder e força, instituídos ao longo da história, permitiam a fala masculina e calavam a feminina. A estratégia de submissão é criada a partir de uma história contada e protagonizada pelo homem. "Um dos silenciamentos que atuam nos processos de subjetivação feminina se refere ao seu silenciamento histórico. A história como sendo

produzida eminentemente por homens, determinou, através de uma discursividade masculina, o silenciamento das mulheres neste campo." (MATTOS, 2012, p.9).

A invisibilidade da mulher engendrada por uma cultura androcêntrica produz discursividades de pouca participação da mulher na esfera pública, o que vem produzindo uma discursividade de passividade e de invisibilidades das mulheres, ao passo que coloca os homens como os grandes vultos patrocinadores das grandes transformações da humanidade. (RAGO, 2009 apud MATTOS, 2012, p.9)

No entanto, é importante ressaltar que:

Não é que as mulheres não estiveram na história. Não é que o lugar dos homens na história se fez independente das mulheres, estes lugares de silenciamentos, visibilidades e invisibilidades se deram nas relações discursivas entre homens e mulheres. Contudo, se deram em um momento em que as relações de força e poder tendiam para uma visão masculina de mundo. As mulheres estavam no silêncio, elas estavam na constituição do homem como transformador da história e da sociedade. Esse lugar do homem não se daria se não fosse o silenciamento e o silêncio das mulheres. (MATTOS, 2012, p.9)

A problemática do silenciamento é responsável pelo fosso existente entre mulheres e homens. No plano econômico, por exemplo, ocorre o chamado teto de vidro, que limita a ascensão das mulheres em suas carreiras, dificultando a liberdade financeira. Mulheres que lidam ainda com os altos índices de abandono afetivo paterno, que ao instituí-las mães solo, as impede de acessar maiores e melhores oportunidades de emprego. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, cerca de 12 milhões de mães chefiam lares sozinhas. Destas, mais de 57% vivem abaixo da linha da pobreza. Mulheres que lidam ainda com a sexualização e objetificação de seus corpos. No campo político, as mulheres, que enfrentam desafios no campo da saúde sexual, na democracia menstrual e no direito reprodutivo, são minoria.

## **2.1 Educação sexual e democracia menstrual**

Quando se trata de saúde sexual, um dos principais desafios para a consolidação da cidadania feminina é a promoção e circulação de informação de qualidade. "Essa restrição em torno do assunto contribui com os alarmantes indicadores, sendo registrados 66.041 casos, em 2018, de abusos sexuais, desses, 53,8% das vítimas foram do sexo feminino com até 13 anos de idade" (BERTHO, 2020, p.38 apud COSTA, 2020, p.38). No Brasil, as taxas de gravidez precoce são altas. Segundo a Agência Brasília, "o índice de gravidez na adolescência no Brasil está acima da média mundial. Em 2020, registrou-se que, a cada mil brasileiras entre 15 e 19 anos, 53 tornam-se mães." O tema da pobreza menstrual também ganha espaço. Termo utilizado para classificar a condição de inúmeras mulheres que se encontram em situações de

vulnerabilidade econômica e social, e não possuem acesso a kits de higiene e saneamento básico (banheiros e absorventes menstruais).

Assim, as meninas e mulheres recorrem a métodos inseguros para conter o próprio sangue, como folhas de jornal, folhas de árvore, telhas ou mesmo miolo de pão. Para as adolescentes, essa falta de acesso a saneamento e a produtos de higiene faz com que as meninas, além de correrem riscos de saúde, também parem de ir à escola e tenham suas possibilidades de desenvolvimento limitadas. (HERSELF, 2020, s/p).

Além dos impactos no campo da saúde, muitas mulheres são impedidas de atingir seu potencial máximo e se veem privadas de explorar os diferentes cenários: local de trabalho, de estudo, de lazer, entre outros espaços públicos e privados, de uma maneira confortável. Limitações que reafirmam a necessidade da consolidação da cidadania feminina. Meninas em países em desenvolvimento perdem até 5 dias de escola por mês quando menstruam. O Brasil ainda enfrenta o desafio da invisibilidade de mulheres em situação de rua e em cárceres.

## **2.2 Direito reprodutivo**

Como citado anteriormente, a realidade desigual enfrentada pela mulher “[...] é fruto de um longo processo histórico de opressão e mesmo com todos os avanços conquistados através de muita luta, a discrepância em relação aos sexos ainda é bastante expressiva.” (COSTA, 2020, p.14). E dentre esses desafios está ainda o exercício do direito reprodutivo. A sua negação reforça ainda mais o silenciamento feminino, problemática reforçada pela falta de informação e pela dominação masculina. Segundo Ventura (2004 apud COSTA, 2020), o direito reprodutivo é definido como direitos agregados do indivíduo, que se relacionam e permitem a ele a liberdade sexual e reprodutiva.

[...] sendo assim, alguns desses direitos correspondem à autonomia de suas funções reprodutivas, sem sofrer qualquer tipo de discriminação, e o acesso à informação e aos meios necessários para o exercício seguro e saudável da sexualidade. (VENTURA, 2004, p.20 apud COSTA, 2020, p.12).

As primeiras civilizações do período Paleolítico se organizavam com base no matriarcalismo, em que o poder é conduzido por mulheres (ginecocracia), a descendência é pautada pela linhagem materna (matrilinearidade) e há culto às divindades femininas (FERREIRA, 2016, s/i apud COSTA, 2020, p.14). A partir da agricultura e da domesticação dos animais, o poder masculino se manifesta, e passa a se colocar como biologicamente mais forte e mais capacitado (COSTA, 2020). Dessa forma, inicia-se, com clareza, a dominação masculina. “[...] o homem descobre que é ele e não qualquer divindade que fecunda a mulher,

à semelhança do macho do seu gado que fecunda a fêmea; e atribui a si próprio imediatamente o papel primordial, o de semeador de grão num terreno inerte”. (D’EAUBONNE, 1977, p.27 apud COSTA, 2020, p.16).

Há evidências etnográficas que várias sociedades tinham uma forma de organização onde as relações entre os sexos se davam de forma igualitária. Já havia, em algumas, a divisão<sup>3</sup> sexual do trabalho, porém, não se tinha a concepção de superioridade do masculino sobre o feminino que se tem no atual modo de produção. (COSTA, 2020, p.14).

A partir dessa concepção, a cidadania feminina se vê fragilizada e as mulheres perdem o direito ao próprio corpo. Atualmente, na maioria dos países, as mulheres convivem com a ilegalidade do aborto e a gestação costuma ser uma decisão do próprio Estado. Assim, muitas mulheres recorrem a métodos abortivos ilegais, seja em clínicas clandestinas, seja com remédios proibidos. Novamente a falta de informação impacta ainda mais a cidadania feminina. Muitas não conhecem ou têm acesso aos diversos métodos contraceptivos e ficam refém do parceiro sexual.

### **2.3 Movimentos das mulheres**

Winograd (2006), ao fazer um paralelo entre a responsabilidade do Estado e da sociedade civil, afirma que o forte poder institucionalizado do Estado visa cuidar da justiça e do bem-estar social, enquanto o poder da sociedade civil, fluido e disseminado, responde por lutas. Apesar de atuarem em instâncias diferentes, pode existir entre eles proximidades e interlocuções que propiciam avanços nas questões sociais, como a criação de políticas públicas eficazes. Contudo, esse processo de comunicação entre as duas partes nem sempre ocorre de maneira ordeira, pois, de modo geral, o Estado não promove uma abertura para ouvir e compreender as demandas apresentadas pelos movimentos sociais.

Nesse sentido, o movimento das mulheres se propõe como um dos poderes da sociedade civil, que não somente constrói de forma individual, dentro de sua própria luta, mas também usa do caráter propositivo para garantir interlocução com o Estado. Assim, certifica a participação na elaboração de legislação e políticas públicas, que são fundamentais para a construção da cidadania feminina. (WINOGRAD, 2006). “Os movimentos de mulheres e feministas participaram ativamente da Constituinte, sensibilizando e debatendo suas reivindicações, as quais foram consideradas quase inteiramente.” (WINOGRAD, 2006, p.71). Dessa forma:



[...] na vigente Constituição de 1988 que garante a isonomia jurídica entre homens e mulheres especificamente no âmbito familiar; que proíbe a discriminação no mercado de trabalho por motivo de sexo protegendo a mulher com regras especiais de acesso; que resguarda o direito das presidiárias de amamentarem seus filhos; que protege a maternidade como um direito social; que reconhece o planejamento familiar como uma livre decisão do casal e, principalmente, que institui ser dever do Estado coibir a violência no âmbito das relações familiares, dentre outras conquistas. (EDITORA JUSTIÇA E CIDADANIA, 2018, s/p)

O fato evidencia a importância das mulheres ocuparem espaços de poder e de se envolverem em questões que ditam sobre a cidadania, tanto no ativismo cívico, quanto na gestão governamental, para que as decisões sejam baseadas na realidade de quem vive o cotidiano feminino e tem conhecimento de suas necessidades, como a distribuição igualitária de poder entre homens e mulheres, a ampliação da participação de mulheres na política e em posições de poder, e reconhecimento da causa, por parte da sociedade. (WINOGRAD, B. 2006).

No âmbito do exercício da governança, é fundamental que as mulheres possam realizar uma ação política autêntica e assumir: o lugar de liderança e de dirigente, com capacidade para construir entendimentos e mexer com emoções, idéias e perspectivas, transpondo a noção de governante como administrador de recursos, de obras, de serviços; e a disposição do diálogo e da negociação com diferentes segmentos sociais e suas respectivas necessidades, interesses e projetos, com a função de abrir horizontes rumo à criação de futuros mais justos e humanos para todos/as. (WINOGRAD, 2006, p.73).

Além da presença das mulheres nos espaços de poder e da atuação na sociedade civil, o movimento feminista, atualmente, atenta à “Tarefa atribuída às mulheres, que precisam conciliar a vida no trabalho com as atribuições de ser a principal responsável pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos, marcando o debate sobre a divisão sexual do trabalho [...]” (NUNES; NOGUEIRA, 2019, p.50). A jornada tripla faz parte dos principais dilemas vividos por essas mulheres durante a sua atuação no mercado de trabalho, oportunizando a compreensão sobre a importância de políticas públicas que assegurem a presença das mulheres nesses locais. “[...] além disso, as lutas do movimento feministas é (sic) primordial para que os direitos das mulheres sejam consolidados e institucionalizados, nesta sociedade conservadora e machista.” (NUNES; NOGUEIRA, 2019, p.50). O movimento das mulheres,

Por suas próprias características, ofereceu uma contribuição extremamente importante, teórica e conceitual, à compreensão dos processos tais como eles estavam ocorrendo na sociedade. E a reivindicação das mulheres é aquela que busca a igualdade num mundo que reúne homens e mulheres. É uma reivindicação de que este seja um mundo de iguais. Esta reivindicação incide diretamente sobre o próprio conceito de cidadania. (WINOGRAD, 2006, p.75).

**Quadro 1 – Conquistas Femininas ao Longo da História**



Fonte: RODRIGUES, M. L. S.; MELO, L. P. S. (2021)

Como citado anteriormente, a luta atual é pelo reconhecimento das diferenças. O movimento das mulheres também caminha nesta direção ao fazer uso do lema: “Diferentes, porém iguais.” Entre todos os esforços dos movimentos nos anos 60 e 70, foi o das mulheres que mostrou com maior clareza que os direitos garantidos a um indivíduo abstrato - o cidadão

-continua a encobrir todas as diferenças. E essas diferenças não podem ser tomadas como elementos de discriminação. (WINOGRAD, 2006, p.76)

Tomando aqui a ideia de multiculturalismo, que trata das diversidades culturais que existem em cada território, de forma a colaborar para as diferenças presentes na individualidade dos cidadãos, a proposta é reforçar a importância de se pensar em cidadania e direitos humanos a partir das diferenças. Logo, esse espaço de diversidade colabora para a construção de uma ideia de cidadania local, que também atenda a demandas das novas culturas absorvidas.

### **3 Comunicação e Cidadania**

Também se faz necessário, no presente trabalho, uma discussão sobre o conceito de comunicação e sua relação com a cidadania. O objetivo é compreender a importância da comunicação e da circulação de informação para o processo de construção e consolidação da cidadania feminina, com foco no debate sobre o silenciamento das mulheres. Em um primeiro momento é importante destacar que a humanidade vive em um cenário marcado pela globalização. Aqui, a constante evolução tecnológica interfere em todo o fazer social, econômico e político, e “[...] se configura como uma marca definidora no processo de desenvolvimento humano e social.” (XAVIER; AZEVÊDO, 2009, p.1). O debate se faz em uma perspectiva histórica, em que o ser humano, em todo o seu caminhar, desenvolveu formas de linguagem que possibilitassem contato com o outro, o que reforça sua natureza relacional.

Ora, se a existência da cultura está subordinada a forma de comunicação do tipo humano, isto é, comunicação simbólica, temos que admitir que os fundamentos da comunicação precisam ser buscados nos caracteres biológicos do homem, pois cultura e comunicação simbólica surgiram na terra simultaneamente como o próprio gênero humano (SOUZA BRASIL, 1973, p.76 apud PERLES, 2007, p.1 e 2).

A forma de comunicação pré-tecnológica se restringia à escrita alfabética e ao gênero linguístico. Já as novas formas de comunicação se juntam às anteriores, porém no ambiente do ciberespaço e do gênero digital. Assim, ampliam as relações humanas e desenvolvem a chamada sociedade da informação, produto da relação da tecnologia com o ser humano, que o torna, a priori, capaz de ter acesso e compartilhar qualquer informação, instantaneamente.

O cenário da globalização e da evolução tecnológica influenciou na forma como a humanidade vive e se relaciona. À medida que novas descobertas surgem, a sociedade se adapta a ela, pois "tudo está interligado". Portanto, a sociedade da informação é marcada pelo dinamismo, pela flexibilidade e rapidez, pelo livre acesso à informação, sendo produtora e receptora, pela necessidade de se manter alerta às atualizações tecnológicas e pela

transformação que todo o conhecimento traz para a realidade de vida, o cotidiano, o comportamento e a cultura.

De fato, a linguagem digital é uma realidade e está consolidada, praticamente, em todas as atividades humanas, das mais simples às mais complexas. Ela transformou, radicalmente, a natureza da comunicação escrita e o letramento convencional, uma vez que introduziu novas práticas discursivas e um novo paradigma nas ciências da linguagem. (XAVIER; AZEVÊDO, 2009, p.3)

À medida que se entende que a globalização e a tecnologia interferem nas relações humanas, é importante que todos tenham acesso a ela e aos seus instrumentos de uso. Contudo, o cenário atual não condiz com as expectativas. Segundo o site Brasil de Fato, 46 milhões de brasileiros não possuem acesso à internet, seja pelo alto valor do serviço, seja pela falta do aparelho celular, computador ou tablet. Dentro desta porcentagem, 75% da população urbana é usuária de internet. Já no campo, esse número cai para 53%, ou seja, quase metade dos moradores das áreas rurais não acessam a Internet.

Diante desse universo atrativo e dinâmico da linguagem digital, entendemos que estudos sobre a relação entre sociedade e novas tecnologias tornam-se cada vez mais necessários, frente à intensa penetração da rede mundial de computadores. Uma vez que a Internet afeta as relações humanas e, ter acesso à mesma, é uma questão de inclusão social. (XAVIER; AZEVÊDO, 2009, p.4).

É preciso destacar nesse cenário a presença da grande mídia como formadora da percepção social. Comunicação e/ou transmissão de conteúdos que se faz por meio de recorte do que é vivenciado pela sociedade, muitas vezes de forma passiva. "No entanto, diferentemente do que se pensava anos atrás, os meios de comunicação de massa não afetam os sujeitos de forma acachapante: eles têm poder de agência, ou seja, não são meros receptores passivos." (BARCELLOS; RODRIGUES, 2020, p.12). Sujeitos que saem do lugar de somente receptores e se tornam produtores de conteúdo. Também desenvolvem um controle maior sobre o que recebem e gerenciam os efeitos causados pela mídia, dependendo "[...] dos usos que os sujeitos fazem, dos sentidos que os mesmos atribuem aos conteúdos." (BARCELLOS; RODRIGUES, 2020, p.14).

É certo dizer que o aprendizado no convívio social surge com a vivência na família, na escola, e através das mídias. Discurso midiático que muitas vezes "[...] colocam normas sociais, calcadas em uma cultura, pela qual nos dizem como ser homens, mulheres, negros, brancos, indígenas, etc." (BARCELLOS; RODRIGUES, 2020, p.2). Ação que corrobora para a criação e/ou fortalecimento de estereótipos e versões normativas sobre o que é ser mulher, que acabam perpetuando, por exemplo, a violência de gênero. E, ao estabelecer lugares e limites para uns e

outros, “[...] é geradora de desigualdades entre gêneros que reforçam as relações assimétricas e de poder entre homens e mulheres.” (BARCELLOS, L. B; RODRIGUES, 2020, p.2).

Como parte pertencente de uma cultura, os meios de comunicação ressaltam comportamentos através das representações que fazem. Em alguns casos, essas representações, podem, inclusive, levar a problemas mais graves do que a formação de identidade: no caso da violência de gênero, ao expor que as mulheres são seres inferiores e devem ser submissas aos homens, o discurso midiático legitima a mulher como propriedade do homem, deixando implícito, portanto, que cabe a ele fazer o que quiser com ela. (BARCELLOS; RODRIGUES, 2020, p.14 e 15).

Faz-se necessário pensar também como isso afeta diretamente a construção da cidadania feminina. As mulheres, muitas vezes privadas do acesso à informação e à comunicação, não assumem o papel de protagonistas de suas narrativas. Muitas, diante desse cenário, se submetem a imposições sociais, políticas ou econômicas que ampliam ainda mais o silenciamento feminino, tema discutido no trabalho.

Em contrapartida, é imprescindível que as causas e consequências do silenciamento sejam abordadas de forma recorrente na mídia, oportunizando o processo de reconhecimento das diferenças entre os gêneros, lembrado pela frase inspiradora do movimento das mulheres: “Diferentes, porém iguais”. E assim, o objetivo das mídias passa a ser a contribuição de maneira efetiva para o cumprimento da cidadania feminina.

O início da imprensa no Brasil se deu em 1808, com a criação da Imprensa Régia e o lançamento do Jornal Gazeta do Rio de Janeiro. Nasceu “[...] das mãos de D. João VI para registrar o que acontecia na colônia e, desde então, continuou nas mãos de quem tinha mais poder aquisitivo.” (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2017, s/p). Mídia que historicamente não encontrou, até esse momento, seu caminho para a diversidade.

#### **4 Podcast**

O Podcast é um produto de mídia em formato de áudio, feito sob demanda dos ouvintes, ou seja, pode ser ouvido no momento em que o usuário desejar. O acesso ocorre através de download ou em diversas plataformas, como *Spotify*, *Apple Podcast*, *Google Podcast*, etc, e a variedade de temáticas é um dos pontos que chama a atenção para o material.

O surgimento desse material se deu no ano de 2004 e está atribuído a Adam Curry, criador do primeiro agregador de podcasts. O termo deriva de uma junção: Pod – “*Personal On Demand*” (pessoal sob demanda), retirada de *iPod* (eletrônico da marca Apple), com *broadcast* (radiodifusão). No Brasil, o podcast se popularizou em 2015 e o pioneiro foi o “Projeto Humanos”, idealizado por Ivan Mizanzuk, que trata sobre investigação de casos reais.

Segundo a Associação Brasileira de Podcasters (ABPod), os principais momentos de consumo do podcast são em períodos de deslocamento (79%), nas tarefas domésticas (68%), na atividade física (39%) e no trabalho (38%). Além disso, de todo o público que consome podcast, 83% possuem escolaridade de curso superior, mesmo que incompleto. Isso significa que os consumidores desse material são mais específicos e possuem uma base escolar elevada, em relação a outros meios de comunicação.

Ainda conforme a pesquisa, a preferência da audiência de podcasts é por produtos nacionais, cerca de 62% do público. E quando se fala sobre gênero, em 2019, 56% dos consumidores eram homens e 44%, mulheres. Ademais, ocorreu uma mudança entre os maiores produtores de podcast do país. Em 2018, no ranking estava "[...] produtores independentes e conteúdos sobre questões nerds, games e humor, atualmente, o topo do ranking é dominado por grandes produtoras como a Globo, trazendo notícias e discussões sobre política e economia." (SUPERPLAYER&CO, 2020, s/p)

Quando se trata de assuntos que são considerados tabus sociais, a plataforma dos podcasts são uma ótima oportunidade para a promoção de debates. Os podcasts podem servir como fonte de informação, a partir do momento que o ouvinte é inserido em uma realidade, até então desconhecida. O aumento da produção de material em áudio por veículos jornalísticos exemplifica e afirma essa questão. Além disso, o podcast também tem destaque midiático pois “ pois apresenta características particulares, como flexibilidade em seus aspectos de produção e distribuição, acrescentando, em razão disso, possibilidades pedagógicas.” (SAIDELLES, T, 2018, p 2)

Por outro lado, há muito o que falar sobre a inclusão social no mundo dos podcasts. Percebe-se que a cultura de ouvir o produto ainda é “elitizada”, porque, para usufruir dos conteúdos, se faz necessário acesso à internet, e como citado anteriormente, uma parcela significativa da população não a possui, mais especificamente, 46 milhões de brasileiros. Além disso, vários desses conteúdos estão disponíveis em plataformas pagas, o que limita ainda mais o acesso, considerando a realidade socioeconômica de muitos brasileiros.

A alfabetização midiática também é fundamental no processo de consumo da mídia de forma consciente. De acordo com um estudo de 2019, realizado pelo Kantar Ibope Media, 83% dos brasileiros escutam rádio. Considerando esta estatística e a produção e popularização do podcast, a partir de recortes estruturais advindos deste meio de comunicação, uma alternativa seria a inclusão dos conteúdos nas programações das emissoras, garantindo uma diversidade ainda maior de debates. Ressalta-se que os podcasts produzidos por mulheres e com temáticas femininas estão ganhando cada vez mais espaço na chamada “podosfera”. Alguns exemplos

são os canais “Mamilos (2014)”, que tem o objetivo de falar do universo feminino de forma leve e descontraída, “Mulheres que escrevem (2015)”, que busca discutir a produção literária feminina, “Outras Mamas Podcast (2018)”, primeiro podcast feminista e vegano, e “Pretas na Rede (2018)”, que tem a proposta de falar sobre a vida e o universo das mulheres negras.

## **CAPÍTULO II**

### **MEMORANDO DE PRODUÇÃO**

#### **1 Laura Panobianco**

##### **1.1 Justificativa da temática abordada no trabalho**

Ao iniciar a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCCI) e em diálogo com a minha colega de curso Maria Luiza, que integra esse projeto, tive clareza do desejo de trabalhar na produção de podcast, com temática sobre o feminino, com ênfase nas consequências da desinformação na vida sexual e menstrual das mulheres. A escolha de formato se deve à sua viabilidade de produção e facilidade de distribuição, assim como ao crescente consumo do produto no Brasil. Nesse processo, foram levantadas uma série de questões importantes para estruturar as bases do tema e o formato do trabalho. O resultado, que pode ser conferido na série de podcast "Agora é a voz delas", que traz como tema central o silenciamento feminino, termo ainda pouco conhecido, exemplifica a terrível desigualdade de gênero na qual se estruturou e se estrutura a sociedade. Estudar e reverberar, aqui por meio de uma produção jornalística, o silenciamento feminino, tem como objetivo central a promoção do debate sobre a desigualdade de gênero e seus desdobramentos na vida de mulheres e meninas.

##### **1.2 Referencial teórico e definição da temática - fevereiro a junho**

O processo de produção do referencial teórico e/ou revisão de literatura se passou entre os meses de fevereiro e junho de 2021, durante a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC I). Foi um período intenso, de muito aprendizado e descobertas sobre a dura e, muitas vezes, infeliz caminhada da mulher. Na primeira reunião de orientação com a professora Denize Daudt Bandeira, a base do trabalho já havia sido pensada. Seria um material em áudio, no formato de podcast, que retratasse a mulher e as consequências do silenciamento na consolidação de seus direitos. As personagens seriam mulheres de idade e realidades socioeconômicas diferentes, que pudessem contar suas histórias e vivências a partir do tema proposto.

Depois de muitas discussões e um intenso período de pesquisa bibliográfica, foi possível construir um referencial teórico capaz de possibilitar ao grupo uma reflexão da proposta central



do trabalho: o silenciamento feminino e seus impactos sociais na vida de mulheres e meninas. Parte do trabalho que discute direitos humanos, cidadania, cidadania feminina e comunicação e cidadania. A pesquisa bibliográfica, - que conta ainda com uma discussão sobre silenciamento feminino e os movimentos das mulheres -, foi fundamental ainda para a percepção de que a desigualdade entre homens e mulheres é um problema real, mas ainda pouco discutido na sociedade, o que justifica a proposta aqui apresentada. O capítulo, que aborda o silenciamento feminino, discute o seu impacto na vida sexual, na saúde e no direito reprodutivo feminino. Além disso, a pesquisa busca lançar luz sobre os impactos da desinformação na vida de mulheres e meninas.

### **1.3 Elaboração das pautas e realização das entrevistas - agosto e setembro**

Após o retorno das aulas e início do segundo semestre (2021-2), as reuniões de orientação pautaram a produção prática do trabalho. Ficou definido que seria um material de áudio, no formato de podcast. Nessa fase, foi realizada a divisão dos episódios e a organização das temáticas que resultaram nos roteiros (ver apêndice). Em um primeiro momento, foi feita a elaboração das pautas e a organização das entrevistas (ver apêndice). Essa etapa ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2021, durante a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II).

Pela complexibilidade do tema, as primeiras buscas por personagens que pudessem contar suas histórias de silenciamento não foram tão positivas, já que muitas das fontes contactadas não tinham entendimento do termo. Após algumas reuniões de orientação, em que a professora Denize Daudt Bandeira discutiu a amostragem do trabalho, o grupo optou pela busca de personagens que vivenciaram contextos nos quais sentiram-se menosprezadas, caladas ou humilhadas, o que reflete movimentos de silenciamento. Mudança que colaborou para iniciar o debate com as fontes. Sobre elencar e encontrar especialistas que pudessem trazer uma perspectiva social, psicológica ou comunicacional sobre o tema, o grupo não encontrou dificuldades significativas. A única exigência era que todas fossem mulheres. O objetivo era manter o olhar feminino sobre a temática do trabalho. As entrevistas, principalmente das personagens (não especialistas), compuseram o momento mais desafiador do processo de produção desse projeto. Apesar de ser uma ação recorrente no exercício profissional em jornalismo, ouvir as histórias foi extremamente impactante e inquietante. Etapa fundamental na percepção da teoria discutida no trabalho.

Devido à pandemia da Covid-19 e à distância que algumas entrevistadas estavam da cidade de Goiânia, as entrevistas foram realizadas no modo presencial e online. As personagens

que puderam e se sentiram confortáveis com a presencialidade foram entrevistadas no laboratório de Rádio do Campus V da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Já as que optaram pelo online, foram ouvidas por telefone ou pela plataforma Zoom. Após a finalização das entrevistas, surgiu a ideia de fazer um podcast no formato de entrevista (ping-pong) com a minha mãe e da Maria Luiza. Duas mulheres já na casa dos 50 anos, de contextos sociais diferentes, com histórias interessantes, que poderiam tanto relatar situações, quanto abordar temáticas que ainda não haviam sido exploradas pelas demais entrevistadas.

#### **1.4 Elaboração dos roteiros - outubro**

A escrita dos roteiros se deu após a gravação de todo o material em áudio das entrevistas (ver apêndice). À priori, as falas mais importantes de cada entrevistada foram separadas e anexadas em um arquivo, e depois, unidas e separadas novamente, porém, em blocos temáticos, pensados de acordo com os capítulos do referencial teórico. Assim, foi possível definir, não somente a montagem da sequência das falas, mas a quantidade e a divisão dos episódios e temáticas. O intuito era abordar o silenciamento por meio das vivências das personagens, sem adentrar ao sensacionalismo ou expô-las sem necessidade. Logo, os roteiros foram construídos organicamente e com uma visão bastante humanizada.

A escolha por fazer uso do podcast narrativo foi tomada durante o processo de roteirização. Até então, não era uma opção confortável para o grupo, pelo modelo se assemelhar ao formato de reportagem de rádio. Porém, após ouvir a série de podcast Praia dos Ossos, produzida pela Rádio Novelo, recomendada pela orientadora deste projeto (Denize Daudt Bandeira), essa ideia se tornou possível, principalmente pela forma como a narrativa foi adotada na série. Nessa etapa do projeto, além da organização das falas, foram escolhidos os backgrounds (BG), definida a vinheta de abertura e demarcados os tempos iniciais e finais de cada áudio das entrevistadas.

Ao final, foram elaborados seis episódios que compõem a série de podcast (Agora é a voz delas), que tem mulheres e meninas como público principal, divididos pelos seguintes temas: “Silenciamento feminino, o que é isso mesmo?”, “Silenciamento feminino: impactos sociais”, “Silenciamento feminino: sexualidade e saúde da mulher”, “Silenciamento feminino: conquistas e desafios”, “Silenciamento feminino: um olhar para o futuro”, incluindo a entrevista com as mães, “Silenciamento feminino, uma conversa com as nossas mães”. O podcast está disponível em: <https://open.spotify.com/show/7CRkPa9idI5KHh9jO96cJ5>. Compõe ainda o trabalho um perfil no Instagram para o podcast, que pode ser acessado em: <https://www.instagram.com/agoraevozdelas/>. O perfil é um caminho de distribuição do

material e divulgação de todos os episódios, além de ser uma ponte de contato com os ouvintes, que podem deixar impressões, feedbacks e comentários nas postagens, e mensagens diretas. Futuramente, gostaríamos de utilizar esse perfil como divulgador de eventos, cursos e demais atividades de promoção de direitos de mulheres e meninas.

### **1.5 Gravação e edição - novembro**

Após a gravação das entrevistas, decupagem e escrita dos roteiros (ver apêndices), o grupo começou o processo de gravação (OFFs dos episódios do podcast), realizada no laboratório de rádio do Campus V da PUC Goiás. Momento em que também foi gravada e editada a vinheta do Trabalho (abertura). O processo de edição do produto foi realizado pelo técnico de rádio da PUC Goiás, o jornalista Nilson Ribeiro Filho.

### **1.6 Lista de entrevistadas**

**1) Nome completo:** Marina de Moraes e Prado Morabi

**Idade:** 35 anos

**Profissão:** Psicóloga. Mestre em Psicologia. Especialista em Psicologia da Saúde e Hospitalar e em Psicologia Clínica. Docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Psicóloga clínica e perinatal; psicóloga da Secretaria Estadual de Saúde (SES); docente em cursos de Pós-Graduação Lato Sensu; pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Psicopatologia Clínica e Psicologia e Saúde (NPPS); coordenadora do Programa em Nome da Vida (PNV - CDEX/PROEX/PUC Goiás).

**Data da entrevista:** 15/09/21 - Campus V

**2) Nome Completo:** Ana Carolina Nunes Bispo de Rezende Carmo

**Idade:** 29 anos

**Profissão:** Dona de casa;

**Data da entrevista:** 16/09/21 - Campus V

**3) Nome Completo:** Graziely Ferreira de Miranda Gurgel

**Idade:** 16 anos

**Profissão:** Estudante

**Data da entrevista:** 25/09/21 - Skype e Telefone

**4) Nome Completo:** Joana Borges Lemos

**Idade:** 72 anos

**Profissão:** Aposentada e costureira

**Data da entrevista:** 25/09/21 - Joana Lemos – telefone

**5) Nome Completo:** Narely Batista Pereira

**Idade:** 28 anos

**Profissão:** Jornalista, formada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), em 2014. Gerente de Articulações e Ações de Igualdade Racial da Prefeitura de Goiânia; assessora de comunicação na Associação Brasileira de Festivais Independentes (ABRAFIN); redatora publicitária na agência de publicidade Lab 6. Trabalhou na Rádio Difusora de Goiânia e na Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, na Chapada dos Veadeiros. Desde 2013, desenvolve projetos junto a povos indígenas, comunidades tradicionais e quilombolas de Goiás e do Brasil.

**Data da entrevista:** 29/09/21 - Campus V

**6) Nome Completo:** Isabela Silva Costa

**Idade:** 19 Anos

**Profissão:** Estudante de Nutrição

**Data da entrevista:** 30/09 - Campus V

**7) Nome Completo:** Flávia Bedicks

**Idade:** 25 Anos

**Profissão:** Economista

**Data da entrevista:** 30/09/21 - Zoom

**8) Nome Completo:** Silvana Rodrigues Monteiro

**Idade:** 52 anos

**Profissão:** Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1996), especialização em Assessoria em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (2003) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2011). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo Impresso e Edição.

**Data da entrevista:** 07/10/21 - Campus V

**9) Nome Completo:** Telma Soares Da Costa

**Idade:** 52 Anos

**Profissão:** Secretária médica

**Data da entrevista:** 10/10/21 - Casa da Laura

**10) Nome Completo:** Vânia Panobianco Silva Melo

**Idade:** 55 Anos

**Profissão:** Auxiliar financeiro

**Data da entrevista:** 10/10/21 - Casa da Laura

### **1.7 Participação do congresso ABCIBER**

Durante o processo de produção teórica, realizada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC), nossa orientadora levantou a possibilidade de apresentarmos essa primeira reflexão em congressos nacionais e internacionais, o que resultou na participação da equipe no 2º Congresso Virtual da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura), realizado em parceria com o Centro Universitário das Faculdades Associadas (UNIFAE), que este ano teve como tema: “Novos letramentos, apropriação das tecnologias e o ciberespaço como construção coletiva”.

O grupo teve participação no dia 23 de junho de 2021 no GT1 (Literacia digital: comunicação e cidadania). Além de integrar os anais do evento, o trabalho completo (artigo), com o título “Mídia Digital e Cidadania Feminina: Instrumento de Desconstrução do Silenciamento das Mulheres e seus Impactos Sociais”, pode ser acessado em: [file:///Users/denizedaudtbandeira/Downloads/1588-4585-1-PB%20\(1\).pdf](file:///Users/denizedaudtbandeira/Downloads/1588-4585-1-PB%20(1).pdf). Já na disciplina de TCC II, a equipe apresentou uma discussão, com recorte agora também nas falas das entrevistadas, na Conferência Internacional da Cátedra Jean Monnet Fecap, com o tema: “Silenciamento feminino: impactos na cidadania de mulheres e meninas” ([https://www.catedrafecap.sinteseeventos.com.br/trabalho/view?ID\\_TRABALHO=6204](https://www.catedrafecap.sinteseeventos.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=6204)).

## **2 Maria Luiza Soares**

### **2.1 Justificativa da temática abordada no trabalho**

Durante a graduação em Jornalismo, não tive, assim como alguns colegas, uma ideia pré-definida para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No entanto, almejava trabalhar com uma temática social que envolvesse grupos vulneráveis que requerem urgência de debates e de políticas públicas. Além de trazer para a pauta um assunto com esse perfil, desejava discutir a comunicação como caminho possível para a promoção da cidadania e dos direitos humanos.

A partir de algumas conversas com a minha colega de curso Laura Panobianco, que integra o presente projeto, a decisão foi trabalhar com temáticas voltadas à promoção da cidadania feminina. Já nas primeiras semanas de conversas e pesquisas, e a partir das orientações com a professora Denize Daudt Bandeira, chegamos ao tema que dá vida a uma série de podcast (Agora é a voz delas), composta por seis episódios, que aborda o silenciamento feminino e seus desdobramentos sociais na vida de mulheres e meninas, resultado prático desse TCC.

O silenciamento feminino, - aqui entendido como uma estratégia disciplinar que permite a fala masculina e cala a feminina -, exclui as mulheres de uma participação plena na sociedade e em seus espaços políticos e econômicos, por exemplo, o que reforça o ambiente doméstico como o lugar do feminino. As consequências estão na falta do autoconhecimento, o que tem consequências, inclusive, na sexualidade e na saúde desse grupo. Silenciamento observado também em escolhas cotidianas, tais como: o que vestir, quem amar, carreira, etc. Como destaca Mattos (2012, p.4), “as mulheres, como sujeitos construídos por práticas discursivas, são atravessadas por jogos de verdades que dizem de seu corpo, de sua sexualidade, de sua forma de ser e estar no mundo”.

A partir do entendimento e da definição do tema central, o grupo buscou aprofundar conceitos que permeiam o silenciamento feminino e entender seus reflexos sociais, bem como trabalhar a importância dos movimentos das mulheres na garantia de direitos e de cidadania. Trabalho que aborda ainda, no material teórico e prático, o papel da comunicação nesses contextos, considerando a informação como bem público e a atuação da mídia como formadora da percepção social.

## **2.2 Referencial teórico e definição da temática - fevereiro a junho**

O processo de produção do referencial teórico e/ou revisão de literatura se passou entre os meses de fevereiro e junho de 2021, durante a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC I). Foi um período intenso, de muito aprendizado e descobertas sobre a dura e, muitas vezes, infeliz caminhada da mulher. Na primeira reunião de orientação com a professora Denize Daudt Bandeira, a base do trabalho já havia sido pensada. Seria um material em áudio, no formato de podcast, que retratasse a mulher e as consequências do silenciamento na consolidação de seus direitos. As personagens seriam mulheres de idade e realidades socioeconômicas diferentes, que pudessem contar suas histórias e vivências a partir do tema proposto.

Depois de muitas discussões e um intenso período de pesquisa bibliográfica, foi possível construir um referencial teórico capaz de possibilitar ao grupo uma reflexão da proposta central do trabalho: o silenciamento feminino e seus impactos sociais na vida de mulheres e meninas. Parte do trabalho que discute direitos humanos, cidadania, cidadania feminina e comunicação e cidadania. A pesquisa bibliográfica, - que conta ainda com uma discussão sobre silenciamento feminino e os movimentos das mulheres -, foi fundamental ainda para a percepção de que a desigualdade entre homens e mulheres é um problema real, mas ainda pouco discutido na sociedade, o que justifica a proposta aqui apresentada. O capítulo, que aborda o silenciamento feminino, discute o seu impacto na vida sexual, na saúde e no direito reprodutivo feminino. Além disso, a pesquisa busca lançar luz sobre os impactos da desinformação na vida de mulheres e meninas.

### **2.3 Elaboração das pautas e realização das entrevistas - agosto e setembro**

Após o retorno das aulas e início do segundo semestre (2021-2), as reuniões de orientação pautaram a produção prática do trabalho. Ficou definido que seria um material de áudio, no formato de podcast. Nessa fase, foi realizada a divisão dos episódios e a organização das temáticas que resultaram nos roteiros (ver apêndice). Em um primeiro momento, foi feita a elaboração das pautas e a organização das entrevistas (ver apêndice). Essa etapa ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2021, durante a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II).

Pela complexibilidade do tema, as primeiras buscas por personagens que pudessem contar suas histórias de silenciamento não foram tão positivas, já que muitas das fontes contactadas não tinham entendimento do termo. Após algumas reuniões de orientação, em que a professora Denize Daudt Bandeira discutiu a amostragem do trabalho, o grupo optou pela busca de personagens que vivenciaram contextos nos quais sentiram-se menosprezadas, caladas ou humilhadas, o que reflete movimentos de silenciamento. Mudança que colaborou para iniciar o debate com as fontes. Sobre elencar e encontrar especialistas que pudessem trazer uma perspectiva social, psicológica ou comunicacional sobre o tema, o grupo não encontrou dificuldades significativas. A única exigência era que todas fossem mulheres. O objetivo era manter o olhar feminino sobre a temática do trabalho. As entrevistas, principalmente das personagens (não especialistas), compuseram o momento mais desafiador do processo de produção desse projeto. Apesar de ser uma ação recorrente no exercício profissional em jornalismo, ouvir suas histórias foi extremamente impactante e inquietante. Etapa fundamental na percepção da teoria discutida no trabalho.

Devido à pandemia da Covid-19 e à distância que algumas entrevistadas estavam da cidade de Goiânia, as entrevistas foram realizadas no modo presencial e online. As personagens que puderam e se sentiram confortáveis com a presencialidade foram entrevistadas no laboratório de Rádio do Campus V da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Já as que optaram pelo online, foram ouvidas por telefone ou pela plataforma Zoom. Após a finalização das entrevistas, surgiu a ideia de fazer um podcast no formato de entrevista (ping-pong) com a minha mãe e da Laura. Duas mulheres já na casa dos 50 anos, de contextos sociais diferentes, com histórias interessantes, que poderiam tanto relatar situações, quanto abordar temáticas que ainda não haviam sido exploradas pelas demais entrevistadas.

#### **2.4 Elaboração dos roteiros - outubro**

A escrita dos roteiros se deu após a degravação de todo o material em áudio das entrevistas (ver apêndice). À priori, as falas mais importantes de cada entrevistada foram separadas e anexadas em um arquivo, e depois, unidas e separadas novamente, porém, em blocos temáticos, pensados de acordo com os capítulos do referencial teórico. Assim, foi possível definir, não somente a montagem da sequência das falas, mas a quantidade e a divisão dos episódios e temáticas. O intuito era abordar o silenciamento por meio das vivências das personagens, sem adentrar ao sensacionalismo ou expô-las sem necessidade. Logo, os roteiros foram construídos organicamente e com uma visão bastante humanizada.

A escolha por fazer uso do podcast narrativo foi tomada durante o processo de roteirização. Até então, não era uma opção confortável para o grupo, pelo modelo se assemelhar ao formato de reportagem de rádio. Porém, após ouvir a série de podcast Praia dos Ossos, produzida pela Rádio Novelo, recomendada pela orientadora deste projeto (Denize Daudt Bandeira), essa ideia se tornou possível, principalmente pela forma como a narrativa foi adotada na série. Nessa etapa do projeto, além da organização das falas, foram escolhidos os backgrounds (BG), definida a vinheta de abertura e demarcados os tempos iniciais e finais de cada áudio das entrevistadas.

Ao final, foram elaborados seis episódios que compõem a série de podcast (Agora é a voz delas), que tem mulheres e meninas como público principal, divididos pelos seguintes temas: “Silenciamento feminino, o que é isso mesmo?”, “Silenciamento feminino: impactos sociais”, “Silenciamento feminino: sexualidade e saúde da mulher”, “Silenciamento feminino: conquistas e desafios”, “Silenciamento feminino: um olhar para o futuro”, incluindo a entrevista com as mães, “Silenciamento feminino, uma conversa com as nossas mães”. O podcast está disponível em: <https://open.spotify.com/show/7CRkPa9idI5KHh9jO96cJ5>. Compõe ainda o



trabalho um perfil no Instagram para o podcast, que pode ser acessado em: <https://www.instagram.com/agoraevozdelas/>. O perfil é um caminho de distribuição do material e divulgação de todos os episódios, além de ser uma ponte de contato com os ouvintes, que podem deixar impressões, feedbacks e comentários nas postagens, e mensagens diretas. Futuramente, gostaríamos de utilizar esse perfil como divulgador de eventos, cursos e demais atividades de promoção de direitos de mulheres e meninas.

## **2.5 Gravação e edição - novembro**

Após a gravação das entrevistas, decupagem e escrita dos roteiros (ver apêndices), o grupo começou o processo de gravação (OFFs dos episódios do podcast), realizada no laboratório de rádio do Campus V da PUC Goiás. Momento em que também foi gravada e editada a vinheta do Trabalho (abertura). O processo de edição do produto foi realizado pelo técnico de rádio da PUC Goiás, o jornalista Nilson Ribeiro Filho.

## **2.6 Lista de entrevistadas**

**1) Nome completo:** Marina de Moraes e Prado Morabi

**Idade:** 35 anos

**Profissão:** Psicóloga; mestre em Psicologia; especialista em Psicologia da Saúde e Hospitalar e em Psicologia Clínica; docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás); psicóloga clínica e perinatal; psicóloga da Secretaria Estadual de Saúde (SES); docente em cursos de Pós-Graduação Lato Sensu; pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Psicopatologia Clínica e Psicologia e Saúde (NPPS); coordenadora do Programa em Nome da Vida (PNV - CDEX/PROEX/PUC Goiás).

**Data da entrevista:** 15/09/21 - Campus V

**2) Nome Completo:** Ana Carolina Nunes Bispo de Rezende Carmo

**Idade:** 29 anos

**Profissão:** Dona de casa;

**Data da entrevista:** 16/09/21 - Campus V

**3) Nome Completo:** Graziely Ferreira de Miranda Gurgel

**Idade:** 16 anos

**Profissão:** Estudante

**Data da entrevista:** 25/09/21 - Skype e Telefone

**4) Nome Completo:** Joana Borges Lemos

**Idade:** 72 anos

**Profissão:** Aposentada e costureira

**Data da entrevista:** 25/09/21 - Joana Lemos – telefone

**5) Nome Completo:** Narely Batista Pereira

**Idade:** 28 anos

**Profissão:** Jornalista, formada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), em 2014. Gerente de Articulações e Ações de Igualdade Racial da Prefeitura de Goiânia; assessora de comunicação na Associação Brasileira de Festivais Independentes (ABRAFIN); redatora publicitária na agência de publicidade Lab 6. Trabalhou na Rádio Difusora de Goiânia e na Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, na Chapada dos Veadeiros. Desde 2013, desenvolve projetos junto a povos indígenas, comunidades tradicionais e quilombolas de Goiás e do Brasil.

**Data da entrevista:** 29/09/21 - Campus V

**6) Nome Completo:** Isabela Silva Costa

**Idade:** 19 Anos

**Profissão:** Estudante de Nutrição

**Data da entrevista:** 30/09 - Campus V

**7) Nome Completo:** Flávia Bedicks

**Idade:** 25 Anos

**Profissão:** Economista

**Data da entrevista:** 30/09/21 - Zoom

**8) Nome Completo:** Silvana Rodrigues Monteiro

**Idade:** 52 anos

**Profissão:** Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1996), especialização em Assessoria em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (2003) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2011). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo Impresso e Edição.

**Data da entrevista:** 07/10/21 - Campus V

**9) Nome Completo:** Telma Soares Da Costa

**Idade:** 52 Anos

**Profissão:** Secretária médica

**Data da entrevista:** 10/10/21 - Casa da Laura

**10) Nome Completo:** Vânia Panobianco Silva Melo

**Idade:** 55 Anos

**Profissão:** Auxiliar financeiro

**Data da entrevista:** 10/10/21 - Casa da Laura

## **2.7 Participação do congresso ABCIBER**

Durante o processo de produção teórica, realizada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC), nossa orientadora levantou a possibilidade de apresentarmos essa primeira reflexão em congressos nacionais e internacionais, o que resultou na participação da equipe no 2º Congresso Virtual da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura), realizado em parceria com o Centro Universitário das Faculdades Associadas (UNIFAE), que este ano teve como tema: “Novos letramentos, apropriação das tecnologias e o ciberespaço como construção coletiva”.

O grupo teve participação no dia 23 de junho de 2021 no GT1 (Literacia digital: comunicação e cidadania). Além de integrar os anais do evento, o trabalho completo (artigo), com o título “Mídia Digital e Cidadania Feminina: Instrumento de Desconstrução do Silenciamento das Mulheres e seus Impactos Sociais”, pode ser acessado em: [file:///Users/denizedaudtbandeira/Downloads/1588-4585-1-PB%20\(1\).pdf](file:///Users/denizedaudtbandeira/Downloads/1588-4585-1-PB%20(1).pdf). Já na disciplina de TCC II, a equipe apresentou uma discussão, com recorte agora também nas falas das entrevistadas, na Conferência Internacional da Cátedra Jean Monnet Fecap, com o tema: “Silenciamento feminino: impactos na cidadania de mulheres e meninas” ([https://www.catedrafecap.sinteseeventos.com.br/trabalho/view?ID\\_TRABALHO=6204](https://www.catedrafecap.sinteseeventos.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=6204)).

## CONCLUSÃO

À priori, sabe-se que a gênese de um produto jornalístico é a pauta, construída a partir do ponto de vista do jornalista ou da empresa jornalística sobre um determinado fato social. A história curiosa e anônima que precisa ser contada, e denunciada, assim como os diversos assuntos que abarcam os critérios de noticiabilidade (inesperado, morte, violência, entre outros). Contudo, se faz necessário pensar que há muitas narrativas relevantes na sociedade que precisam ser pautadas e ganhar espaço na mídia, e mesmo assim, não são devidamente abordadas. São, na maioria das vezes, pautas que vão de encontro aos temas "frágeis" da sociedade, relacionados aos grupos marginalizados, como mulheres, LGBTQIA+, pobres, negros etc. Temas que muitas vezes, ao ganharem espaço na mídia, são abordados de forma caricaturada, o que acaba por reforçar preconceitos e estimular a violência.

Além disso, é necessário pensar sobre a agenda pública. A realidade do Jornalismo no Brasil passa pelo vínculo entre empresas jornalísticas e grandes apoios de famílias tradicionais da política, que, querendo ou não, colaboram para que o recorte da informação ganhe vieses, que muitas vezes limitam os assuntos a serem pautados. Uma tentativa de mudar o cenário são os jornais independentes, o que coloca também outros desafios, como a sobrevivência desses meios.

Existe uma necessidade urgente de novas abordagens jornalísticas quanto a temáticas, profundidade nos debates, promoção de novos recortes e exploração de outras realidades. Cabe citar as vivenciadas nas comunidades ribeirinhas e nas favelas do Brasil, faz-se necessário também um olhar sobre os inúmeros casos de racismo, homofobia e transfobia, o feminicídio etc. Por isso, a palavra diversidade se faz tão urgente no jornalismo. A pluralidade dentro das redações foi a principal ideia encontrada para promover as mudanças necessárias nas abordagens dos jornais, inovando assim em assunto, pautas e recortes.

Ouvir aqueles que consomem as informações, isto é, o público, é uma das formas de diversificar o fazer jornalístico e abrir espaço para essas mudanças, pois existe uma gama de pessoas diferentes, que podem contribuir com suas particularidades e vivências. Além disso, é necessário chegar-se ao leitor, como uma forma de trazer diversidade, para conhecer a vivência deste e as pautas ali evidenciadas. Interagir com o consumidor de informação é uma opção para a quebra do ciclo vicioso que conduz os jornalistas a tratarem dos mesmos assuntos nas

redações. Percebe-se a urgência de tratar essas questões sem superficialidade. É fundamental, para isso, aprofundar em contextos e histórias.

A falta de diversidade nas redações também colabora para a pouca pluralidade no fazer jornalístico. No final de 2020, o canal de notícias Énois, com apoio do Google News Initiative, criou um programa de intercâmbios e treinamentos entre várias redações e repórteres espalhados pelo Brasil, no total, foram escolhidos 10 profissionais para desempenhar o trabalho. O objetivo do programa que leva o nome de “Diversidade nas Redações” é promover e “[...] ajudar a fortalecer a diversidade nas redações a partir da inclusão de repórteres com perfil diverso para ampliar a cobertura racializada, de desigualdades sociais, imigração, gênero, religião e outros vieses pouco abordados.”

Tal assunto se relaciona com o padrão de escolha em uma contratação e o padrão do perfil do jornalista brasileiro. O processo seletivo é desleal, ao balancear vivências que a maioria da população não teve, como experiências em outro país, língua estrangeira. Trazer outros perfis para a redação, além de diversificar o produto final, colabora para a representação. Ter uma mulher negra na redação faz com que as demais se sintam parte e ocupantes do lugar que são delas.

Diante do exposto, fica evidente a informação como um bem público e a importância do exercício da comunicação dentro do processo de construção da cidadania, principalmente para os grupos mais vulneráveis. Portanto, o objetivo desta relação passa a ser o empoderamento da cidadania por meio da diversidade e também da alfabetização midiática e informacional, para que as pessoas reconheçam a informação como essencial. Em específico as mulheres, que não só reconhecem, mas ultrapassam as barreiras advindas do silenciamento, protagonizando e promovendo suas próprias histórias.

## REFERÊNCIAS

- CANDAU, V. M. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Rev. Bras. Educ. [online]. vol.13, n.37, p.45-56. Jan./Abr. 2008
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. p. 37-47 .7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995
- PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. Tempo Social. Rev. Social. São Paulo. v.1. p.7-33. 1999
- FILHO, C. DE B. R.; NETO, I. DE A.C. **A Evolução do Conceito de Cidadania**. Rev. Ciências Humanas. Taubaté, SP, V.7, nº 2, p.17-23. 2001.
- WINOGRAD, B. **Mulheres Guerreiras em comunidades Pobres - Uma luta pela cidadania**. p 68-84. 2006. RJ.
- COSTA, I. S. C. **Meu corpo, "Suas regras": análise sobre direito reprodutivo feminino**. p. 1-56. UFPB. João Pessoa (PB). 2020
- BERTHO, Helena. **O que é a tal da educação sexual**. Revista Azmina. 28 jan. 2020. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/o-que-e-a-tal-da-educacao-sexual/>. Acesso: 05 jun. 2021.
- VENTURA, Miriam. **Direitos reprodutivos no Brasil**. 2. ed. UNFPA: 2004.
- D'EAUBONNE, Françoise. **As Mulheres Antes do Patriarcado**. Ed. Vega: 1977. Disponível em: <https://biblioteca-feminista.blogspot.com/>. Acesso em: 05 jun. 2021.
- FERREIRA, A. F. **O matriarcado nos estudos de religião e no feminismo**. 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/28687085/OMatriarcado\\_nos\\_Estudos\\_de\\_Religi%C3%A3o\\_e](https://www.academia.edu/28687085/OMatriarcado_nos_Estudos_de_Religi%C3%A3o_e). Acesso em: 05 jun. 2021.
- NUNES, J. B; NOGUEIRA, M. S. **Movimento feminista: Uma relação de conquista da mulher negra na universidade**. Rev. Humanidades e Inovação. v.6, n. 2. p 49-56. 2019
- MATTOS, Z. S. **“Bárbara, não vá criar confusão”**: silêncios e silenciamentos nas relações de gênero. p. 14. IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - IX Anped Sul. Caxias do Sul: UCS. 2012.
- RODRIGUEZ, A. **Mulheres: Movimentos Sociais e Partidos Políticos**. Brasília. Mimeo. 2001.
- FISCHER, I. RUFINO & MARQUES, F. **Gênero e Exclusão Social**. In: Trabalhos para Discussão, n.113. 2001.
- Fischer, I., & Marques, F. (2012). 113 - **Gênero e exclusão social**. Textos Para Discussão - TPD. Recuperado de <https://periodicos.fundaj.gov.br/TPD/article/view/928>

FERRARI, Anderson. **Silêncio e silenciamento em torno das homossexualidades masculinas**. In: \_\_\_\_\_; MARQUES, Luciana Pacheco (Orgs.). **Silêncios e educação**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2011.

RAGO, Margareth. **Ser mulher no século XXI ou Carta de Alforria**. In: VENTURI, Gustavo; RACAMÁM, Marisol e OLIVEIRA, Suely de (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Editora Fundação Perceus Abramo, 2009.

XAVIER, M. M e AZEVÊDO, A. **Sociedade da Informação: um olhar funcional sobre a sociedade adjetivada de tecnológica**. Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2009.

SOUZA BRASIL, João Pompeu. **Fundamentos antropológicos da comunicação**. In: Adísia Sá (Coord.). **Fundamentos científicos da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 74-103.

PERLES, J. B. **Comunicação: conceitos, fundamentos e história**. p 17. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. Covilhã - Portugal. (BOCC-UBI). 2007

BARCELLOS, L. B.; RODRIGUES, R. S. **Gênero e comunicação: Reflexões teóricas a partir da discussão sobre identidade e cidadania**. Rev. Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura. AC. v.9, nº1. p.24. Jul, 2020.

SAIDELLES, T; MINUZI, A, N; BARIN, S, C; SANTOS, A, M, L. **A utilização do podcast como uma ferramenta inovadora no contexto educacional**. p 1-10. UFSM. RS. 2018

A UTILIZAÇÃO DO PODCAST COMO UMA FERRAMENTA INOVADORA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Unicef Brasil. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Brasil. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 10 mar. 2021.

Metrópoles. **Dia dos pais pra quem? Com 80 mil crianças sem pai, abandono afetivo cresce**. Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/brasil/dia-dos-pais-pra-quem-com-80-mil-criancas-sem-pai-abandono-afetivo-cresce>. Acesso em: 03 abr. 2021.

Agência Brasília. **Fala, adolescente!**. Brasília. 2021. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/02/01/fala-adolescente/>. Acesso em: 09 abr. 2021.

Justiça e Cidadania. **Os direitos da mulher nos 30 anos da Constituição Federal Brasileira**. 2018 Brasil. Disponível em: <https://www.editorajc.com.br/os-direitos-da-mulher-nos-30-anos-da-constituicao-federal-brasileira/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

Politize. **Feminismo Negro no Brasil: história, pautas e conquistas**. 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/feminismo-negro-no-brasil/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

Portal Geledés. **Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria**. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

Portal Futura. **As conquistas das mulheres ao longo da história.** 2021. Disponível em: <https://www.futura.org.br/as-conquistas-das-mulheres-ao-longo-da-historia/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

Agência Brasil. **Ipea: trabalho doméstico é exercido por mulheres mais velha.** São Paulo. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-12/ipea>. Acesso em: 08 abr. 2021.

Observatório de imprensa. **Manual de Diversidade no Jornalismo.** Brasil. 2017. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/caderno-da-cidadania/manual-de-diversidade-no-jornalismo/>. Acesso em: 06 maio. 2021.

Herself. **Pobreza menstrual: o que você pode fazer para combatê-la.** Brasil. 2020. Disponível em: <https://herself.com.br/blog/pobreza-menstrual/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Brasil De Fato. **Quem são as pessoas que não têm acesso à internet no Brasil?** Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/10/quem-sao-as-pessoas-que-nao-tem-acesso-a-internet-no-brasil>. Acesso em: 25 abr. 2021.

ÉNOIS. **Diversidade nas Redações.** 2020. Disponível em: <https://enoisconteudo.com.br/programa-diversidade-redacoes/>. Acesso em: 07 maio. 2021.

Super Player &CO. **Dados e estatísticas sobre o consumo de podcasts no Brasil.** 2020. Disponível em: <https://superplayer.company/blog-spl/dados-e-estatisticas-sobre-o-consumo-de-podcasts-no-brasil/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

Kantar Ibope Média. **Rádio alcança 83% dos brasileiros e é mais popular entre os jovens.** 2019. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/radio-alcanca-83-dos-brasileiros-e-e-mais-popular-entre-os-jovens/>. Acesso em: 27 maio. 2021.



## APÊNDICES

### Apêndice A - Roteiro

#### Episódio 1 - Silenciamento Feminino, O Que É Isso Mesmo?

##### TEC: VINHETA DO PODCAST

##### TEC: BG 1 Hot Hop Rok - Steve Adams BG 1.mp3

ANA CAROLINA:

**TI - TF: 0:24 - 0:41** Ser mulher.... Ai gente até deu um branco agora. Uai, ser mulher é ser humano...Ai gente, eu não vou dar conta não. Eu travei.

##### TEC: SOBE E DESCE BG

**NARRAÇÃO:** ESSE É O PRIMEIRO EPISÓDIO DE UMA SÉRIE DE PODCAST SOBRE SILENCIAMENTO FEMININO E SEUS DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA VIDA DAS MULHERES E MENINAS QUE, / ASSIM COMO A DONA DE CASA ANA CAROLINA, / DE 29 ANOS, / QUE VOCÊ ACABOU DE OUVIR, / AINDA TENTAM AFIRMAR SEU ESPAÇO DE FALA. //

**NARRAÇÃO:** O PROJETO, / QUE NASCEU NO INÍCIO DE 2021, / CONTA COM DEPOIMENTOS DE FLÁVIA BEDICKS, / GRAZIELY FERREIRA DE MIRANDA GURGEL, / ISABELA SILVA COSTA, / ANA CAROLINA NUNES BISPO DE REZENDE

CARMO, / NARELLY BATISTA PEREIRA, / SILVANA RODRIGUES MONTEIRO, / JOANA BORGES LEMOS, / MARINA DE MORAIS E PRADO MORABI, / TELMA SOARES DA COSTA E VÂNIA PANOBIANCO SILVA MELO. //

**NARRAÇÃO:** A PROPOSTA É LANÇAR LUZ SOBRE UM TEMA AINDA POUCO CONHECIDO E POR ISSO TAMBÉM POUCO DISCUTIDO: O SILENCIAMENTO FEMININO. //

**NARRAÇÃO:** E QUEM INICIA A DISCUSSÃO É A ECONOMISTA FLÁVIA BEDICKS, / DE 25 ANOS, / A ESTUDANTE GRAZIELY GURGEL, / DE 16 ANOS, / A JORNALISTA, / MILITANTE DOS DIREITOS HUMANOS E DO MOVIMENTO DAS MULHERES, / DOS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS, / NARELLY BATISTA, / DE 28 ANOS, / E A PROFESSORA UNIVERSITÁRIA E PSICÓLOGA MARINA MORABI, / DE 35 ANOS, / AO APRESENTAREM UMA DEFINIÇÃO PARA O SILENCIAMENTO FEMININO. //

FLÁVIA:

**TI - TF: 2:44 - 3:01** Eu entendo como silenciamento feminino a falta de oportunidade igual que a mulher tem em colocar sua opinião, em colocar seu ponto de vista, em colocar sua perspectiva ou até mesmo de estar dentro de algum ambiente pelo simples fato de ser uma mulher[...]

**TI- TF: 3:11 - 3:19** acho que essa é a visão assim, é de você de alguma forma ser mensurada como menor, por conta dessa desigualdade de gênero.

GRAZI:

**TI - TF: 1:31 - 1:50** Quando você fala sobre silenciamento feminino eu penso que ela própria se silencia porque ela não está confortável por qualquer motivo, ou porque alguém não deixa ela falar, então ela é interrompida, então ela é silenciada.

NARELLY:

**TI - TF: 0:51 - 1:27** o silenciamento feminino é um tema que hoje ele é muito abordado, mas ele é algo muito antigo né? Ele é naturalmente o que nós vivemos a muitos anos, seja na política, seja dentro das nossas casas e até em relação ao corpo, como que a gente se relaciona com o nosso corpo, com os nossos direitos sexuais, com o nosso direito produtivo, como que a gente se sente, como que a gente se posiciona em relação à política dos nossos corpos, em relação a política do que nós acreditamos que é melhor pra nós ou não pra viver.

MARINA:

**TI - TF: 0:15 - 0:27** O Silenciamento feminino ele trata de toda uma constituição sócio-histórica e cultural de diferenciação e de movimento de gênero,

**TI - TF: 0:39 - 1:07** [...] Quando falamos em todos os ambientes que vivenciamos, por exemplo grupo de trabalho: o que é o masculino ter voz? De que modo que as pessoas que participam e convivem com esse masculino, ouvem os homens que fazem parte dessa equipe de trabalho? De que modo as mulheres são ouvidas? Da mesma forma que os homens? Então esse silenciamento feminino, ele trata dessas condições e questões que são corriqueiras, que são cotidianas, mas que são sim naturalizadas.

### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** FALAR SOBRE SILENCIAMENTO FEMININO NÃO É UMA TAREFA NADA FÁCIL, / DURANTE A PRODUÇÃO DESSA SÉRIE, / EU, / LAURA PANOBIANCO E A MARIA LUIZA SOARES, / NOS DEPARAMOS COM UMA DURA REALIDADE: POUCAS MULHERES JÁ OUVIRAM FALAR SOBRE O TEMA. / SITUAÇÃO QUE TAMBÉM AS IMPEDE DE PERCEBER ESSE SILENCIAMENTO NAS SUAS RELAÇÕES E ROTINAS. //

**NARRAÇÃO:** FLÁVIA BEDICKS E TELMA SOARES, / DE 52 ANOS, / QUE É SECRETÁRIA EM UMA CLÍNICA MÉDICA, / COMPARTILHAM AQUI COMO PERCEBEM O SILENCIAMENTO EM SITUAÇÕES QUE, / PARA ALGUMAS PESSOAS, / PARECEM CORRIQUEIRAS. / TAMBÉM CONTRIBUI PARA O DEBATE VÂNIA PANOBIANCO, DE 55 ANOS, / QUE É AUXILIAR DE FATURAMENTO. //

FLÁVIA:

**TI - TF: 15:28 - 15:40** Com o tempo eu comecei a perceber que quando eu tava em reunião com pessoas do meu time sendo homens, todos direcionaram a palavra pras pessoas do meu time que eram homens, mas ninguém olhava pra mim. [...]

**TI - TF: 15:51 - 15:43** Várias vezes eu passei por essa situação, [...]

**TI - TF: 15:56 - 16:00** então foi um processo pra eu entender o que que tava acontecendo, [...]

**TI - TF: 16:09 - 16:19** sempre que eu entro agora em sala de negociação e conversa que tem homem, a primeira coisa que eu faço é quando possível levantar a cadeira ou pra ficar numa altura acima deles ou pra ficar numa altura suficientemente igual.

**TI - TF: 16:22 - 16:27** [...] por que que eu faço isso? Pra eles conseguirem me olhar no olho e pra eles verem que eu tenho uma postura grande, [...]

**TI - TF: 16:29 - 16:41** geralmente as pessoas já não vão olhar pra mim naturalmente por ser mulher, é uma forma de eu tentar de alguma forma ganhar num jogo de poder de igual pra igual porque tem essa dinâmica de poder infelizmente sendo mulheres somos mais fracas. Como a gente falou né? [...]

**TI - TF: 16:45 - 16:48** muitas vezes eu falo ou falava e eu era interrompida [...]

**TI - TF: 17:27 - 18:02** E a mulher é muito atravessada e a gente é muito silenciada nesse sentido. Então, quando eu sou interrompida, hoje eu faço questão de falar: - Laura, deixa eu terminar por favor, você está me interrompendo e daqui a pouquinho eu passo a palavra pra você. Mas eu faço questão de colocar isso pra todo mundo ficar ciente de que tá tendo algum, alguma disrupção, alguma falta de respeito acontecendo. Justamente porque se a gente não faz isso um as pessoas não entendem que a gente tem direito de palavra igual todo mundo e segundo todo mundo acha que é normal e continua replicando esse comportamento, né? [...]

TELMA:

**TI - TF: 7:45- 8:00** Onde eu trabalho eu vejo silenciamento feminino. Questão do lar. Quando você pergunta pra mulher, qual que é a sua profissão? Aí ela fala: do lar. Então da forma que ela fala você já vê que aquilo pra ela é um desmerecimento. [...]

**TI - TF: 8:17- 8:25** Eu sinto uma diminuição, eu sinto que ela fala 'Do lar' muito desmotivada, tipo assim, do lar. Tipo assim, sabe?

VÂNIA:

**TI - TF: 9:58 - 10:21** já aconteceu a situação desse jeito que às vezes a gente ia no banco e numa situação que eu ia com o meu bem e aí a moça perguntava, começava pegar os dados, meus dados e meu bem falava, meu bem falava meus dados, falava as coisas, tudo que ela perguntava ele falava, né? Aí eu falei, aí eu fui pegando aquilo e falei assim: esse negócio tá certo não, esse negócio tá errado... É meu, é a minha vida, nome, é meu documento, é o meu negócio

**TI - TF: 10:24 - 10:52** [...] aí um dia [...] cheguei em casa e falei: amor, eu não quero mais. Quando a gente for, você vai comigo, você vai me acompanhar, mas quem fala sou eu, é o meu documento, é o meu CPF, é o meu endereço, então deixa eu falar, eu não quero mais que você fale. Então realmente é isso, mas era a questão da gente tipo conversar e outra coisa ele fazia não achando que eu tava achando ruim. Ele fazia tipo assim: ah eu vou ajudar ela, eu vou tipo proteger.

### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** O QUE PARECE HABITUAL, / NO ENTANTO, / TEM IMPACTOS PROFUNDOS NA VIDA DE MULHERES E MENINAS, QUE SE VEEM CERCEADAS DE SEUS DIREITOS. / ANA CAROLINA NUNES E A ESTUDANTE DE NUTRIÇÃO ISABELA SILVA, / DE 19 ANOS, / SABEM BEM O QUE ISSO REPRESENTA. //

ANA CAROLINA:

**TI - TF: 9:46 - 9:47** Porque é mulher, não pode.

**TI - TF: 9:50 - 9:56** O homem pode, a mulher não pode. Isso é machismo, tem que ter direitos iguais.

**TI - TF: 10:46 - 11:02** Precisa de ter mais oportunidade né, dar mais oportunidade da mulher falar suas propostas né, porque muitas das vezes elas não são ouvidas, porque eles não quer ouvir. Só o homem, a mulher não tem o seu espaço. Isso tinha que mudar.

ISABELA:

**TI - TF: 2:57 - 3:16** Então, esse é um ponto negativo, acredito eu, porque a mulher se esforça sempre mais pra conseguir ter uma visibilidade maior na sociedade. É, ela tem que correr mais atrás pelo simples fato dela ser mulher. Ela tem que mostrar que ela é capaz, que ela dá conta de atingir seus objetivos

**TI - TF: 3:31 - 3:34** e fazer o que ela tem como vontade.

### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** ALÉM DO SILENCIAMENTO DECORRENTE DO MACHISMO, / COMO DESABAFOU A DONA DE CASA ANA CAROLINA NUNES, / MULHERES E MENINAS TAMBÉM CONVIVEM COM A NATURALIZAÇÃO CULTURAL DESSA SITUAÇÃO. / CONTEXTO QUE É PRESENTE NA VIDA DE TELMA COSTA, / QUE GANHA RESPALDO TAMBÉM NA FALA DA PROFESSORA MARINA MORABI. //

TELMA:

**TI - TF: 17:18 - 17:32** Ela é tão silenciada que ela não sabe nem expressar o aquilo que oprime ela. É tão silenciada que ela não põe pra fora. Aquilo já tomou tão crônico, tão crônico que ela não sabe por pra fora aquilo que silenciou ela. Ela tem dificuldade de expressar o que ela passou com o companheiro, né? [...]

**TI - TF: 17:53 - 18:02** aí ela ficou livre dele, mas ela continua naquele mundo. Ela continua no mundo do silenciamento

MARINA MORABI:

**TI - TF: 21:58 - 22:04** Não tem o que falar porque isso já está tão naturalizado que eu não percebo que eu tenho um discurso que está ali silenciado

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** E COMO MUDAR ESSA IDEIA NATURALIZADA? / PARA A JORNALISTA NARELLY BATISTA, / A COMUNICAÇÃO TEM UM PAPEL IMPORTANTE. / PENSAMENTO COMPARTILHADO TAMBÉM PELA PROFESSORA UNIVERSITÁRIA SILVANA MONTEIRO, DE 52 ANOS. //

NARELLY:

**TI- TF: 26:35 -26:39** eu acho que a comunicação ela tem um papel fundamental da construção de um novo mundo [...]

**TI-TF: 26:47- 26:57** e pra escrever um mundo novo só é possível com pessoas que entendam que esse mundo novo ele precisa de ter representatividade, ele precisa de ter a voz dessas mulheres e o silêncio precisa de deixar de existir, né?

**TI -TF: 25:43 - 25:53** quando a gente tá nesses espaços de poder, de possibilidade de construir, por exemplo, uma pauta enquanto comunicação e a gente traz essas mulheres, a gente já faz muito do que a gente pode, né?

SILVANA:

**TI - TF: 9:00 - 10:11** Nos meus último anos, eu tenho me dedicado a docência e eu acho que esse é um terreno muito fértil pra gente discutir essas questões do empoderamento feminino, é, do fim desse silenciamento feminino e eu acho que, além do ambiente propício da sala de aula, onde as pessoas estão muito abertas a ouvir, a aprender e a experimentar novos caminhos de comunicação, eu vejo que essa nova geração que tá aí agora cursando as faculdades ou estudando no ensino médio, fundamental, é uma geração muito mais aberta, talvez fruto dessa desse empoderamento das mulheres mesmo. Então, eu acho que o diálogo é sempre o melhor caminho. Então, esse diálogo mais próximo que se dá em casa, como eu já disse, que se dá na escola, que se dá em sala de aula, mas também esse diálogo midiático, proporcionado, é, por

uma maior ocupação das mulheres, visto que a internet ela é um ambiente mais livre, ela não está submetida a esses conglomerados, é, fechados e masculinizados

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** O CAMINHO ATÉ ESSE PONTO DO TRABALHO FOI ÁRDUO. / MUITAS FONTES NÃO RETORNARAM O NOSSO CONTATO, / DUAS ENTREVISTAS FICARAM TECNICAMENTE COMPROMETIDAS E UMA DELAS, INCLUSIVE, / PRECISOU SER REGRAVADA. / MAS, / NO FINAL, / AO OUVIR A FALA DA JORNALISTA NARELLY BATISTA, / QUE CONHECEMOS DURANTE ESSA PRODUÇÃO, / PODEMOS AFIRMAR QUE A JORNADA É NECESSÁRIA. //

NARELLY:

**TI - TF: 4:26- 5:08** [...] o termo silenciamento feminino surge das universidades, de pessoas que têm acesso a educação, que tem acesso a uma compreensão de mundo diferente, a ideias de muita liberdade de muito cuidado, de compreensão que todos nós podemos ser tudo que nós quisermos, mas isso é uma ideia recente, porque o que tem de comum, o que é senso comum, é de que isso não é, não é possível, que mulheres têm um papel e homens tem outro e que isso significa que as mulheres que saem desse papel elas estão indo contra toda uma uma construção natural, né?

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** ESSE FOI O PRIMEIRO EPISÓDIO DE UMA SÉRIE DE PODCAST QUE DISCUTE O SILENCIAMENTO FEMININO E SEUS DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA VIDA DAS MULHERES. / TODAS AS PERSONAGENS RETRATADAS AQUI TAMBÉM INTEGRAM OS PRÓXIMOS EPISÓDIOS. / A EDIÇÃO É DE NILSON FILHO. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA DENIZE DAUDT BANDEIRA. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**



**NARRAÇÃO:** CONTINUE ACOMPANHANDO O MATERIAL OU BAIXE PARA OUVIR DEPOIS. / DEIXE TAMBÉM O SEU COMENTÁRIO NO INSTAGRAM. / (OUTRO ENTONAÇÃO/ CRIANDO JARGÃO)

**TEC: SOBE E DESCE BG**

### **Episódio 2 - Silenciamento Feminino: Impactos Sociais**

**TEC: VINHETA DO PODCAST**

**BG 2: Tea Time - Ofshane**

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**TEC: RECITADA “DESCONSTRUINDO AMÉLIA” DE PITY (OFF NARRAÇÃO FELLIPE)**

**TI - TF: 1:30 - 2:00**

**TI - TF: 2:04 - 2:07**

**TI - TF: 2:09 - 2:36**

**NARRAÇÃO:** JÁ É TARDE, TUDO ESTÁ CERTO

CADA COISA POSTA EM SEU LUGAR

FILHO DORME, ELA ARRUMA O UNIFORME

TUDO PRONTO PRA QUANDO DESPERTAR

O ENSEJO A FEZ TÃO PRENDADA

ELA FOI EDUCADA PRA CUIDAR E SERVIR

DE COSTUME ESQUECIA-SE DELA

SEMPRE A ÚLTIMA A SAIR

DISFARÇA E SEGUE EM FRENTE  
TODO DIA ATÉ CANSAR  
E EIS QUE DE REPENTE ELA RESOLVE ENTÃO MUDAR  
VIRA A MESA  
ASSUME O JOGO  
FAZ QUESTÃO DE SE CUIDAR  
NEM SERVA, NEM OBJETO  
JÁ NÃO QUER SER O OUTRO  
HOJE ELA É O TAMBÉM  
A DESPEITO DE TANTO MESTRADO  
GANHA MENOS QUE O NAMORADO  
E NÃO ENTENDE PORQUE  
TEM TALENTO DE EQUILIBRISTA  
ELA É MUITA SE VOCÊ QUER SABER  
HOJE AOS 30 É MELHOR QUE AOS 18  
NEM BALZAC PODERIA PREVER  
DEPOIS DO LAR, DO TRABALHO E DOS FILHOS  
AINDA VAI PRA NIGHT FERVER  
DISFARÇA E SEGUE EM FRENTE  
TODO DIA ATÉ CANSAR

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** A LETRA DA MÚSICA “DESCONSTRUINDO AMÉLIA”, / DA CANTORA E COMPOSITORA BAIANA PITY, / QUE ILUSTRA O COTIDIANO DE MULHERES QUE SÃO MÃES, / DONAS DE CASA E HOJE ATUANTES NO MERCADO

DE TRABALHO, / ABRE O SEGUNDO EPISÓDIO DESSA SÉRIE SOBRE SILENCIAMENTO FEMININO E SEUS IMPACTOS NA VIDA DE MULHERES. / A LETRA RETRATA UMA MULHER QUE RESOLVEU MUDAR, VIRAR A MESA E ASSUMIR O JOGO, / O JOGO DA SUA VIDA. //

**NARRAÇÃO:** JOANA BORGES, / DE 72 ANOS, / AO REVISITAR O PASSADO, / NOS AJUDA A COMPREENDER O PERCURSO ATÉ A MULHER DO SÉCULO 21 ABORDADA NA LETRA. //

JOANA:

**ÁUDIO 1 TI - TF: 7:19 - 7:29** no meu tempo deu mais nova, mulher não podia nem estudar, né? Então eu acho errado, né? Que a mulher tem que ter o direito dela, né?

**ÁUDIO 1 TI - TF: 7:41 - 8:00** É porque a gente morava na fazenda. Aí tinha que ir pra cidade pra estudar. Aí a filha mulher não podia sair né, tinha que ficar em casa né. Filho homem podia estudar, ficar fora né, colégio, essas coisas né. Mulher tinha que ficar em casa ajudando a mãe, não podia trabalhar, estudar. Eu mesma estudei muito pouco

**ÁUDIO 1 TI - TF: 9:02 - 9:10** [...] Depois minhas irmãs mais novas, meu pai mudou já mudou pra cidade, elas estudaram, as três mais novas, mas as duas mais velhas não estudamos nada.

**ÁUDIO 2 TI - TF: 0:48 - 0:57** [...] que tanta vontade que eu tinha de estudar, de ser alguém... Então, eu acho que se fosse agora, eu teria coragem de enfrentar.

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** E ENTENDER ESSES CONTEXTOS APRESENTADOS PELA DONA JOANA, / ROMPENDO ASSIM O SILENCIAMENTO HISTÓRICO, / É FUNDAMENTAL NA COMPREENSÃO DOS IMPACTOS DE UMA SOCIEDADE DESIGUAL NA VIDA DE MULHERES, / O QUE PODE SER PERCEBIDO NOS RELATOS DE ANA CAROLINA NUNES, / DE 29 ANOS, / ISABELA SILVA, / DE 19 ANOS, / E FLÁVIA BEDICKS, DE 25

ANOS, / QUE REPRESENTAM TANTAS OUTRAS MULHERES QUE VIVENCIAM AS  
MESMAS SITUAÇÕES. //

ANA CAROLINA:

**TI - TF: 7:34 - 7:45** Assim, eu nunca trabalhei fora, mas eu já vi que tem diferença entre o homem e a mulher. O homem pode mais, a mulher é privada das coisas. Os direitos tinham que ser iguais, tanto pra homem quanto pra mulher.

**TI - TF: 8:45 - 8:58** Mas é a realidade mesmo. A mãe fica mais do que o pai. Muitas vezes ele não quer o compromisso de ficar com os filhos e joga tudo pra mãe. Eu acho. Eu já vivi.

**TI - TF: 9:00 - 9:21** Agora que não. É ruim, é chato. A tarefa tem que ser dividida igual, tanto pra mãe “tanto” pro pai. na verdade, não é essa né, fica tudo só com a mãe. A mãe fica encarregada de tudo, cuidar de menino, cuidar de casa e eles não reconhecem isso. É ruim, não é bom não.

ISABELA:

**TI - TF: 20:25 - 20:50** A mulher ela sempre foi colocada, por exemplo, como dona de casa e mãe, né. Acho que era os principais pontos dela. Então, ela não tinha muita... não tinha muita liberdade em estudar, muita liberdade em se inserir no mercado de trabalho. Acho que era bem mais complicado e infelizmente, os homens eram os donos né do lar.

**TI - TF: 21:02 - 21:16** É, já escutei algumas histórias relacionadas a isso, em que a mulher elas tinha algumas obrigações né entre aspas a serem cumpridas dentro da sua própria casa. Por exemplo, ela deveria limpar a casa e deveria cuidar dos filhos, essa era a obrigação dela.

**TI - TF: 16:57 - 17:14** A mulher mãe, por exemplo, ela é muito discriminada nessa parte, eu diria, porque as pessoas elas acabam não escolhendo por exemplo a mulher pelo fato dela ser mãe, pensando que ela não tem a capacidade de exercer certas funções

**TI - TF: 18:00 - 18:30** [...] no mercado de trabalho, por exemplo, se tiver um homem e uma mulher, mesmas qualificações, mesmos estudos, enfim, entre uma mulher e um homem, na grande maioria escolhe o homem e ainda mais se essa mulher for uma mulher mãe. acha que ela não é incapaz, não tem tanto tempo livre pra exercer sua função, é, enfim, colocam barreiras pra ela conseguir de fato mostrar o seu poder,

FLÁVIA:

**TI - TF: 5:21 - 6:00** essa visão é essa estrutura que existe de que muitas vezes ela é inconsciente, mas que a gente entende que a opinião da mulher é menos importante, é o que o trabalho da mulher é menos competente do que o trabalho do homem, né? Eu acho que isso vem muito da estrutura patriarcal a gente pode colocar esse termo que a gente tem de achar que talvez a mulher fique em casa, que ela não é digna de de opiniões, que ela não é digna de um trabalho ou de ganhar tanto quanto homem, ou que quando ela tá trabalhando, ela é um peso para uma empresa porque ela vai ter filho, ela vai ter dois filhos e aí ela vai sair, ela vai produzir menos.

**TEC: SOBE E DESCE BG**

NARRAÇÃO: A PSICÓLOGA E PROFESSORA UNIVERSITÁRIA MARINA MORABI, / DE 35 ANOS, / QUE TAMBÉM DIVIDE SUA CARREIRA COM OS CUIDADOS COM A CASA E OS FILHOS, / EVIDENCIA A DURA REALIDADE DE MILHÕES DE MULHERES. //

MARINA MORABI:

**TI - TF: 6:46 - 6:58** Questões que são muito cotidianas, vão sendo repassadas a essas mulheres de modo muito direto, e a gente vai acumulando essas funções no âmbito doméstico, no âmbito materno, no âmbito de trabalho.

**TI - TF: 3:56 - 4:17** nós temos dados do IBGE, que nos contam que 12 milhões de mães chefiam lares sozinhas, sem o apoio dos pais. E destas, mais de 57% vivem abaixo da linha de pobreza. O impacto, ele não fica reservado, o impacto é sistêmico, de que modo? Se eu tenho um contexto que não dá visibilidade,

**TI - TF: 4:26 - 4:55** [...] como é que elas conseguem ter visibilidade no ambiente de trabalho para conseguir suprir a renda de casa? Como elas conseguem conseguir ter uma saúde mental mínima, para conseguir construir essas novas gerações em aspectos que dizem respeito de uma saúde mental dessas crianças, desses adolescentes e desses novos adultos, sejam eles homens e

mulheres? De todo modo, o impacto vai sendo visto nas mais diversas facetas sociais quando a gente pensa nessa não visibilidade nesse silenciamento feminino.

### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** AS MULHERES NEGRAS SÃO DUPLAMENTE IMPACTADAS PELA DESIGUALDADE. / PRIMEIRO, / POR ENFRENTAREM O RACISMO ESTRUTURAL EM UM PAÍS QUE NEGA O PROBLEMA. / SEGUNDO, / PELA PRÓPRIA CONDIÇÃO DE SER MULHER. / A JORNALISTA NARELLY BATISTA, DE 28 ANOS, / AO LEMBRAR SUA TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA, / CONTA COMO FOI VIVENCIAR UMA SALA DE AULA CONSTRUÍDA EM SUA MAIORIA POR MULHERES BRANCAS E COMO ESSE CONTEXTO IMPACTA DE FORMA SIGNIFICATIVA A VIDA DE TANTAS OUTRAS JOVENS. //

NARELLY:

**TI- TF: 9:49 - 10:03** Da quantidade de mulheres que nós temos hoje na universidade, mas a ausência de mulheres negras na universidade. Eu quando fiz a faculdade de jornalismo, eu lembro que na minha turma, tinham duas mulheres negras. Eu e mais uma[...]

**TI- TF: 10:25 - 11:10** no período de quatro anos, apenas cinco mulheres negras nas turmas de jornalismo significavam muita coisa, isso significa a falta de acesso, né? O silenciamento ele começa por ele, começa pela falta de recursos financeiros pela falta de acesso a empregos que garantam que essas mulheres possam compreender que elas podem sim ter voz, porque no final das contas no final do dia quando uma mulher negra que precisa trabalhar pra sustentar a família, que tem muitos filhos e outras tantas outras questões ela não vai querer discutir esse silenciamento da mulher negra, porque isso é indiferente, ela só precisa de garantir o sustento, o alimento, o mínimo pra família

**TI- TF: 8:58 - 9:45** a mulher negra ela nunca teve o direito ao não trabalho, ela sempre esteve a mercê do trabalho e de um trabalho escravizado, de um trabalho que a mutilava, de um trabalho escravo, de um trabalho que ela não tinha a possibilidade, a chance de entender como o trabalho de emancipação, mas como um trabalho pra sobreviver. Então assim, quando a gente

começa a falar sobre essa questão de mulheres negras, a gente tem que entender que o silenciamento, ele não acontece só do lado dos homens ou só do lado da da sociedade que é patriarcal e que é extremamente violenta com mulheres. Ele acontece como sociedades que ela é racista, que ela é extremamente racista, que ela não consegue compreender a diferença de mulheres brancas e de mulheres negras,

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** E RETOMANDO AQUI A LETRA DA MÚSICA “DESCONSTRUINDO AMÉLIA”, / DA CANTORA E COMPOSITORA PITY, / QUE ILUSTRA O COTIDIANO DE MULHERES DO SÉCULO 21, / FICAMOS PENSANDO COMO ESSAS MULHERES CHEGAM AO FINAL DE UMA JORNADA QUE PARECE NÃO TER FIM E QUE, / ALÉM DE LIDAREM COM O TRABALHO, / CASA E FILHOS, / CONVIVEM COM A COBRANÇA SOBRE CARREIRA, / VIDA AMOROSA E OUTRAS ÁREAS. /

**NARRAÇÃO:** MARINA MORABI TRAZ O SEGUINTE RELATO: "FICO AQUI TENTANDO CONTROLAR O INCONTROLÁVEL. E ISSO GERA NESSAS MULHERES UM IMPACTO DIRETIVO NA SAÚDE MENTAL: MAIORES NÍVEIS DE ANSIEDADE, MAIORES NÍVEIS DE DEPRESSÃO, MAIORES NÍVEIS DE BORNOUT, E AGORA A GENTE VEM INCLUSIVE FALANDO DE BORNOUT MATERNO, JUSTAMENTE ESSA EXAUSTÃO CHEGANDO EM MOMENTOS COMO DIRIA UMA MÃE ESSA SEMANA PARA MIM: "EU SOU UMA MÃE QUE TÁ GRITANDO O TEMPO TODO COM MEU FILHO, EU NÃO SOU UMA MÃE QUE GRITA. O QUE TÁ ACONTECENDO ENTÃO QUE EU COMECEI A GRITAR O TEMPO TODO?"

**TEC: SOBE E DESCE BG**

VÂNIA:

**TI-TF: 22:25- 22:40** hoje em dia as coisas mudaram, hoje em dia a mulher também trabalha fora, o homem também tem que ajudar nos afazeres da casa, dos filhos. Então a gente tem que partilhar, a gente tem que dividir as coisas, porque senão a mulher sozinha ela não dá conta, porque a mulher tem uma, duas, três, quatro, cinco jornada, num tem condição, né?

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** E COM ESSA FALA DA VÂNIA PANOBIANCO, / DE 55 ANOS, / QUE NÓS TERMINAMOS O SEGUNDO EPISÓDIO DESSA SÉRIE DE PODCAST. / SABEMOS QUE ESTAMOS BEM LONGE DE UMA IGUALDADE DE DIREITOS ENTRE HOMENS E MULHERES, / O QUE, / CONFORME MARINA MORABI BEM RELATOU, / IMPACTA A SAÚDE DE TANTAS MULHERES. / MAS TER A CONSCIÊNCIA DA NECESSIDADE DA MUDANÇA, / BEM COMO COMPARTILHAR A ROTINA E SEUS AFAZERES, / É FUNDAMENTAL. / É PRECISO CLAREZA DOS CONTEXTOS EM QUE ESTAMOS INSERIDAS E CONSCIÊNCIA DE QUE A LUTA É DIÁRIA E TAMBÉM NECESSÁRIA. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** O TRABALHO, / QUE TEM O OBJETIVO DE DISCUTIR O SILENCIAMENTO FEMININO E SEUS IMPACTOS NA VIDA DE MULHERES E MENINAS, / CONTA COM DEPOIMENTOS DE FLÁVIA BEDICKS, / GRAZIELY FERREIRA DE MIRANDA GURGEL, / ISABELA SILVA COSTA, / ANA CAROLINA NUNES BISPO DE REZENDE CARMO, / NARELLY BATISTA PEREIRA, / SILVANA RODRIGUES MONTEIRO, / JOANA BORGES LEMOS, / MARINA DE MORAIS E PRADO MORABI, / TELMA SOARES DA COSTA E VÂNIA PANOBIANCO SILVA MELO. / A EDIÇÃO É DE NILSON FILHO. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA DENIZE DAUDT BANDEIRA. //



**NARRAÇÃO:** NO TERCEIRO EPISÓDIO NÓS VAMOS CONTINUAR ROMPENDO O SILENCIAMENTO SOBRE TEMAS QUE ENVOLVEM O COTIDIANO DE MULHERES E MENINAS. / O PRÓXIMO ASSUNTO, / MUITO ENVOLTO EM PRECONCEITOS, / ABORDA SOBRE A SEXUALIDADE E A SAÚDE. /

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** CONTINUE ACOMPANHANDO O MATERIAL OU BAIXE PARA OUVIR DEPOIS. / DEIXE TAMBÉM O SEU COMENTÁRIO NO INSTAGRAM. // (OUTRO ENTONAÇÃO/ CRIANDO JARGÃO) //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

### **Episódio 3 - Silenciamento Feminino: Sexualidade E Saúde Da Mulher**

**TEC: VINHETA DO PODCAST**

**BG 1: Hot Hop Rok - Steve Adams**

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** A FALTA DE INFORMAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE VULNERABILIZA AINDA MAIS A CIDADANIA DAS MULHERES. / O PROBLEMA É AGRAVADO PELA AUSÊNCIA DE INSTRUÇÕES SOBRE A TEMÁTICA, QUE IMPACTA O AVANÇO DAS CONQUISTAS FEMININAS. //

JOANA:

**ÁUDIO 2 TI - TF: 2:50 - 3:16** Não, a mãe da gente não conversava nada com a gente. Às vezes umas amigas mais perto né, que sabia mais coisa, a gente conversava. Mas, a gente era

muito inocente sobre engravidar, ter filho, essas coisas. Quando eu casei, eu sofri muito, porque a gente não tinha ensinamento de nada, não sabia nada.

**NARRAÇÃO:** A SITUAÇÃO, / RETRATADA NA HISTÓRIA DA APOSENTADA JOANA BORGES, / DE 72 ANOS, / É INTENSIFICADA PELA POBREZA MENSTRUAL. / PARA SE TER IDEIA DA GRAVIDADE DA SITUAÇÃO, / UMA EM CADA QUATRO ADOLESCENTES NÃO POSSUI ACESSO A ITENS BÁSICOS DE HIGIENE PESSOAL. / JOVENS QUE LIDAM AINDA COM A FALTA DE INFRAESTRUTURA ADEQUADA E DE INFORMAÇÃO. //

**NARRAÇÃO:** NESSE TERCEIRO EPISÓDIO DESSA SÉRIE DE PODCASTS, / QUE SE PROPÕE A DISCUTIR O SILENCIAMENTO FEMININO E OS SEUS IMPACTOS, / NÓS VAMOS SABER COMO É CONVIVER COM ESSE CONTEXTO. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

ANA CAROLINA:

**TI - TF: 1:59 - 2:02** Não, não recebi.

**TI - TF: 2:14 - 2:28** Uai, não achei difícil não. Eu consegui raciocinar assim eu mesma, porque eu não tive a orientação né, mas não é fácil, mas eu tentei eu mesma dar conta.

ISABELA:

**TI - TF: 10:53 - 10:58** [...] dentro do meu ambiente familiar, a gente não tem muitas discussões sobre esse assunto.

GRAZIELY:

**TI - TF: 5:31 - 5:42** eu recebi uma aula de biologia, tanto no assunto sexual e menstruação

**TI - TF: 5:45 - 5:54** Essa aula foi dividida entre os meninos que tem a parte deles e as meninas. Porque as meninas é um assunto mais delicado, né?

**NARRAÇÃO:** AS FALAS DA DONA DE CASA, ANA CAROLINA NUNES, / DE 29 ANOS, / DA ESTUDANTE DE NUTRIÇÃO ISABELA SILVA, DE 19 ANOS, E DA TAMBÉM ESTUDANTE GRAZIELY GURGEL, / DE 16 ANOS, / REVELAM QUE, / APESAR DA DIFERENÇA GERACIONAL, / AS PROBLEMÁTICAS FEMININAS CONTINUAM SENDO UM DESAFIO. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** ISABELA COLOCA EM PAUTA O PAPEL DA ESCOLA COMO ESPAÇO DE PROMOÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEXTO FEMININO, / MESMO QUE ENVOLTO A VÁRIOS PRECONCEITOS. //

ISABELA:

**TI - TF: 7:52 - 8:14** É, sobre a parte da menstruação e a saúde da mulher em geral, é, eu tive uma boa educação relacionada a isso. Acredito que muitas meninas, infelizmente, não têm essa conversa, não conseguem saber antes sobre o que é e acabam sendo pegadas de surpresa, não sabem como se dirigir com relação a saúde mesmo. [...]

**TI - TF: 11:06 - 11:16** [...] É, em relação a esses assuntos, eu tive mais contato mesmo no ambiente escolar, que eu tive mais conhecimento e também por meio dos estudos individuais né.

**TI - TF: 9:21 - 9:31** [...] Na escola fez a divisão, é, pra falar sobre os assuntos das mulheres e separaram né, mulheres e homens, mas eu acho que não deve ter essa divisão.

**NARRAÇÃO:** A PSICÓLOGA MARINA MORABI, / DE 35 ANOS, / E A JORNALISTA SILVANA RODRIGUES MONTEIRO, / DE 52 ANOS, / AMBAS PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS, / TAMBÉM REFORÇAM ESSE PENSAMENTO. //

MARINA:

**TI - TF: 17:37 - 17:51** A educação, ela tem sim uma função diretiva de promoção de saúde, transmitir conhecimentos via educação desde as idades mais tenras, elas têm essa construção que precisam ser pensadas em uma educação integral.

SILVANA:

**TI - TF: 7:28 - 7:32** Porque eu acho que tudo parte de uma educação ainda em casa, [...]

**TI - TF: 7:39 - 8:11** as crianças que tão em volta, sobre a sua responsabilidade, a própria escola, a própria universidade, ela tem que fazer esse papel de educação, de conscientização, de base, pra que os homens entendam a base do problema. De como é que eles devem se portar numa sociedade pra que ela seja mais justa, mais igualitária e, portanto, uma sociedade que dê voz às mulheres, porque afinal de contas, numericamente, nós somos até maiores do que os homens.

### TEC: SOBE E DESCE BG

**NARRAÇÃO:** ISABELA SILVA E GRAZIELY GURGEL APONTAM PARA A NECESSIDADE DE UMA MUDANÇA DE MENTALIDADE QUANTO A ESSE TEMA. //

ISABELA:

**TI - TF: 8:47 - 8:56** [...] eu acho que deve ser um assunto mais aberto, deve ser dirigido mais abertamente as crianças sobre o que que é, tanto pros meninos quanto pras meninas.

**TI - TF: 9:32 - 9:50** [...]Acho que deve ser um assunto que deve abranger a todos, visto que é algo natural da mulher e a saúde feminina é importante a gente ter o conhecimento, ainda mais sobre os exames preventivos né, acho que é muito importante na nossa vida em geral.

**TI - TF: 7:06 - 7:13** Eu acho que a menstruação ela tem que ser tratada como algo natural e não um tabu, visto que tá presente na vida das mulheres né.

GRAZIELLE:

**TI - TF: 7:21 - 7:52** A minha primeira menstruação eu estava no ballet, eu acordei e a primeira pessoa que eu vi foi meu pai, e eu fiquei muito preocupada porque não era comum eu fazer isso. Aí ele me falou que eu tava menstruada e tal e foi a primeira pessoa que eu contei. A minha

mãe até ficou com raiva porque ela foi a segunda e ela é a mulher da casa então foi isso, no final do dia estava praticamente nova.

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** COMO FALAMOS ANTERIORMENTE, / ALÉM DE CONVIVEREM COM A FALTA DE INFORMAÇÕES E COM O PRECONCEITO, / MULHERES, / MENINAS E PESSOAS QUE MENSTRUAM, / ENFRENTAM A POBREZA MENSTRUAL, / QUE GANHOU DESTAQUE NACIONAL NA IMPRENSA NOS ÚLTIMOS MESES. //

**TEC:**

**OFF BAND NEWS - AUDIO INTEIRO**

**OFF POBREZA MENSTRUAL FANTÁSTICO - AUDIO INTEIRO**

**OFF AAVA SANTIAGO - INSTAGRAM - AUDIO INTEIRO**

**OFF POBREZA MENSTRUAL - BORA BRASIL - BAND TV- AUDIO INTEIRO**

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** E O QUE APROXIMA O DISCURSO DA PROFESSORA UNIVERSITÁRIA MARINA MORABI E DA DONA DE CASA ANA CAROLINA? / A CERTEZA DA NECESSIDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS À REALIDADE DESSAS MULHERES. //

MARINA MORABI:

**TI - TF: 20:24 - 20:46** Como é que eu compro meu absorvente, eu não tenho lugar onde esse absorvente é doado, mas isso não é uma necessidade primária e inicial para essa mulher? É. Então por que até hoje isso não é distribuído na unidade de saúde? Porque nunca se parou para pensar que precisava do absorvente, porque o absorvente é do público feminino. Olha a invisibilidade mais do que o silenciamento, é um silenciamento que é corporal, um silenciamento dentro de políticas,

ANA CAROLINA:

**TI - TF: 6:35 - 6:41** Fornecer para as pessoas que não tem condições e não é bem essa a realidade né. É bem difícil.

**TI - TF: 7:01 - 7:06** Já passei de não ter absorvente e ter que improvisar pra poder não ficar sem.

**TI - TF: 7:08 - 7:10** É ruim, desconfortável.

MARINA MORABI:

**TI - TF: 22:58 - 23:24** Então se eu tenho lá uma voz que agora foi ouvida: "Nós não temos absorvente, nós estamos utilizando pano, algodão, enfim, eu estou utilizando o que eu tenho para conter uma menstruação que não pode vista, que não pode ser vista por conta de uma condição feminina vergonhosa. É vergonhosa a condição feminina? Ainda hoje é. A gente não faz bullying na escola quando eu tenho um vazamento menstrual, por exemplo? A mas isso é natural. Natural para quem?"

**NARRAÇÃO:** MARINA MORABI REFORÇA AINDA A IMPORTÂNCIA DE DESMISTIFICAR QUESTÕES COMO A SEXUALIDADE FEMININA, / ROMPENDO ASSIM BARREIRAS SOCIAIS E CULTURAIS, / PARA A GARANTIA DE UMA CIDADANIA MAIS EFETIVA PARA ESSAS MULHERES. //

MARINA:

**TI - TF: 16:15 - 16:29** Então quando a gente pensa de sexualidade, e a gente vai percebendo o quanto é necessário desmistificar essa questão de sexualidade e inclusive ou principalmente no âmbito feminino, e isso vai lá desde o início.

**TI - TF: 14:58 - 15:35** Como é que se constrói culturalmente, qual é a escuta cultural que se dá para a sexualidade feminina e a sexualidade masculina, por mais que estejamos debatendo isso, reforço, a algumas décadas, é visível a diferença ainda hoje, quando a gente pensa por exemplo, na iniciação sexual masculina e feminina. Qual é o apoio? Quais são as falas familiares? Quais são as falas sociais, que vem em torno ainda desse lugar dessa construção,

desse atravessamento religioso inclusive no âmbito cultural? Quando se fala por exemplo da virgindade até o casamento? Isso é do masculino ou do feminino?

**TI - TF: 16:55 - 17:17** [...] Como eu vou conversar disso se a sexualidade pra mim é proibida? Então eu não tenho via de fala, então a gente começa a ter uma maior vulnerabilidade e adoecimento sexual desde o início, porque eu não tenho espaços de conversa sobre isso, e aí quando a gente vem pensar sobre tudo isso, a gente vê a necessidade e o tanto que é urgente de se pensar desse debate, dessa construção, dessa educação sexual no âmbito escolar.

**TI - TF: 15:51 - 16:15** A grande questão é: Como que psiquicamente isso tem sido absorvido? Qual é o impacto disso? Às vezes eu tenho a ação, mas eu tenho uma culpa tão associada a essa ação que isso me adocece psiquicamente e me adocece inclusive na relação com o outro. Então, eu faço o ato sexual, mas ao mesmo tempo eu estou extremamente culpabilizada em relação a isso. De algum modo, como que isso aqui traz uma construção de saúde mental?

#### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** O DIREITO REPRODUTIVO TAMBÉM É APONTADO PELA PSICÓLOGA COMO FUNDAMENTAL NA GARANTIA DA CIDADANIA FEMININA, / E, / É CLARO, / NA SAÚDE DA MULHER. //

MARINA:

**TI - TF: 19:15 - 19:48** [...]quando as mulheres chegam a procurar as unidade de saúde porque fizeram um aborto induzido, elas chegam em um quadro tão grave e com medo de serem denunciadas de algum modo, que muitas delas precisam fazer histerectomia, ou seja, elas perdem o útero, então de repente por uma decisão momentânea: Não quero ter filhos agora, quero daqui 2 anos, 10 anos ou 15 anos, opa, a resposta, a consequência dessa ação agora se tornou permanente por uma decisão que era uma decisão transitória. E muitas vão a óbito porque já chegam em um processo de "sepses" significativo.

#### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** DEPOIS DE ESCUTAR TUDO ISSO, / PRECISAMOS DE UM LONGO TEMPO PARA REFLETIR NÉ? / NOSSO INTUITO É ESSE MESMO, / QUE AS

QUESTÕES ABORDADAS AQUI CONDUZAM VOCÊ PARA UM NOVO OLHAR SOBRE A VIDA E OS DESAFIOS DAS MULHERES. //

**NARRAÇÃO:** ESSE FOI O TERCEIRO EPISÓDIO DE UMA SÉRIE DE PODCASTS QUE DISCUTE O SILENCIAMENTO FEMININO E OS SEUS IMPACTOS NA VIDA DAS MULHERES E MENINAS. / A PRODUÇÃO CONTOU COM ÁUDIOS DO JORNAL BAND NEWS, / DA BAND TV, / REPRODUZIDO NO YOUTUBE NO DIA 08 DE OUTUBRO DE 2021, / DO FANTÁSTICO, / DA TV GLOBO, / NO DIA 10 DE OUTUBRO DE 2021 E PUBLICADO NO YOUTUBE NO DIA 12 DE OUTUBRO DE 2021. //

**NARRAÇÃO:** DA VEREADORA AAVA SANTIAGO, / PUBLICADO NO INSTAGRAM OFICIAL DELA NO DIA 06 DE OUTUBRO DE 2021 E DO JORNAL BORA BRASIL / DA BAND TV / E REPRODUZIDO NO CANAL DO YOUTUBE NO DIA 13 DE OUTUBRO DE 2021 //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** O TRABALHO CONTA COM OS DEPOIMENTOS DE FLÁVIA BEDICKS, / GRAZIELY FERREIRA DE MIRANDA GURGEL, / ISABELA SILVA COSTA, / ANA CAROLINA NUNES BISPO DE REZENDE CARMO, / NARELLY BATISTA PEREIRA, / SILVANA RODRIGUES MONTEIRO, / JOANA BORGES LEMOS, / MARINA DE MORAIS E PRADO MORABI, / TELMA SOARES DA COSTA E VÂNIA PANOBIANCO SILVA MELO. / A EDIÇÃO É DE NILSON FILHO. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA DENIZE DAUDT BANDEIRA. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**



**NARRAÇÃO:** CONTINUE ACOMPANHANDO O MATERIAL OU BAIXE PARA OUVIR DEPOIS. / DEIXE TAMBÉM SEU COMENTÁRIO NO INSTAGRAM. (OUTRO ENTONAÇÃO/ CRIANDO JARGÃO) //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

#### **Episódio 4 - silenciamento feminino: conquistas e desafios**

**TEC: VINHETA DO PODCAST**

**BG 2: Tea Time – Ofshane**

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** A PRESENÇA DAS MULHERES NAS DIVERSAS ESFERAS SOCIAIS É RESULTADO DE UMA LUTA HISTÓRICA POR CIDADANIA. / PORÉM, AINDA FICA EVIDENTE COMO AS DINÂMICAS DE PODER IMPEDEM A EFETIVAÇÃO DE DIREITOS. / E COMPREENDER ESSES CONTEXTOS É O OBJETIVO DO QUARTO EPISÓDIO DESSA SÉRIE DE PODCASTS QUE SE PROPÕE A DISCUTIR O SILENCIAMENTO FEMININO E OS SEUS IMPACTOS NA VIDA DAS MULHERES E MENINAS. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** O PROJETO CONTA COM DEPOIMENTOS DE FLÁVIA BEDICKS, / GRAZIELY FERREIRA DE MIRANDA GURGEL, / ISABELA SILVA COSTA, / ANA CAROLINA NUNES BISPO DE REZENDE CARMO, / NARELLY BATISTA PEREIRA, / SILVANA RODRIGUES MONTEIRO, / JOANA BORGES LEMOS, / MARINA DE

MORAIS E PRADO MORABI, / TELMA SOARES DA COSTA E VÂNIA PANOBIANCO  
SILVA MELO. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** E NA TENTATIVA DE ENTENDER COMO O GRUPO PERCEBE A FIGURA DA MULHER NA SOCIEDADE, EU, LAURA PANOBIANCO E MINHA COLEGA DE PRODUÇÃO, MARIA LUIZA SOARES, PERGUNTAMOS O QUE SIGNIFICA SER MULHER PARA CADA UMA DELAS. / O PONTO EM COMUM, NA MAIORIA DAS FALAS, É A ASSOCIAÇÃO DA FIGURA FEMININA À FORÇA. //

ISABELA:

**TI - TF: 1:16 - 1:24** É, eu acho que é uma pergunta muito complexa, mas de uma forma mais direta, acredito que ser mulher é sinônimo de ser forte.

TELMA:

**TI - TF: 4:07 - 4:46** Então é assim que eu penso que a mulher, uma coisa assim, tremenda maravilhosa, a mulher tem o poder que nem ela não tem noção do poder que ela tem. Então é assim que eu me sinto, poderosa mesmo as vezes pensando que eu vou fraquejar, mas, quando eu olho pra essa perspectiva eu falo uhu!! É maravilhoso ser mulher né? Eu estou no lugar certo é isso, estou no lugar certo e me orgulho muito de ser essa mulher que venceu!

VÂNIA:

**TI - TF: 5:25 - 5:47** Eu não posso chorar agora porque tipo assim eu tenho três crianças ali que depende de mim. Então, eu tenho que ser forte. Então, eu tenho que ser forte, eu tenho que ser sensível, eu posso chorar, eu posso rir, sabe? E isso eu acho que isso é um, eu falo que é um dom, isso é da mulher, acho que Deus fez a mulher dessa forma, eu creio muito nisso.

JOANA:

**ÁUDIO 1 TI - TF: 4:04 - 4:20** Porque a mulher tem muita força, tem muita coragem, ela é mais né, mais esforçada para as coisas, enfrenta todos os problemas sem reclamar, sem medo né

**ÁUDIO 1 TI - TF: 5:46 - 5:53** [...] eu pensava essa mulher tem mais força do que o homem né, enfrenta muito mais coisa e ela é diminuída né.

ISABELA:

**I - TF: 5:01 - 5:19** Então, eu acho isso muito interessante, um ponto muito positivo na mulher, a força, a coragem de mostrar ao mundo e a sociedade, que, por mais que ela enfrente muitas lutas, ela consiga caminhar e atingir seus objetivos, atingir suas metas.

SILVANA

**TI - TF: 7:05 - 7:19** Bom, quando eu falo do poder que as mulheres têm, que é um poder imensurável, que é uma coisa assim de que nós não temos consciência ainda desse poder, é, porque ele realmente está nas mãos das mulheres.

NARELLY:

**TI - TF: 3:25 3:51** Apesar de nós darmos a luz, apesar de nós sermos um elemento preponderante, fundamental na verdade, para que a humanidade se construa, para que a humanidade se consolide enquanto o povo, enquanto sociedade, ainda assim ser mulher é um desafio, é um ato de resistência, é um ato de sobrevivência mesmo.

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** DENTRE TANTOS DESAFIOS ENFRENTADOS COTIDIANAMENTE PELAS MULHERES ESTÃO OS RELACIONADOS À CARREIRA. / A PSICÓLOGA MARINA MORABI, / DE 35 ANOS, / EXPLICA QUE NA ESFERA DO MERCADO DE TRABALHO, OUTRAS JORNADAS DA MULHER NÃO PODEM SER VISTAS OU CONSIDERADAS PLAUSÍVEIS: PRECISAM SER SILENCIADAS. //

**NARRAÇÃO:** UM EXEMPLO APONTADO PELA TAMBÉM PROFESSORA UNIVERSITÁRIA É A MATERNIDADE: / "A MULHER NÃO PODE SER VISTA CANSADA OU SE AUSENTAR, / CASO PRECISE, / POIS SÃO MOTIVOS ENXERGADOS COMO ANTI-PROFISSIONAL E PODEM GERAR UMA POSSÍVEL DEMISSÃO". / MARINA CHAMA A ATENÇÃO AINDA PARA OS SEGUINTE PONTOS. //

MARINA MORABI:

**TI - TF: 6:05 - 6:23** até então as mulheres no mundo do trabalho estavam com uma perspectiva social de crescimento, cada vez mais mulheres ocupam cargos de chefia, mas até então não se pensava qual era a contrapartida, qual era o gasto, qual era o dano associado também a essa inserção feminina no âmbito do trabalho

**TI - TF: 7:14 - 7:27** "Não, tá tudo certo, é que o meu filho tava doente, eu passei algumas noites sem dormir". Então se eu tenho esse impacto. E esse impacto pode ser visto no mundo do trabalho? Não pode. No outro dia, sete horas da manhã eu tenho que estar ali trabalhando no meu home office, como se nada disso tivesse acontecendo.

**NARRAÇÃO:** A ESTUDANTE DE NUTRIÇÃO ISABELA SILVA, / DE 19 ANOS, / A JORNALISTA E PROFESSORA UNIVERSITÁRIA SILVANA MONTEIRO, / DE 52 ANOS, / E A ECONOMISTA FLÁVIA BEDICKS, / DE 25 ANOS, / COMPARTILHAM AQUI COMO PERCEBEM ESSES DESAFIOS. //

ISABELA:

**TI - TF: 16:10 - 16:29** A mulher no mercado de trabalho ainda passa por muitas dificuldades, por exemplo, é muito difícil você ainda ver mulheres em cargos de chefia. Claro, está começando a ter mais frequência né, esse acontecimento, mas ainda é uma porcentagem muito pequena.

**TI - TF: 16:52 - 16:56** Acredito que as mulheres elas devem mostrar que são capazes.

**TI - TF: 1:25 - 1:42** A mulher ela enfrenta várias coisas diariamente e ela enfrenta várias barreiras, né? Acredito que a gente vem enfrentando muita coisa e conseguindo cada vez mais espaço na sociedade, mas mesmo assim se a mulher ainda tem grandes dificuldades, [...]

SILVANA:

**TI - TF: 3:22- 3:35** Eu acredito que esse reconhecimento ainda não está posto, ele está em construção. Então, a gente nem pode falar em reconhecimento tardio. Eu acho que a gente tem que falar em construção de reconhecimento.

FLÁVIA:

**TI- TF: 22:29 - 22:54** você tem um espaço, um direito, né? Seja uma licença maternidade, sem prejuízo ao seu salário ou sem prejuízo ao que vai acontecer depois, se é uma promoção, se é uma demissão, você conseguir entrar no jogo com essa negociação entendendo a dinâmica de poder, me ajudou muito. em relação a me colocar enquanto mulher e saber que: não, eu eu sou igual e eu vou me colocar dessa maneira.

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** É PRECISO PENSAR UMA CIDADANIA FEMININA EM UMA SOCIEDADE QUE SE CONSTITUI HISTORICAMENTE NO SILENCIAMENTO DAS MULHERES. / ELAS ENFRENTAM AINDA, / COTIDIANAMENTE, / OS JOGOS DE PODER RESULTANTES DE UMA SOCIEDADE MARCADA PELO MACHISMO. / É ISSO QUE EVIDÊNCIA FLÁVIA BEDICKS //

FLÁVIA:

**TI - TF: 4:36 - 4:55** As normas que ditam as regras dos jogos são feitas por homens então certamente é muito difícil a gente conseguir ter uma mudança que vai de alguma forma não necessariamente favorecer, mas equiparar as mulheres com os homens, porque quem toma decisão no fim das contas em sua, maioria, são os homens, né?

FLÁVIA:

**TI - TF: 10:25 – 10:57** Porque a gente acha que o forte é a pessoa que tem um músculo, ou é a pessoa que de alguma forma remete ao homem, né? Que não chora, que tem uma postura mais firme, mais grossa, esse é o conceito de força que a gente tem. Então essas mulheres pensa Dilma, pensa Angela M várias que a gente pode pensar também a CEO do Facebook "Cherol " por exemplo, todas elas perdem algumas características típicas das mulheres ou elas mascaram essa característica muitas vezes para ganhar mais legitimidade num ambiente predominantemente masculino né?

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** A PROFESSORA SILVANA MONTEIRO TRAZ TAMBÉM PARA A DISCUSSÃO O PAPEL DA IMPRENSA. / A JORNALISTA REFORÇA AINDA COMO A ESTRUTURA DA MÍDIA PERPETUA TAMBÉM ESSE MACHISMO. //

SILVANA:

**TI - TF: 1:05 - 1:45** Bom, a gente tem que levar em consideração que as discussões postas na sociedade elas são em grande parte estimuladas pela mídia e a mídia, é, ele é um conglomerado social, cultural e financeiro também protagonizado por esses grandes grupos que são formados basicamente por homens e esses homens geralmente estão atrelados ao poder, poder financeiro e poder político. Ou seja, é um mecanismo que visa perpetuar esse poder. Não é interessante que se dê voz a essas mulheres sob o risco de se perder esse poder.

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** TE CONVIDAMOS AGORA A RELEMBRAR ALGUNS MOMENTOS QUE MARCAM A LUTA DAS MULHERES PELA CIDADANIA. //

**TEC: BG NARRAÇÃO DA LINHA DO TEMPO**

**NARRAÇÃO:** 1887 - PIONEIRISMO DE MULHERES NEGRAS NA UNIVERSIDADE

NO BRASIL, / O DIREITO AOS ESTUDOS PARA AS MULHERES OCORREU EM MIL 879, MEDIANTE CONSENTIMENTO DO IMPERADOR DOM PEDRO SEGUNDO. / NO ENTANTO, / A PRESENÇA FEMININA NESSE ESPAÇO SE CONSOLIDA APENAS NO FINAL DO SÉCULO 21. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO: DIREITO AO VOTO**

BERTHA LUTZ, / LÍDER DAS SUFRAGISTAS, / FOI UMA DAS FUNDADORAS DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO, / ORGANIZAÇÃO QUE FEZ CAMPANHA PÚBLICA PELO VOTO FEMININO. / O DIREITO AO VOTO VEIO EM MIL 932. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO: PRIMEIRAS ELEIÇÕES FEMININAS**

EM MIL 933, CARLOTA PEREIRA DE QUEIRÓS FOI ELEITA A PRIMEIRA DEPUTADA FEDERAL BRASILEIRA. / JÁ EM MIL 934, / A PROFESSORA ANTONIETA DE BARROS, AO SER ELEITA PARA A ASSEMBLEIA DE SANTA CATARINA, SE TORNA A PRIMEIRA PARLAMENTAR NEGRA DO PAÍS. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO: ESTATUTO DA MULHER CASADA**

O ANO DE MIL 962 MARCA A CRIAÇÃO DO ESTATUTO DA MULHER CASADA. / A PARTIR DO DOCUMENTO, / A MULHER NÃO DEPENDE DE AUTORIZAÇÃO DO CÔNJUGE PARA TRABALHAR. / A MULHER TAMBÉM PASSA A TER DIREITO À

HERANÇA E A CHANCE DE PEDIR A GUARDA DOS FILHOS EM CASOS DE SEPARAÇÃO. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO: MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS**

FUNDADO EM 1970, O M-M-N VEM TENTANDO QUEBRAR UMA SÉRIE DE PARADIGMAS RELACIONADOS A GÊNERO E LUTANDO CONTRA O RACISMO ESTRUTURAL EM SEUS DISTINTOS SEGMENTOS. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO: LEI MARIA DA PENHA**

SANCIONADA EM 2002 PARA COMBATER A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, A LEI REFLETE A LUTA DA FARMACÊUTICA MARIA DA PENHA POR JUSTIÇA, DEPOIS DO CÔNJUGE TENTAR MATÁ-LA POR DUAS VEZES. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO: DIREITOS TRABALHISTAS DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS**

A APROVAÇÃO, EM 2012, DA PEC 66, TEVE A FINALIDADE DE ESTABELECEER A IGUALDADE DE DIREITOS TRABALHISTAS ENTRE OS DOMÉSTICOS E DEMAIS TRABALHADORES URBANOS E RURAIS. / AS MULHERES NEGRAS COMPÕEM A MAIORIA DAS TRABALHADORAS DO LAR, CERCA DE TRÊS VÍRGULA 9 MILHÕES.

//

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO: LEI DO FEMINICÍDIO E CRIME DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL**



EM 2015 E 2018, RESPECTIVAMENTE, O FEMINICÍDIO E A IMPORTUNAÇÃO SEXUAL PASSAM A SER CONSIDERADOS CRIMES NO BRASIL. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** ESSE FOI O QUARTO EPISÓDIO DESSA SÉRIE DE PODCASTS QUE SE PROPÕE A DISCUTIR O SILENCIAMENTO FEMININO E OS SEUS IMPACTOS NA VIDA DAS MULHERES. / A EDIÇÃO É DE NILSON FILHO. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA DENIZE DAUDT BANDEIRA. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** CONTINUE ACOMPANHANDO O MATERIAL OU BAIXE PARA OUVIR DEPOIS. / DEIXE SEU COMENTÁRIO NO INSTAGRAM (OUTRO ENTONAÇÃO / CRIANDO JARGÃO). //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**Episódio 5 - silenciamento feminino: um olhar para o futuro**

**TEC: VINHETA DO PODCAST**

**BG 1: Hot Hop Rok - Steve Adams**

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** ESSE É O QUINTO EPISÓDIO DESSA SÉRIE DE PODCAST SOBRE SILENCIAMENTO FEMININO E SEUS IMPACTOS NA VIDA DE MULHERES E MENINAS. //

**NARRAÇÃO:** O TRABALHO CONTA COM DEPOIMENTOS DE FLÁVIA BEDICKS, / GRAZIELY FERREIRA DE MIRANDA GURGEL, / ISABELA SILVA COSTA, / ANA CAROLINA NUNES BISPO DE REZENDE CARMO, / NARELLY BATISTA PEREIRA, / SILVANA RODRIGUES MONTEIRO, / JOANA BORGES LEMOS, / MARINA DE MORAIS E PRADO MORABI, / TELMA SOARES DA COSTA E VÂNIA PANOBIANCO SILVA MELO. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** AQUI VOCÊ CONFERE COMO ALGUMAS DAS PERSONAGENS OUVIDAS PERCEBEM AS REDES DE APOIO ÀS MULHERES E A SUA IMPORTÂNCIA NA CONSCIENTIZAÇÃO DA CIDADANIA FEMININA. / QUEM ABRE A DISCUSSÃO É A DONA DE CASA ANA CAROLINA, / DE 29 ANOS, / A ECONOMISTA FLÁVIA BEDICKS, / DE 25 ANOS / E A ESTUDANTE, GRAZIELY FERREIRA DE MIRANDA GURGEL, / DE 16 ANOS. //

ANA CAROLINA:

**TI - TF: 25:19 - 25:36** É bom outras mulheres poderem ajudar as outras, porque muitas das vezes as mulheres não têm coragem de ir fazer uma denúncia. Quando tem um grupo, uma pessoa ajudando é mais fácil ela abrir a cabeça, abrir o pensamento pra ir fazer e falar.

FLÁVIA:

**TI- TF: 20:50 - 21:13** observar outras mulheres que já tinham desenvolvido essa consciência chancelarem isso ou pontuarem: ah tu viu o que aconteceu comigo? Você viu o que aconteceu com a fulana? Aí isso aconteceu com você? Quando acontecer com você não deixe. Ter acho que algumas pessoas, algumas mulheres próximas me ajudando a desenvolver essa consciência foi fundamental.

**TI - TF: 25:30 - 25:56** [...] o que eu acho que faz bastante sentido aqui é buscar em outras mulheres essa aliança pra que um pleito possa ser ouvido e para que não seja simplesmente uma mulher louca e mandona que quer protagonismo, que quer se achar e lá e falar: ah não eu quero que o meu salário seja igual de um homem, né? Mas que seja um grupo de mulheres juntas falando: peraí gente, olha só, olha, olha essa discrepância, né?

**TI- TF: 26:08 - 26:38** [...] uma das coisas que a gente tem feito enquanto mulheres é se unir e realmente reconhecer e identificar quem são mulheres que merecem tá em postos de liderança e que poderiam tá ganhando esse protagonismo e dar voz a isso. Ah fulano: excelente ela já pode ser diretora. Ah não sei quem: pois é ela já pode ser gerente tipo falar o óbvio, né? Porque às vezes o óbvio não é dito e colocar isso como algo que se torna mais claro e enfim, que vai entrando na cabeça dos homens também.

**TI - TF: 28:32 - 28:47** eventualmente poder tá próximo ou buscar mulheres que são referências nisso pra gente se inspirar e pra gente aprender, porque às vezes a gente não tem nem consciência do que a gente passa, do que a gente tá vivendo, a gente não tem nome pra isso, a gente não tem um sentimento que consiga, né?

**TI -TF: 28:12 - 28:27** eu comentei e vale reiterar é a questão de sororidade. Então ter nas mulheres aliadas que a gente possa estar se unindo, pra que a gente: não, não tem esse negócio de: a fulaninha é assim fulaninha é assado, mas não a gente está fazendo isso porque todas nós precisamos juntas avançar num direito que é nosso né?

GRAZIELY:

**TI - TF: 12:45 - 12:51** Eu acho muito legal porque elas estão lá lutando não apenas por elas, mas por todas as mulheres do mundo.

### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** AS MINHAS VIVÊNCIAS E AS EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS PELA MINHA COLEGA DE PRODUÇÃO, MARIA LUIZA, / EVIDENCIAM UMA TRISTE REALIDADE: MUITAS PESSOAS POSSUEM UMA AVERSÃO AO TERMO FEMINISMO. / O PRÓPRIO MOVIMENTO TAMBÉM PASSA POR ESSA SITUAÇÃO, / REALIDADE QUE REFORÇA AINDA MAIS O SILENCIAMENTO DAS CAUSAS DE

MULHERES E MENINAS E DAS OPRESSÕES VIVIDAS POR ELAS. / ESSAS PERCEPÇÕES RELATADAS TAMBÉM PELA JORNALISTA NARELLY BATISTA PEREIRA, / DE 28 ANOS. //

NARELLY:

**TI - TF: 5:08- 5:43** Quando a gente observa a quantidade de mulheres que nós temos principalmente em Goiás, que abominam a palavra feminismo, isso significa que a gente tem aí uma dificuldade de explicá-las o que que é silenciamento e porquê que isso é ruim. Porque para muitas mulheres isso não é ruim, porque elas não entendem isso como ruim, porque elas foram, elas aprenderam que o papel delas era esse, sabe? Tá naturalizado nas estruturas. Então eu acho que é por isso que a gente tem tanta ... de lidar com esse termo silenciamento, né?

**TI-TF: 6:58 - 7:27** Tem uma tentativa muito forte do estado, muito fortes do patriarcado de que esses temas não sejam discutidos porque esses temas a partir do momento que ele é discutido, ele vai exigir que postura seja tomada né? É por isso que toda vez que uma mulher avança a gente avança com elas, mesmo que às vezes essas mulheres não tenham e não defendam ideias que sejam minhas, por exemplo, né?

**TI- TF: 11:43 - 11:57** Eu não tenho motivo às vezes para discutir pautas feministas porque elas não dizem respeito a mim assim, sabe? Elas são na verdade, uma cerejinha ali, sabe? São enfeite do bolo e tal.

**NARRAÇÃO:** ACREDITAMOS, ASSIM COMO A PROFESSORA E PSICÓLOGA MARINA MORABI, / DE 35 ANOS, / QUE PARA MUDAR ESSA REALIDADE, / É FUNDAMENTAL O INVESTIMENTO EM UMA EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS E A PROMOÇÃO DE ESPAÇOS DE ESCUTA DE MULHERES E MENINAS. //

MARINA:

**TI - TF: 23:33 - 24:05** eu preciso fazer um movimento de educação dentro das escolas, eu preciso fazer movimentos de educação dentro das organizações, eu preciso fazer políticas públicas que disponibilizam absorvente pelo SUS, ou pela assistência social. Então, ação que vem advindas das reflexões e das escutas também precisam ser implementadas, a escuta é o

primeiro passo, a partir daí é preciso ir criando ações em cada um dos âmbitos para irmos de algum modo ressignificando essa construção sócio histórica que é ainda tão desproporcional.

**NARRAÇÃO:** ACREDITAMOS TAMBÉM QUE ESSE É O CAMINHO PARA QUE RELATOS COMO O DA JORNALISTA E PROFESSORA UNIVERSITÁRIA SILVANA MONTEIRO, / DE 52 ANOS, / SE MULTIPLIQUEM. //

SILVANA:

**TI - TF: 11:33 - 11:38** eu sou uma pessoa privilegiada, porque eu tive essa formação dentro da minha casa e eu não tenho lutas tão árduas quanto outras mulheres, que tem que lutar pela sobrevivência assim com unhas e dentes e, muitas vezes, não há realmente espaço pra que elas desenvolvam essa consciência a respeito do feminismo, dos poderes que a mulher deve e precisa dentro ter da sociedade.

**TI - TF: 5:32 - 5:38** [...] é muito importante que se trabalhe com essa questão do feminismo, que se estude e que se discuta.

**NARRAÇÃO:** A ESTUDANTE DE NUTRIÇÃO ISABELA SILVA, / DE 19 ANOS, / PONTUA QUE A MUDANÇA SÓ É POSSÍVEL POR MEIO DA INFORMAÇÃO E DO EMPODERAMENTO DAS MULHERES. / SILVANA MONTEIRO TAMBÉM REFORÇA A IMPORTÂNCIA DO EMPODERAMENTO FEMININO. / PROCESSO QUE PARA ELA FOI PREJUDICADO PELO SILENCIAMENTO. //

ISABELA:

**TI - TF: 15:41 - 16:09** Acho que a nossa sociedade ela não tem muita informação, ela é uma sociedade ignorante né, sobre esse assunto. Então, eu penso que pra conquistar seus direitos você tem que ter ações pequenas, diárias, relacionado a isso pra conseguir mostrar que você tem a capacidade né, tanto no mercado de trabalho, que ainda é uma grande conquista a ser alcançada.

SILVANA:

**TI - TF: 5:48 - 6:25** é preciso investir muito na questão da sororidade. Eu acho que as mulheres elas têm que se empoderar entre elas num primeiro momento, pra depois pra passar pra essa discussão do feminismo, propriamente dito. Eu acho que as mulheres elas têm que se enxergar, até de uma forma entre aspas corporativista como os homens se enxergam, se defendendo, lutando por seus direitos, porque o que eu vejo ainda na sociedade é mulheres criticando mulheres, mulheres se posicionando contra mulheres, isso é extremamente pernicioso pra esse movimento.

**TI - TF: 3:00 - 3:15** eu acho que esse reconhecimento tardio se deu justamente pelo silenciamento, por essas questões não estarem postas na discussão social e então, são assuntos que não são debatidos, não são vistos, não são comentados.

**NARRAÇÃO:** FLÁVIA BEDICKS CONTA COMO O ACESSO A INFORMAÇÃO IMPACTOU DE FORMA SIGNIFICATIVA SUA VIDA. //

FLÁVIA:

**TI - TF: 21:41 - 22:05** E aí com o tempo a minha mentalidade mudou de que não é uma questão de insistência e teimosia é uma questão de respeito, é uma questão de direito né? E eu acho que essa mesma lógica pode ser aplicada pra qualquer outra coisa. Imagina que a gente não estivesse lá atrás batido: eu quero votar. A gente falar: ai que teimosa, desencana, deixe que o homem vota. Não, nós somos cinquenta e dois por cento do país. A gente tem que voltar né?

**TI - TF: 23:50 - 24:12** Então eu acho que entender um pouquinho dessas dinâmicas me ajudou bastante ainda tem muita coisa tem que melhorar, tem muitas vezes que eu fico quieta que eu não faço jus que eu acabo levando com a situação, mas ter ter mulheres como referências, mulheres fortes assim que podem te auxiliar ou que podem exemplificar na prática. Eu acho que foi a principal.

**NARRAÇÃO:** A ECONOMISTA EXPLICA AINDA A IMPORTÂNCIA DE DISCUTIR O TEMA. //

FLÁVIA:

**TI-TF: 28:58 - 29:02** [...]a gente buscar de alguma maneira trazer mais luz a esse assunto né?  
[...]

**TI-TF: 29:08 - 29:48** Porque quando a gente fala sobre isso, quando a gente tira sobretudo nesse caso os homens da zona de conforto, a gente consegue também buscar uma mudança de comportamento para ter um ter direitos iguais, ter uma maternidade, uma licença maternidade talvez se torne uma licença parental, né? Que a mulher possa sair, mas o pai possa sair também, porque que só a mulher que tem que sair, que a gente possa ter salários iguais, fundamental, que a gente possa ter destinos iguais, né? oportunidades iguais dentro das carreiras que a gente escolhe, enfim, acho que em todos em todos os quesitos, que a gente possa andar na rua sem preocupação, sem medo. Alguém me chamar né?

**NARRAÇÃO:** E A JORNALISTA NARELLY BATISTA TAMBÉM DEIXA SEU  
RECADADO. //

NARELLY:

**TI - TF: 23:53 26:01** Porque a gente tem o mundo possível, a gente tem um mundo ideal e a gente tem o mundo que nós vivemos. [...]

**TI - TF: 26:12 - 26:26** no mundo possível dá pra gente fazer aqui daqui dois dias, daqui três dias, agora o mundo ideal ele leva mais um tempo e aí ele só vai acontecer se a gente conseguir fazer essas coisinhas pequenas, essas possibilidades de chamar essas pessoas [...],

**TI - TF: 26:28 - 26:33** dar espaço pra elas serem visualizadas, né?

**NARRAÇÃO:** NÓS VAMOS TERMINAR O QUINTO EPISÓDIO DESSA SÉRIE DE  
PODCAST QUE SE PROPÕE A DISCUTIR O SILENCIAMENTO FEMININO E SEUS  
IMPACTOS NA VIDA DAS MULHERES, / COM O DEPOIMENTO DA ESTUDANTE  
GRAZIELY GURGEL E DA DONA DE CASA ANA CAROLINA NUNES. / A EDIÇÃO É  
DE NILSON FILHO. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA DENIZE DAUDT  
BANDEIRA. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** CONTINUE ACOMPANHANDO O MATERIAL OU BAIXE PARA OUVIR DEPOIS. / E DEIXE SEU COMENTÁRIO LÁ NO INSTAGRAM (OUTRO ENTONAÇÃO / CRIANDO JARGÃO). //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

GRAZIELY:

**TI - TF: 18:12 - 18:33** Eu acho que o meu recado é apenas uma visão de futuro. Que um dia as lutas que a gente está tendo, as manifestações, um dia serão a realidade, porque a gente está lutando. Então é isso, se não lutar não tem

**TI - TF: 18:49 - 18:50** envolvimento.

ANA CAROLINA:

**TI - TF: 11:31 - 11:36** Eu tenho o sonho de terminar meus estudos e fazer uma faculdade, coisa que eu fui impedida de fazer.

**TI - TF: 11:39 - 11:49** Eu casei muito cedo, ele não deixava eu acabar meus estudos e aí, deu no que deu. Não tive a oportunidade que hoje eu queria ter.

**TI - TF: 11:52 - 12:03** Não foi fácil, porque hoje eu poderia tá formada, ter um bom trabalho, hoje eu não tenho, ter carro, é difícil, tem que ficar dependendo das pessoas, não é bom não.

**Episódio 6 - silenciamento feminino, uma conversa com as nossas mães**

**TEC: VINHETA DO PODCAST**

**BG 2: Tea Time - Ofshane**

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** ESSE É O ÚLTIMO EPISÓDIO DESSA SÉRIE DE PODCASTS QUE SE PROPÕE A DISCUTIR O SILENCIAMENTO FEMININO E OS SEUS IMPACTOS NA



VIDA DAS MULHERES. / VOCÊ ACOMPANHA AGORA UMA ENTREVISTA COM TELMA SOARES DA COSTA, / DE 52 ANOS, / E VÂNIA PANOBIANCO SILVA MELO, / DE 55 ANOS. / RESOLVEMOS CONVERSAR SOBRE ESSE TEMA COM ESSAS DUAS MULHERES MADURAS, QUE SÃO TAMBÉM AS NOSSAS MÃES. //

**OBS: ÁUDIO PARTE 1**

TELMA:

**TI - TF: 00:00 - 00:08** Meu nome é Telma Soares da Costa, tenho cinquenta e dois anos (52) e o que eu mais gosto de fazer é ouvir música.

**TI - TF: 0:22 - 0:45** Porque ela me acalma, me acalma, a música, eu consigo viajar, me sentir livre quando eu tô ouvindo música, é muito uma coisa assim que me conforta, sabe? Vou pro trabalho, eu vou ouvindo música, quando eu chego lá eu vejo que eu me sinto bem melhor pra enfrentar o dia. Então, é tipo uma terapia pra mim.

VÂNIA:

**TI - TF: 0:57 - 1:28** Meu nome é Vânia Panobianco Silva Melo, Silva Melo é do meu marido, eu tenho cinquenta e cinco anos (55), eu sou casada tenho três filhos e eu gosto muito, sempre gostei de tá na minha casa, de cuidar da minha casa, pode até ser assim meio hoje em dia, né? Falar assim: ah que que você eu sou dona de casa, cuido da minha casa, do meu filho, do meu marido.

Pode até falar, mas isso eu faço assim com prazer, com alegria, porque eu gosto mesmo.

MARIA LUIZA:

**TI - TF: 1:49 - 1:55** E aí vamos pra primeira pergunta: o que é ser mulher pra vocês?

TELMA:

**TI - TF: 2:14 - 2:32** Uai, ser mulher pra mim é cada dia tá aprendendo, crescendo e não desanimar diante das situações né? [...]

**TI- TF: 3:05- 3:11** temos uma capacidade de transformação, de crescer, muito forte. [...]

**TI- TF: 3:20- 3:27** Então, acho que é isso, a mulher é um ser assim maravilhoso. [...]

**TI-TF: 3:55 - 3:57** Jesus amava as mulheres. [...]

**TI-TF: 4:01- 4:05** Foi isso, então ele tinha um amor pelas mulheres impressionante,

**TI-TF: 6:12 - 6:40 (todo esse trecho)**

VÂNIA: Então eu acho que mulher é isso daí

TELMA: Mulher é poder transformador

VÂNIA: Exatamente

TELMA: Transforma uma sociedade, a família. o lugar onde ela vive

VÂNIA: Exatamente a gente podia passar o dia inteiro aqui falando da fraqueza e da sensibilidade, do fortalecimento, da mulher, de tudo aquilo que ela é capaz de fazer e de transformar ao mesmo tempo, sabe?

VÂNIA: Mais ou menos isso.

TELMA: Tô até emocionada. Ela ficou emocionada.

**(todo esse trecho)**

LAURA:

**TI - TF: 7:27 - 7:42** E eu queria saber se vocês pensam, se vocês conhecem esse termo, silenciamento feminino, o que que vocês acham sobre ele? De que forma vocês enxergam ele, se vocês conseguem perceber ele, em ou no ambiente que vocês vivem e etc.

TELMA:

**TI - TF: 7:45 - 8:00** Onde eu trabalho eu vejo silenciamento feminino. Questão do lar. Quando você pergunta pra mulher, qual que é a sua profissão? Aí ela fala: do lar. Então da forma que ela fala você já vê que aquilo pra ela é um desmerecimento.

VÂNIA:

**TI - TF: 8:01- 8:02** É um martírio falar.

TELMA:

**TI - TF: 8:03 - 8:16** Tipo, ai eu fico olhando assim e penso: se você for falar do lar, se você for pensar o que uma mulher faz, ela faz muito mais de quem está trabalhando fora, mas ela mesma quando ela fala 'do lar' ela mesmo diminui.

**TI - TF: 8:25 - 8:41** E observo também quando chega o marido e a mulher, já aconteceu muitas vezes de chegar, eu pergunto, eu olho pra paciente, né? Paciente a Maria, no caso não, a paciente é a Josefa. Aí eu olho e pergunto: Me empresta o documento?

O marido dá o documento.

**TI - TF: 8:59 - 9:08** Aí eu olho pra ele e falo: qual a sua profissão? O marido fala.

Então ali eu já vejo que é uma forma, é uma forma de silenciamento.

VÂNIA:

**TI - TF: 9:38 - 9:57** Vou pegar um gancho na fala dela, isso às vezes não é nem intimidamento do marido porque situações desse tipo já aconteceu comigo. Eu vim numa família que eu dependi, eu fui dependente até os vinte e cinco anos (25) de pai e mãe. Aí eu me casei e fiquei dependente do meu marido, certo? [...]

**TI - TF: 9:58 - 10:21** já aconteceu a situação jeito que às vezes a gente ia no banco e numa situação que eu ia com o meu bem e aí a moça perguntava, começava pegar os dados, meus dados e meu bem falava, meu bem falava meus dados, falava as coisas, tudo que ela perguntava ele falava, né? Aí eu falei, aí eu fui pegando aquilo e falei assim: esse negócio tá certo não, esse negócio tá errado... É meu, é a minha vida, nome, é meu documento, é o meu negócio.

**TI - TF: 10:24 - 10:52** [...] aí um dia eu falei, não, isso não tá certo não, cheguei em casa e falei: amor, eu não quero mais. Quando a gente for, você vai comigo, você vai me acompanhar, mas quem fala sou eu, é o meu documento, é o meu CPF, é o meu endereço, então deixa eu falar, eu não quero mais que você fale. Então realmente é isso, mas era a questão da gente tipo conversar e outra coisa ele fazia não achando que eu tava achando ruim. Ele fazia tipo assim: ah eu vou ajudar ela, eu vou tipo proteger

**TI - TF: 11:09 - 11:14** Isso acontece muito. Lá no meu trabalho também já presenciei várias coisas desse tipo assim.

**TI - TF: 11:15 - 11:25 (todo esse trecho)**

TELMA: Então assim, essa situação aí ela tem vários, é um leque. né? Pode ser que ele é protetor.

VÂNIA: Sim e pode ser intimidador mesmo.

**(todo esse trecho)**

**TI - TF: 13:30 - 14:03 (todo esse trecho)**

MARIA LUIZA: É muito interessante vocês deram exemplos de outras pessoas que silenciam, né? No caso do marido, homem e também silenciamento da própria mulher, né? No caso da própria mulher desmerecer.

TELMA: Isso mesmo.

MARIA LUIZA: O ambiente dela, aquilo que ela faz e que é um privilégio, mas também é uma um exercício, né? É uma profissão. E aí a própria mulher silencia.

TELMA: É, parece que ela fica vergonha. Tem um tom tão baixinho.

MARIA LUIZA: O trabalho dela, né? Então, tem esses dois lados de ser silenciada por outras pessoas e você mesmo se silenciar, né? Se limitar.

**(todo esse trecho)**

LAURA:

**TI - TF: 15:11 - 15:26** Eu acho que é por aí mesmo o caminho, por exemplo, de mudar essa realidade, né? Quando alguém fala, a não, eu sou de casa. Eu sou do lar que que bom que você é do lar, né? Que bom que você cuida das suas coisas, do lugar que você vive e o tanto que cê trabalha com isso, né?

**TI - TF: 16:03 - 17:01 (todo esse trecho)**

MARIA LUIZA: E isso também é muito legal por conta dessa desconstrução, porque como antigamente assim, as mulheres eram obrigadas a estar em casa, né? E houve essa migração das mulheres indo pra fora de casa pra rua, pro trabalho, aí falou assim, virou ao contrário, a que fica dentro de casa, ela é pouca coisa, né?

VÂNIA: Porque deixou de valorizar porque ela quer, ela escolheu tá ali. É uma opção dela, falou, não, eu não quero ir pra rua, eu quero ficar em casa.

MARIA LUIZA: Exatamente.

TELMA: Essas coisinhas assim são formas de silenciamento. Né? O silenciamento não é só a agressão, claro né só não, agressão é algo muito sério. Mas você começa nessas pequeninas coisas, né? E aí vai aumentando. Então é uma forma é, a gente está falando de silenciamento, mas a gente pode partir pra outros casos também, né? [...]

**(todo esse trecho)**

VÂNIA:

**TI - TF: 17:36 - 17:50** precisa de o quê? Precisa de acompanhamento psicológico até pra terapia. Preciso de um apoio da família, né? Ela precisa ter perspectiva de melhoras, lutar contra aquilo, ela tem que tentar melhorar,

MARIA LUIZA:

**TI - TF: 19:03 - 19:21** E a próxima pergunta também entra nesse nesse caso que vocês estão falando aí que é pensar pontos positivos e negativos de ser mulher de dentro da vivência de vocês, daquilo que vocês acreditam que é bom e que é ruim, ser mulher.

VÂNIA:

**TI - TF: 19:55 - 20:43** eu acho assim a meu ver assim na minha vivência, não chega a ser ponto negativo mas é ruim porque eu ainda me cobro muito assim na questão das tarefas de casa porque eu achava hoje em dia eu já estou aprendendo mas eu achava bem mais recente quando eu casei um pouco mais na frente que a mulher ela tinha que fazer tudo, tudo era a mulher, as coisas de casa, que se meu esposo levantasse de manhã e fizesse o café da manhã pra nossa família, aquilo pra mim, meu Deus, se eu tivesse deitado e eu Lincoln levantar pra fazer o café, colocar a mesa e colocar as crianças pra tomar café, eu me sentia assim a pior das mulheres pior das mulheres e uma um peso, uma culpa [...]

**TI - TF: 21:06 - 21:36** Então, eu fui vendo que aquilo era possível acontecer, aquilo era possível sim dentro da minha casa, eu sendo mulher, porque mulher era pra se casar, né? Cuidar da casa, do marido e dos filhos, então esse era o papel da mulher e homem não podia tacar ali. Homem não podia dar banho no filho, homem não podia fazer comida, homem não podia botar uma mesa, homem podia fazer nada daqueles serviço que que entre aspa, fosse da mulher. E isso graças a Deus eu fui aprendendo que não é, que isso a gente pode dividir sim e deve.

TELMA: Maravilha (FALAS MISTURADAS)

**TI - TF: 23:58 - 24:37** a minha mãe arrumava a roupa do meu pai na cama, por exemplo, toalha, o chinelo dele, a cueca dele, a roupa que ele ia chegar, ele chegava do trabalho, a roupa tinha que tá em cima da cama, a toalha, a cueca e o chinelinho e aí se não tivesse arrumado naquele dia, as vezes chegasse e não tava lá: Cadê minha toalha que não tá aqui... Aí já era

motivo da discussão e aí com isso ela ensinou a gente a fazer dos meus irmãos também, eu fazia dos meus irmãos, eles eram mais velhos e a gente fazia, eu e a minha irmã mais nova fazia, colocava a roupa dele, a toalha dele, o chinelo dele em cima da cama também, no pé da cama, para ele chegasse tava prontinho. E nós mulheres ninguém arrumava pra nós, era nós e nós.

TELMA:

**TI - TF: 25:43 - 25:55** Mas é porque sua mãe foi criada assim, então foi passando de geração a geração. Sua avó que passou para sua mãe, que passou pra vocês e que graças a Deus não passou para os seus filhos, né?

**TI - TF: 26:13 - 26:30** É, agora cê vê. Isso dele te ajudar, eu não seria a palavra certa, é um privilégio, mas ele te ajudar, fazer isso que você disse isso daí é fantástico é um privilégio, mas era uma coisa que devia normal né? Nas casas, nas famílias.

**TI - TF: 27:52 - 28:21** só falando um pouquinho dessa parte de ser mulher e não ser, uma das coisas que eu achei que a sociedade inclusive a própria mulher né? Foi quando eu me divorciei e queira ou não você é olhada de uma forma diferente pela sociedade então até hoje quando me perguntam: ah você tem marido? [...]

**TI - TF: 28:25 - 28:26** Você tem marido? Aí eu falo, não, não tenho marido.

**TI - TF: 29:08 - 30:08 (todo esse trecho)**

TELMA: As pessoas ainda têm esse é preconceito ainda contra a mulher, ainda mais quando é negra, vem de família simples. Eu mesmo os meus irmãos tudo sem faculdade eu não fiz faculdade, quando olha pra você e vê com a sua filha é diferente, então assim essa é uma das coisas que eu vi que a mulher né assim da sua filha não é, eu vou falar, não é da sua cor,

VÂNIA: Mas ela é sua filha? Ele fala assim,

TELMA: Ela é sua filha? Ou então, ué, cê tá parecendo, aquela história da mulher que raptou o Pedrinho, né? Já ouvi isso também

VÂNIA: Também é engraçado, só cortando você um pouquinho, engraçado, quando as pessoas falam: mas ela é sua filha? E a gente ainda fala assim: é porque o pai dela era branco... A gente ainda quer justificar com uma coisa que não precisa, poxa vida ela é minha filha

TELMA: Eu já ouvi isso daí, ela é minha filha, e eu respondia: porque o pai dela é branco

**(todo esse trecho)**

**TI - TF: 30:31 - 30:47 (todo esse trecho)**

MARIA LUIZA: Até a diferença entre mulher separado e homem separado.

TELMA: Totalmente, totalmente diferente aí bota lá atrás essa pergunta de o que é bom volta lá atrás do que é ser mulher acho que uma casa com a outra né? [...]

**(todo esse trecho)**

TELMA:

**TI - TF: 31:10 - 31:33** A gente foi criado dentro dum padrão. Qual era o padrão? Era você ir pro colégio, o padrão, era você pra igreja, o padrão era você ter um cabelo alisado porque naquela época a gente não era o que a gente podia, mas a mãe da gente queria fazer o melhor, o negócio é deixar o cabelo alisado, né? Era tudo muito padronizado,

MARIA LUIZA:

**TI - TF: 35:57 - 36:01** E quais coisas você acha que não podia ser feito porque você era mulher [...]

**TI - TF: 36:04 - 36:25 (todo esse trecho)**

MARIA LUIZA: Tipo que você viu falar isso aqui eu sei que eu não posso fazer quem me ensinou porque eu sou mulher.

TELMA: Brincar na rua. Ficar na rua. Não, não menina não fica na rua. Menina é ficar dentro de casa, né? que mais? Tipo de roupa, [...]

**(todo esse trecho)**

TELMA:

**TI - TF: 36:37 - 37:00** Então assim não pode sair dessa forma, mas o homem pode. Mulher não podia, é eu não podia, por exemplo, é como é que eu vou explicar? É sair com ah eu não podia chegar tarde, mas meu irmão podia chegar à tarde. Essas pequenas coisas, sabe? [...]

**TI-TF: 37:13 - 37:21** Então, eu entendo que era um cuidado, mas era algo que a gente não podia porque era mulher então tem essa isso

**OBS: ÁUDIO PARTE 2**

**TI - TF: 0:00 - 0:50 (todo esse trecho)**

MARIA LUIZA: E a gente assistiu um um documentário. um documentário, não. O que é? Um vídeo?

LAURA: É, da moça. Eu acho que...

MARIA LUIZA: Da folha, de uma senhora, é, como é que é? É, não sei o que, os quarenta maridos?

LAURA: Dos trinta e dois maridos.

MARIA LUIZA: Dos trinta e dois maridos. Mas é uma senhora falando das dificuldades de olhar a mulher na terceira idade, né? Não é o caso de vocês, né? Mas é o caso dela, como uma mulher que ainda tem uma vida sexual ativa, que ainda tem, que ainda tá viva, né?

TELMA: Sim.

LAURA: Que ainda tá viva né?

MARIA LUIZA: Que ainda tá viva, não como uma mulher morta que agora o destino dela é esperar a morte chegar.

VÂNIA: Misericórdia.

MARIA LUIZA: Então, é, foi muito legal assim e aí a gente queria conversar um pouco disso. Como que vocês veem essa questão, sabe? Assim, é, não só relacionada a vida sexual, mas de coisas que pra mulheres jovem é ok e pra mulher mais velha, tipo assim, larga disso, olha a sua idade.

**(todo esse trecho)**

VÂNIA:

**TI - TF: 1:21 - 1:27** Então, essa essa questão da mulher madura, depois que ela passa dos cinquenta anos, né? [...]

**TI - TF: 1:37 - 1:52** Que a mulher, até aos cinquenta anos, ela tem os hormônios dela tudo, entre os quarenta e cinco e cinquenta anos, ela tem os hormônios dela tudo funcionando beleza e, a partir dos quarenta e cinco anos, o negócio começa descer ladeira abaixo né? [...]

**TI - TF: 1:56 - 2:26** antigamente, a mulher de cinquenta anos, sessenta anos já era uma mulher, é considerada velha né? É, os hormônios já tinham ido embora e tal. Só que hoje, trazendo pra nossa realidade de hoje, a mulher de cinquenta ano ela é uma mulher de cinquenta ano, ativa. Graças a Deus, nós podemos contar com com o que facilita pra nós. Tecnologia, né? Que é as reposições dos hormônios que a gente perde, né?



**TI - TF: 3:23 - 3:58** Quando eu entrei na menopausa, quando, dos quarenta e cinco, depois dos quarenta e cinco, eu comecei, eu entrei no climatério, eu comecei a ter umas dificuldade. É, baixa libido, é, ressecamento, é stress, é, insônia, aquelas coisas, calorão, aqueles negócio tudo que incomodava a mulher. E eu falei assim: uai, esse negócio não tá certo, sabe? Esse negócio não é certo. Eu sou jovem ainda, eu tenho uma vida sexual ativa, sabe? Eu amo meu marido e tal, a gente se dá muito bem. Só que tá ruim desse jeito, sabe? [...]

**TI - TF: 4:01 - 4:21** Eu comecei a ler, comecei a investigar e tudo, fui na minha ginecologista. Só que a minha ginecologista também não me orientou assim, tipo, abriu o jogo comigo. Vânia, é assim, assim, assado. Você vai fazer isso, isso. Não, ela falou assim: muita das vezes, isso é assim mesmo, é da idade da mulher, isso não era como era antes.

**TI - TF: 4:51 - 5:21** eu fui buscar ajuda e graças a Deus, é, eu encontrei ajuda. É, a questão até da fisioterapia pélvica pra mulher que é sensacional. Eu vim descobrir coisas que eu não sabia. Verdade. Cinquenta e cinco anos, eu não sabia. Eu fui me inteirar e fui conhecer, fui buscar informação. Informação correta, sabe? Da forma correta. E aí eu fui ensinada, sabe? Até conhecer meu próprio, até o que que eu queria, o que que eu não queria, sabe?

**TI - TF: 5:33 - 5:45** Eu falei: misericórdia, todas as mulheres tinha que saber dessas informações. Todas as mulheres tinha que ter acesso a isso, tinha que saber das coisas pra ela ter uma vida, é, boa, sexual, ter prazer e tudo mais, sabe?

**TI - TF: 5:57 - 5:59** A Maria Carolina já tinha me falado, [...]

**TI - TF: 6:02 - 6:33** Ela falou: Mãe, oh, a senhora tem que procurar porque tem que fortalecer o assoalho pélvico, tem escapes de urina, porque você começa espirrar ou tossir, começa com um escape de urina pequenininho, sabe? Então pra você não ter isso, é, você tem que procurar, fazer fortalecimento pra você, pra você fortalecer o seu assoalho pélvico, é, porque tem mulher, é, que às vezes, já quando vai procurar já está com um problema, mas tem solução, mesmo que esteja com o problema, tem solução pra isso, sabe?

**TI - TF: 7:23 - 7:40** Então, por que não passar numa forma boa, saudável, com saúde, isso é saúde da mulher, tá? Isso é saúde da mulher. Não é falar assim: ah, isso não tem mais jeito, como muitas ginecologistas falam pra paciente: Não, isso é assim mesmo, cê vai aprender conviver com isso.

**TI - TF: 9:43 - 10:10 (todo esse trecho)**

**VÂNIA:** é, eu pensava que talvez não tinha, é, solução. Que, às vezes, fala assim, aí não queria namorar hoje, porque, aí, está tão dolorida, é, é, não é meu caso não era dor, mas é desconforto. É tão desconfortável, tal, aí não vou querer. E aí você acaba: hoje não, amanhã.

TELMA: Amanhã também não, né.

VÂNIA: Quando vê, cê tá aí quinze dias e aí, vai ficando, vai...distanciando. Eu falei: não quero isso pra minha vida não, eu vivo tão bem com o meu marido, a gente é jovem. Vou procurar ajuda. [...]

**(todo esse trecho)**

**TI - TF: 10:41 - 10:57 (todo esse trecho)**

VÂNIA: É igual você ir pra academia, você não malha teu músculo? Malha a sua perna.

TELMA: É verdade.

VÂNIA: Não tem que malhar? Então você tem que malhar teu assoalho pélvico também. É, porque ele envelhece, ele fica fraco e aí, você não consegue segurar xixi, você não tem uma relação gostosa e boa.

TELMA: Prazerosa, né.

**(todo esse trecho)**

**TI - TF: 12:48 - 13:14 (todo esse trecho)**

VÂNIA: Olha, e realmente, muda muda a vida da gente. Aí eu falei assim pra ela: Doutora, eu queria que todas as mulheres tivessem acesso a isso

T: Acesso a informação.

VÂNIA: Porque isso é muito importante, isso é bom, isso é saudável, isso é saúde pra mulher. A mulher é outra mulher, sabe? É outra mulher.

TELMA: É porque antes, é, depois que a mulher, é, quando entrava na menopausa, a mulher não tinha mais valor, né?

VÂNIA: Não.

TELMA: Tipo assim, aquela mulher que num... é descartável, né?

**(todo esse trecho)**

TELMA:

**TI - TF: 13:49- 14:12** uma uma conhecida nossa, ela tem oitenta anos e ela vai casar. Aí, nossa, falando: ah, você vai casar, maravilha, tem que casar mesmo, porque vai ficar sozinho né? Aí houve um, aí teve um comentário: ah, lavar cueca de homem nessa idade, casar pra lavar a cueca de homem. Aí eu falei: a gente, deixa a mulher casar. Quer casar, casa.

**TI - TF: 15:47 - 16:49 (todo esse trecho)**

LAURA: Eu acho que enquanto mulher a gente é ensinado a cuidar do outro. E aí a gente chega num numa idade onde o outro que é meu filho casa ou outro quer ver tem as coisas dele, dele próprio. E aí você para e fala realmente, então eu não tenho mais utilidade, porque tudo que eu cuidava não cuida mais. E a gente esquece disso, que a gente ainda vai ter trinta anos, né?

VÂNIA: Trinta anos e com saúde, saudável.

MARIA LUIZA: A gente tá falando de pessoas de cinquenta anos, né? Então assim, ainda tem um tanto ali...

LAURA: Quanta vida tem?

MARIA LUIZA: Exatamente.

LAURA: E aí eu acho que pensar sobre isso, é, eu acho a gente, muitas vezes, não não é não é entregue esse conteúdo pra gente né? Porque se for falar de disfunção de homem, a gente encontra bem mais fácil. Toda mulher sabe que que homem precisa fazer pra tratar isso, toda mulher sabe, que dirá o homem.

TELMA: É, mas não sabe o que que precisa tratar a mulher né.

VÂNIA: A informação pra mulher não chega pra ela dessa forma assim, abertamente.

**(todo esse trecho)**

**TI - TF: 18-56 - 19:17 (todo esse trecho)**

TELMA: Acho que, eu não tenho nada a ver, mas é uma que você deveria falar sim em grupos de mulheres. Um assunto pequenininho. Gente, isso aí foi fantástico, eu não sabia.

MARIA LUIZA: Acabou de influenciar, né?

TELMA: Não sabia.

VÂNIA: É bom.

TELMA: Eu não sabia disso.

VÂNIA: Um a zero.

RISADAS

**(todo esse trecho)**

**TI - TF: 20:24 – 23:07 (todo esse trecho)**

TELMA: Uma coisa que deveria ter nas escolas é educação sexual.

VÂNIA: Deveria ser obrigatório, né?

TELMA: É e começar lá do início.

VÂNIA: Ensinando da forma correta, né? Ensinando as crianças da forma correta.

TELMA: Porque, quando chegar na fase que a gente tá, tipo assim, né? Que a gente passa por tantas fases, a gente ficar assim tipo eu, nossa, não sabia que isso é isso.

VÂNIA: E eu ainda, eu acho que eu pequei um pouco com as menina. Mas, eu pequei não porque, é, eu num num sabia falar assim, porque eu num tinha essa informação. Eu soube de coisa agora, com cinquenta e cinco anos, que eu poderia ter sabido lá trás pra poder orientar ela, sabe? Pra não passar aquilo que, as vezes, eu passei, to passando, sabe? Por falta de informação, falta de informação. E hoje em dia, a gente não pode assim, abrir o Google e aí ir lá. Não, cê tem que ir na fonte científica, no que é verdade, sabe, procurar a fonte certa, porque tem um monte de besteirada, de coisa errada. Mas, se você for nas fontes certas, nas pessoas certas, você tem as informações corretas pra você poder usufruir pra você e poder passar e ensinar também pros seus filhos, pra suas filhas.

TELMA: Isso chama qualidade de vida.

VÂNIA: Exatamente, exatamente.

LAURA: O silenciamento feminino ele é por aí. Ele poda...

VÂNIA: Poda mesmo.

LAURA: A qualidade de vida da mulher. E aí, a gente é criado nessa caixinha, que a senhora falou no início.

TELMA: No padrão né.

LAURA: Num padrão. E quando... e é ensinado que esse outro padrão, ele é um padrão deturpado, ele é de menina da rua, da vida... na verdade, nós tamo falando de qualidade saúde de um ser humano, né, que é uma mulher né.

MARIA LUIZA: E isso entra, igual a gente falou, em absorvente, em preservativo, e uma série de coisas que faz parte da saúde né, porque as pessoas, é, talvez não levam a sério ou não, é, permitem esse acesso. Igual vocês falaram de ensino nas escolas, né? O povo acho que o ensino na escola vai ensinar criança a coisa errada, tipo, tem coisas que não é pra criança aprender na hora. Mas, não é. É uma forma da criança saber como que ela tá sendo assediada.

VÂNIA: Isso.

MARIA LUIZA: Como que ela tá sendo, é, violentada. Como é que cê vai explicar isso pra criança? É através da educação sexual. Então assim, as pessoas, é, tem informação errada sobre os assuntos e elas levam isso pra outras pessoas e aí ninguém quer ter acesso a isso, né? Então assim, coisas que a gente, por exemplo, podia tá explicando pra criança, pra jovem, pra adolescente e não é permitido. É, isso é um tabu, é um problema, não pode falar sobre isso. Então assim, diversas coisas, né? Isso é silenciamento. As pessoas, a gente não dá esse termo, né? Mas, a gente sabe que existe, então isso é muito doido, né?

**(todo esse trecho)**

LAURA:

**TI - TF: 27:54 - 28:00** Então pra gente finalizar eu queria que cada uma desse um recado se pudesse assim dar um incentivo ou um recado

TELMA:

**TI - TF: 28:22 - 28:31** Isso que sua mãe falou pra mim eu gostaria que ela falasse pras mulheres, sou eu falando, né? Nossa foi fantástico, bom mesmo.

**TI - TF: 28:39 - 29:22** Queria deixar pra essas mulheres que elas vivam intensamente, sejam felizes é procurem o autoconhecimento, conhecer, permitem a fazer aquilo que gostariam de fazer, não se anulem, sabe é, viva intensamente, cada segundo, cada momento, seja você mesma, ame você primeiro, né? Se cuide e não importa se as pessoas falarem, vão falar, seja bom, seja ruim ou não, mas tenha consciência de que nós somos perfeitas com todos os nossos defeitos [...]

**TI - TF:29:47- 30:12** se você quer ir pra uma feirinha de artesanato, você vai, se quer fazer tatuagem você faz, isso é minha, é meu pensamento, se você quer cortar o cabelo, se você quer é, ficar é, malhar e ficar forte você fica. Então assim, é, ame, namore, beije bastante, cuide dos teus filhos, cuide do seu marido, ame o seu marido, ame os seus filhos, cuide da sua casa. [...]

**TI - TF: 30:25 - 31:00** É, não se cale, tudo começa, tudo é no início. Se você permite que aquilo aconteça no início, você vai, aquilo vai pro resto da vida, vai continuar. Então a primeira que aconteceu, você diga não. Igual sua mãe falou, não gosto, não concordo, eu gostaria que você. Porque se você se permitir na primeira vez, você tá abrindo a porta para aquilo acontecer várias vezes, né? Então, isso eu falo a respeito de que? Da violência, da voz mais alta, [...]

**TI - TF: 32:59 - 34:51 (todo esse trecho)**

TELMA: É isso, mulherada ó bora.

VÂNIA: Bora, bora mesmo.

TELMA: Bora. Eu sou intensa, né? Parece.

VÂNIA: Então, a Telma já falou aí um monte de coisa pra essa mulherada aí, é isso daí, que como mulheres fortes que nós somos, né? Que nós não intimidamos diante das dificuldades, diante dos dos problemas que nós possamos ter essa voz, né? Que a gente não deixe, que nós

mulheres não deixamos de nos expressar, de falar, né? De falar aonde que dói, falar aonde que não dói, de buscar ajuda quando necessário, de buscar mesmo, de não ter, de não ter medo, sabe? Porque as dificuldade e as circunstâncias elas estão aí, os é, como é que fala? Os problemas mesmo, é tanta coisa que vem em cima da mulher, a gente falou muito aqui, de silenciamento, de tudo isso que a gente falou e que a mulher realmente ela consiga ter essa voz dela buscar, né? De ela não deixar o medo, né? Um medo né?

TELMA: O medo priva, né?

VÂNIA: É, o medo, deixar o medo aprisionar ela, pra que ela não consiga se libertar daquele momento ou daquilo que ela esteja vivendo. Então que a mulher forte como ela é, ela tem capacidade de ir buscar. Então que essa mulher não deixe, não deixe ficar parado não, que ela vai buscar mesmo.

VÂNIA: Vai buscar, vai a luta pra conseguir seus objetivos naquilo que ela tá, que ela se propôs a fazer, em tudo aquilo que ela se propôs a fazer ela realmente ela não se calar não, ela deixar a sua voz aparecer. É isso.

**(todo esse trecho)**

**TI - TF: 34:54 - 35:33 (todo esse trecho)**

TELMA: [...] isso sim é o feminismo. Isso é um, isso é feminismo, é você ajudar outra mulher, né?

VÂNIA: Nas suas dificuldades e aprendendo com elas.

TELMA: Isso. Enaltecendo a mulher, isso pra mim é, num sei, mas tá errado, né? É feminismo, é você ajudar a outra, é você se ajudar, a gente juntar, ela passar informação, a gente ajudar a mulher a levantar a autoestima, porque tudo que a gente fez aqui eu entendo que isso que é o feminismo, né?

**(todo esse trecho)**

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** ESSE É O ÚLTIMO EPISÓDIO DE UMA SÉRIE DE PODCAST QUE SE PROPÕE A DISCUTIR O SILENCIAMENTO FEMININO E SEUS IMPACTOS NA VIDA DE MULHERES E MENINAS. / ESPERO QUE VOCÊ TENHA GOSTADO DESSA JORNADA SOBRE UM TEMA TÃO IMPORTANTE PARA A CONSOLIDAÇÃO DA CIDADANIA FEMININA, AINDA POUCO EXPLORADO. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** O PROJETO CONTA COM OS DEPOIMENTOS DE TELMA SOARES DA COSTA, / MARIA LUIZA SOARES RODRIGUES, / VÂNIA PANOBIANCO SILVA MELO E LAURA PANOBIANCO SILVA MELO. / A EDIÇÃO É DE NILSON FILHO. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA DENIZE DAUDT BANDEIRA. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**NARRAÇÃO:** SE VOCÊ GOSTOU, NÃO ESQUEÇA DE DEIXAR SEU COMENTÁRIO NO INSTAGRAM. OUTRO ENTONAÇÃO/ CRIANDO JARGÃO). //

**TEC: SOBE E DESCE BG****Apêndice B - Degrações**

Entrevistada: Marina de Moraes e Prado Morabi

P: Marina, nós vamos começar a nossa série de perguntas, e eu gostaria de começar perguntando para você o que é silenciamento feminino.

R: O Silenciamento feminino ele trata de toda uma constituição sócio-histórica e cultural de diferenciação e de movimento de gênero, então quando pensamos todos os dias em que medida o feminino e o masculino se diferenciam a partir dos discursos dados nessa construção sócio-histórica e cultural. Quando falamos em todos os ambientes que vivenciamos, por exemplo grupo de trabalho: o que é o masculino ter voz? De que modo que as pessoas que participam e convivem com esse masculino, ouvem os homens que fazem parte dessa equipe de trabalho? De que modo as mulheres são ouvidas? Da mesma forma que os homens? Então esse silenciamento feminino, ele trata dessas condições e questões que são corriqueiras, que são cotidianas, mas que são sim naturalizadas ao longo de toda uma construção sócio-histórica e de discurso.

- Trocando a máscara

P: Marina você pode falar pra nós, o que é o silenciamento feminino?

R: O silenciamento feminino é um termo que nos últimos anos começa a ser debatido no cenário acadêmico e cultural, e diz respeito a toda essa construção sócio-histórica e cultural de narrativas e discursos desse lugar de gênero. Pensando de modo objetivo, no âmbito do trabalho, por exemplo, temos uma equipe de trabalho, como é que todas as pessoas ouvem esses homens que estão nessa equipe? Quais são as falas que são dadas? Qual é a visibilidade que é dada a essa fala? E como as pessoas acolhem quando essa pessoa fala? Do mesmo modo, como as pessoas acolhem uma fala do feminino? É da mesma forma? Essa construção de gênero, essas diferenças de gênero elas se repetem nesses comportamentos mais cotidianos, que fazem parte do nosso dia a dia e que são obviamente reflexos de uma naturalização sócio historicamente construída.

P: Ainda num panorama geral sem focar diretamente nas mulheres, de que forma que o silenciamento feminino afeta psicologicamente a sociedade no geral?

R: O impacto, ele vem, é, das suas mais diversas facetas, por exemplo, nós temos dados do IBGE, que nos contam que 12 milhões de mães chefiam lares sozinhas, sem o apoio dos pais. E destas, mais de 57% vivem abaixo da linha de pobreza. O impacto, ele não fica reservado, o impacto é sistêmico, de que modo? Se eu tenho um contexto que não dá visibilidade, não dá voz e silencia essas, esses 18 milhões de mães que chefiam lares sozinhas, como é que elas conseguem ter visibilidade no ambiente de trabalho para conseguir suprir a renda de casa? Como elas conseguem conseguir ter uma saúde mental mínima, para conseguir construir essas novas gerações em aspectos que dizem respeito de uma saúde mental dessas crianças, desses adolescentes e desses novos adultos, sejam eles homens e mulheres? De todo modo, o impacto vai sendo visto nas mais diversas facetas sociais quando a gente pensa nessa não visibilidade nesse silenciamento feminino.

P: E agora no panorama específico mesmo né, em relação às mulheres, quais são as principais consequências psicológicas na vida das mulheres a partir do silenciamento que elas vivem?

R: É preciso pontuar que esse silenciamento feminino é tão naturalizado que nem as próprias mulheres, nem os homens, nem esse contexto social, percebe que isso acontecesse não é dado uma visibilidade acadêmica, quantitativa, de pesquisas, ou de observação dos comportamentos que são já diários e já fazem parte do nosso dia a dia. Nesse sentido, se eu tenho lá, uma, a gente tá falando muito do âmbito do trabalho aqui né, então vou por essa via, se eu tenho uma reunião,



agora a pandemia deu essa visibilidade ainda maior a tudo isso que já acontecia antes da pandemia. Se eu tenho por exemplo, uma reunião de trabalho, que é em home office, até então as mulheres no mundo do trabalho estavam com uma perspectiva social de crescimento, cada vez mais mulheres ocupam cargos de chefia, mas até então não se pensava qual era a contrapartida, qual era o gasto, qual era o dano associado também a essa inserção feminina no âmbito do trabalho. Então, estou sim assumindo trabalho, estou sim assumindo posições que são gerenciais, mas isso não reduziu as minhas outras demandas sobrepostas, eu tenho na minha família, no meu núcleo familiar, de novo uma extensão desse fazer materno, por exemplo, quando a criança chora e eu falo: "só você consegue acalmar essa criança" "Não, eu não consigo fazer isso, vai lá e dá vacina? pois só no seu colo ela fica mais calma!". Questões que são muito cotidianas, vão sendo repassadas a essas mulheres de modo muito direto, e a gente vai acumulando essas funções no âmbito doméstico, no âmbito materno, no âmbito de trabalho. E quando se percebe, há ali, uma sobrecarga de tarefas tão significativas, que as mulheres acordam e dormem cada vez mais exauridas, com dores musculares, com cefaleias, "Não, mas é isso mesmo. É o calor. "Não, tá tudo certo, é que o meu filho tava doente, eu passei algumas noites sem dormir". Então se eu tenho esse impacto. E esse impacto pode ser visto no mundo do trabalho? Não pode. No outro dia, Sete horas da manhã eu tenho que estar ali trabalhando no meu home office, como se nada disso tivesse acontecendo, e mantendo ali uma suspensão constante de pensar "Nossa será que está com febre agora? Será que não tá?" "Vai abrir a porta agora para me buscar? Não vai abrir?" Como é que fica esse processo? Então, eu fico aqui tentando controlar o incontrolável. E isso gera nessas mulheres um impacto diretivo na saúde mental: Maiores níveis de ansiedade, maiores níveis de depressão, maiores níveis de burnout, e agora a gente vem inclusive falando de burnout materno, justamente essa exaustão chegando em momentos como diria uma mãe essa semana para mim: "Eu sou uma mãe que tá gritando o tempo todo com meu filho, eu não sou uma mãe que grita. O que tá acontecendo então que eu comecei a gritar o tempo todo?" Se antes já era muito difícil lidar com todas essas sobreposições, agora eu acordo e durmo, e parece que a minha lista de tarefas só aumenta. Eu trabalhei o dia todo, mas parece que a minha lista de tarefas está cada vez maior. Essa sensação associada a toda aquela culpa associada ao feminino, então, bom: "Nossa, e agora, menstruei, o que eu vou fazer com essa menstruação? Vai aparecer na roupa? Não vai aparecer na roupa? Como é que a gente vai lidar com isso? Eu tô com cólica e ao mesmo tempo tenho que fingir que não estou, e numa reunião de trabalho, tem que estar o tempo todo sorridente para que as pessoas possam me aceitar ali naquele núcleo, tenho que conseguir justificar cada uma das minhas falas de modo muito proeminente para que as pessoas possam validá-la". Observem a

sobreposição de fatores, isso não vai sendo expresso só nos sintomas psíquicos, isso vai sendo expresso também em sintomas físicos: Mais cefaleia, mais náusea, mais doenças de dermatite, aquelas alergias que não cessam, tudo isso, são sim impactos inclusive psicossomáticos, desse movimento do feminino tentando dar conta de uma sociedade completamente desigual nesse âmbito de gênero.

P: Marina, você tem algum relato de alguma que você vivenciou ou acompanhou que estava em situação de silenciamento feminino? Inclusive dentro dos projetos de extensão como o PNV?

R: Muitos relatos, e muitos relatos dos mais variados lugares sociais, então temos por exemplo: muitas pessoas no âmbito acadêmico, dentro do PNV, nós temos um projeto que é o SOU PUC, que acolhe e acompanha os acadêmicos da universidade durante essa trajetória. E temos muitos acadêmicos que vem de às vezes, de uma situação de muita vulnerabilidade social, e que trazem esse discurso dessa invisibilidade inclusive, não é nem só esse silenciamento, feminino e em todas as suas instâncias, o tanto que isso tem impactado em todas as suas dimensões de vida. Então, ela por exemplo estava reduzindo a sua possibilidade de desempenho acadêmico, ela estava o tempo todo estressada, sem conseguir prestar atenção nas aulas, e sem conseguir compreender por que ela estava com uma sobrecarga enorme porque ela trabalhava, estudava, e com um filho pequeno e tava acumulando todas as funções associadas a todos esses lugares, então de algum modo isso não era nem pensado por ela. E quando a gente começa a debater esse lugar de silenciamento, a gente começa a pontuar: "Como é isso no seu dia a dia? Como você percebe isso? Como você percebe esse impacto?" E as próprias mulheres vão pensando: "Nossa, isso aqui faz sentido! É assim lá em casa também. Nunca tinha parado para pensar sobre isso, nunca tinha parado para pensar por que é que sou eu que só que tenho que fazer esse processo dentro de casa." Então isso é tão naturalizado que dentro do contexto acadêmico isso aparece. O PNV trabalha também com muitos profissionais da saúde. E agora no contexto pandêmico, ficou muito evidenciado, o adoecimento dos profissionais da saúde, o quanto eles têm um excesso de demanda, no ambiente do trabalho, e algumas pesquisas realizadas inclusive durante esse ano (2021), evidenciaram que esse adoecimento profissional não é de modo uniforme inclusive no gênero. As mulheres, profissionais de saúde, apesar de hoje serem uma quantidade maior, tem adoecido mais, e quando adoecem têm uma dificuldade do restabelecimento dessa doença, não no sentido biológico: "Não, ela tá aqui gripada, e vai gastar mais tempo gripada do que o homem." Não é nesse sentido, inclusive, o que a gente tem de dados de pesquisa é que esse tempo é menor. Pois não tem dado a ela, esse lugar de descansar

porque agora eu estou doente, eu estou aqui doente, mas preciso cuidar da casa, do filho, cuidar do trabalho, tenho que fazer a tarefa da universidade. Então, é imperativo esse movimento, sem conseguir atender inclusive as demandas que são do próprio corpo, entretanto, todavia, mesmo assim, o que nós percebemos é que apesar de haver inclusive uma redução desse tempo quando é uma doença biológica, no sentido psíquico, se eu tenho um adoecimento psíquico, usualmente esse tempo é ainda mais prolongado, é mais prolongado pois a sobreposições vão ficando cada vez mais intensas. Então é como se ela fosse, ela vai saindo de uma onda e vem a próxima, ela está resolvendo uma demanda e já vem a próxima, então ela já estava sobrecarregada no ambiente de trabalho com o covid-19, tendo que dar conta de fazer escolhas que usualmente não são da formação dela, assim como não é da formação do homem médico escolher quem é que vou atender agora, quem é que não vou atender, para quem eu vou distribuir o respirador agora, se eu tenho uma formação cultural que coloca a mulher no lugar de sendo mais cuidadora em todos os seus processos do que necessariamente o homem, essa maternagem, e olha o termo que a gente usa, inclusive quando o homem quando ele tem esse movimento em relação aos filhos, o termo utilizado é: maternagem, olha que interessante. Existe a paternidade, a maternidade, mas esse cuidado com o filho é a maternagem, então de algum modo isso já está tão construído sócio historicamente, que a mulher tem essa característica de cuidadora. Então lidar às vezes com os mesmos embates diários, "Para quem eu vou dar o respirador?". O peso na hora da decisão do homem e da mulher, ainda são muito diferentes, justamente porque eu ainda tenho esse impacto da culpabilização, esse impacto de ter que cuidar de todo mundo, de ter que dar conta de tudo o tempo todo, que é muito construído ainda voltado para esse público feminino.

P: Marina, e como acontece, trazendo um pouco, contextualizando com o nosso trabalho teórico, o desenvolvimento do nosso trabalho teórico também, como que acontece esse silenciamento feminino, dentro das temáticas como: saúde sexual e menstrual das mulheres? Inclusive com as mais novas?

R: Nossa, o impacto é muito significativo, desde o início de toda essa construção, se a gente for ...

- Pausa de recapitulação da pergunta

R: No contexto da saúde sexual, menstrual das mulheres incluindo as mais novas, esse impacto é muito significativo, em todos os âmbitos, desde o contexto de sexualidade, ainda hoje quando

se pensa: Como é que se constrói culturalmente, qual é a escuta cultural que se dá para a sexualidade feminina e a sexualidade masculina, por mais que estejamos debatendo isso, reforço, a algumas décadas, é visível a diferença ainda hoje, quando a gente pensa por exemplo, na iniciação sexual masculina e feminina. Qual é o apoio? Quais são as falas familiares? Quais são as falas sociais, que vem em torno ainda desse lugar dessa construção, desse atravessamento religioso inclusive no âmbito cultural? Quando se fala por exemplo da virgindade até o casamento? Isso é do masculino ou do feminino? "Ah, Marina, mas isso não impacta diretamente hoje as mulheres, hoje têm uma liberdade sexual maior. Maravilha, posso até estar tendo por exemplo, atos ou não atos de acordo com a minha decisão, e isso é muito subjetivo, antes ou depois do casamento. A grande questão é: Como que psiquicamente isso tem sido absorvido? Qual é o impacto disso? Às vezes eu tenho a ação, mas eu tenho uma culpa tão associada a essa ação que isso me adocece psiquicamente e me adocece inclusive na relação com o outro. Então, eu faço o ato sexual, mas ao mesmo tempo eu estou extremamente culpabilizada em relação a isso. De algum modo, como que isso aqui traz uma construção de saúde mental? Então quando a gente pensa de sexualidade, e a gente vai percebendo o quanto é necessário desmistificar essa questão de sexualidade e inclusive ou principalmente no âmbito feminino, e isso vai lá desde o início. Então se eu não quero de algum modo pensar nesse início de ato sexual feminino, como que é para essas meninas, e aí eu vou chamar de meninas mesmo, pensando em idades cada vez mais precoces inclusive, a gente conversar com a família e dizer: "Quero tomar anticoncepcional" "Por favor, você pode comprar uma camisinha para mim? Porque eu ainda não tenho o meu próprio dinheiro, meu próprio trabalho para fazer, para comprar a medicação ou a camisinha, seja lá o que for." Como eu vou conversar disso se a sexualidade pra mim é proibida? Então eu não tenho via de fala, então a gente começa a ter uma maior vulnerabilidade e adoecimento sexual desde o início, porque eu não tenho espaços de conversa sobre isso, e aí quando a gente vem pensar sobre tudo isso, a gente vê a necessidade e o tanto que é urgente de se pensar desse debate, dessa construção, dessa educação sexual no âmbito escolar, por exemplo, se não tem espaços de fala, por onde vão chegar as informações adequadas para essa mulher, para esse homem, inclusive para desestigmatizar essas construções que são sócio historicamente construídas, aí a gente tem um impacto muito significativo dos processos educacionais. A educação, ela tem sim uma função diretiva de promoção de saúde, transmitir conhecimentos via educação desde as idades mais tenras, elas têm essa construção que precisam ser pensadas em uma educação integral. E isso vai sendo arrastado, ao longo de toda a vida, então por exemplo: "Ah, eu estou com uma coceira maior, ou um corrimento. Eu tenho espaço para falar sobre isso? Não, não tenho, ou finjo que não tenho, não busco ajuda" e

usualmente quando essas mulheres chegam a procurar ajuda já está com um quadro muito mais agravado: "porque eu não tenho tempo, não posso hoje, tenho uma reunião de trabalho e não posso marcar, e eu vou desmarcar uma reunião de trabalho para dizer que vou ao ginecologista? Como assim? Que fala é essa? Não, deixa isso para depois, não é urgente, não é urgente!" Então eu começo a construir uma cultura de que cuidar de mim, cuidar do meu próprio corpo, cuidar da minha sexualidade, cuidar da saúde feminina, não é urgência, isso não é prioridade, a prioridade é cuidar do meu filho, é cuidar do trabalho, cuidar do marido, cuidar do irmão, né? Então olha só o discurso do "Ser cuidador do outro" e me descuidar, e isso tem um impacto diretivo em saúde. Vou dar um outro exemplo, e aí eu acho que tem uma correlação muito diretiva com isso, a gente tem debatido outros dois temas que eu acho que são fundamentais e que tratam muito desse silenciamento feminino. Um deles que é a questão do aborto, a permissão ou não, de que forma isso aparece ou não aparece nas discussões, sei que é um tema extremamente polêmico, e envolvem inúmeras questões bioéticas associadas, e são questões bioéticas porque justamente não tem uma questão de uma única resposta, mas o que se sabe é que é uma questão de saúde pública, então quando as mulheres chegam a procurar as unidade de saúde porque fizeram um aborto induzido, elas chegam em um quadro tão grave e com medo de serem denunciadas de algum modo, que muitas delas precisam fazer histerectomia, ou seja, elas perdem o útero, então de repente por uma decisão momentânea: Não quero ter filhos agora, quero daqui 2 anos, 10 anos ou 15 anos, opa, a resposta, a consequência dessa ação agora se tornou permanente por uma decisão que era uma decisão transitória. E muitas vão a óbito porque já chegam em um processo de "sepses" significativo. Uma outra coisa que gera um impacto muito significativo e que agora a gente começa a debater, é a questão por exemplo dessa vulnerabilidade em relação a menstruação, a absorventes por exemplo, então, parece uma coisa tão corriqueira que nós temos tido no Brasil nesses últimos anos, em especial, nesses últimos 2 ou 3 anos, um aumento da vulnerabilidade social de modo muito significativo. A população obviamente está cada vez mais sem sustentação social de suporte, as questões econômicas, sociais, e isso tem impactado no feminino? Tem. É que eu compro meu absorvente, eu não tenho lugar onde esse absorvente é doado, mas isso não é uma necessidade primária e inicial para essa mulher? É. Então por que até hoje isso não é distribuído na unidade de saúde? Porque nunca se parou para pensar que precisava do absorvente, porque o absorvente é do público feminino. Olha a invisibilidade mais do que o silenciamento, é um silenciamento que é corporal, um silenciamento dentro de políticas, então é interessante que se eu for pensar em políticas públicas do SUS, lá quando o SUS surgiu em 1988, O pacto pela vida que é em 1990, fazia a prioridade para a saúde materna e a saúde da mulher, eram as prioridades. Entretanto,

apesar de diretrizes e ações específicas essa construção social é tão forte do silenciamento do feminino que parece que estou dando visibilidade, mas eu continuo vulnerabilizando e silenciando.

P: E a partir do momento em que a gente consegue identificar todas essas questões, esses problemas e as consequências, quais são os possíveis caminhos para a gente transformar essa realidade tanto para as mulheres quanto para a sociedade no geral?

R: Indiscutivelmente um dos grande caminhos para transformar essa realidade tanto das mulheres quanto da sociedade em geral, pensando nesse silenciamento feminino, olha o termo: Silenciamento feminino, é buscar dar voz. Como assim? É buscar dar voz a mulher nos diferentes contextos? A elas também! Mas isso já está tão naturalizado, que é quase aquilo: quando você fala para uma pessoa: pode falar. Falar o que? Não tem o que falar! Não tem o que falar porque isso já está tão naturalizado que eu não percebo que eu tenho um discurso que está ali silenciado, então de algum modo, quando eu falo de dar voz, eu estou falando de dar voz social, de gerar estímulo à reflexão, de começar a pensar naquilo que já está pronto, naquilo que já está dado. Por isso que eu comentei da importância desse tema começar a ser debatido, a ser pesquisado no ambiente acadêmico, e levar isso para as instâncias comunitárias, então eu estou lá no grupo da igreja, preciso debater na igreja como que se dá o silenciamento feminino, e tem lugar tão significativo de silenciamento feminino dentro das grandes organizações mais fechadas, sendo elas organizacionais, sejam elas religiosas, sejam elas hospitalares. Essas grandes instituições fechadas, usando um termo da psicologia social, elas geram esse impacto também de maior silenciamento, então uma das grandes ações que precisam ser feitas, além de dar voz, é o que fazer com essa voz. Então se eu tenho lá uma voz que agora foi ouvida: "Nós não temos absorvente, nós estamos utilizando pano, algodão, enfim, eu estou utilizando o que eu tenho para conter uma menstruação que não pode vista, que não pode ser vista por conta de uma condição feminina vergonhosa. É vergonhosa a condição feminina? Ainda hoje é. A gente não faz bullying na escola quando eu tenho um vazamento menstrual, por exemplo? A mas isso é natural. Natural para quem? Percebem quantas questões foram levantadas em torno de uma única questão, que é a menstruação. E a partir disso, as ações precisam ser realizadas, eu preciso fazer um movimento de educação dentro das escolas, eu preciso fazer movimentos de educação dentro das organizações, eu preciso fazer políticas públicas que disponibilizam absorvente pelo SUS, ou pela assistência social. Então, ação que vem advindas das reflexões e das escutas também precisam ser implementadas, a escuta é o primeiro passo, a partir daí é preciso ir

criando ações em cada um dos âmbitos para irmos de algum modo ressignificando essa construção sócio histórica que é ainda tão desproporcional.

Entrevistada: Flávia Bedicks

P: A gente tem perguntado pra todas as mulheres que a gente tá conversando o que que é o termo do silenciamento feminino? Até pra quem é especialista e pra quem é personagem pra saber a visão e de como a mulher entende isso do olhar dela, né? E eu acho que essa pergunta seria boa pra gente iniciar nosso papo.

R: Eu entendo como silenciamento feminino a falta de oportunidade igual que a mulher tem em colocar sua opinião, em colocar seu ponto de vista, em colocar sua perspectiva ou até mesmo de estar dentro de algum ambiente pelo simples fato de ser uma mulher. Acho que essa é a visão que eu tenho macro, eu não sei se tá certa, tá? Mas quando a gente fala sobre isso eu acho que essa é a visão assim, é de você de alguma forma ser mensurada como menor, por conta dessa desigualdade de gênero.

P: Nós temos questões de licença maternidade e paternidade, a desigualdade né? Nesse tempo de licença, baixa porcentagem de liderança feminina, mãe soltas na linha da pobreza, todos esses pontos são algumas das consequências da prática do silenciamento feminino e também da ausência de cidadania pras mulheres né? E eles são realidades né? Muito presentes na nossa sociedade e aí eu queria saber de você porque que você acha que o assunto silenciamento de mulheres é ainda pouco abordado na nossa sociedade

R: Eu acho que existem algumas perspectivas: a primeira é muitas vezes da mulher, ela não tá consciente do que tá acontecendo ou não saber como lidar com essa situação, como se impor, acho que esse é um fator. O segundo e aí eu puxo um pouquinho pra minha formação, eu acho que é o fato que muitas vezes as leis, né? As as normas que ditam as regras dos jogos são feitas por homens então certamente é muito difícil a gente conseguir ter uma mudança que vai de alguma forma não necessariamente favorecer, mas equiparar as mulheres com os homens, porque quem toma decisão no fim das contas em sua, maioridade, são os homens, né? Seja dentro de uma empresa, seja dentro do congresso, seja dentro de uma casa legislativa, a gente sempre tem esse perfil que ainda tenta colocar a voz na mulher ou colocar palavras na boca da mulher sendo que no fim das contas nem a consultou. Então eu entendo que esses são fatores

pelos quais ocorrem. E as acho que tem até um terceiro pensando alto aqui, assim também que é essa visão é essa estrutura que existe de que muitas vezes ela é inconsciente, mas que a gente entende que a opinião da mulher é menos importante, é o que o trabalho da mulher é menos competente do que o trabalho do homem, né? Eu acho que isso vem muito da estrutura patriarcal a gente pode colocar esse termo que a gente tem de achar que talvez a mulher fique em casa, que ela não é digna de de opiniões, que ela não é digna de um de um trabalho ou de ganhar tanto quanto homem, ou que quando ela tá trabalhando, ela é um peso para uma empresa porque ela vai ter filho, ela vai ter dois filhos e aí ela vai sair, ela vai produzir menos. Então, eu acho que todas essas estruturas elas de certa forma contribuem para que a gente ainda seja de alguma maneira vista como menos.

P: É muita, muito doido a gente pensar nessas estruturas hoje formadas e nosso trabalho teórico a gente foi estudar esse meio lá atrás. A gente começou estudando direitos humanos, né? E depois estudando a formação da cidadania geral e depois da cidadania feminina porque a gente foi entendendo assim como que chegou como está hoje, né? E aí a gente foi estudar, pesquisar e viu que que isso deu muito no início, né? Na formação da sociedade assim, como cada um ia entendendo o jeito que era o termo né? Cidadania e depois isso ganhou cidadania, mas como isso lá no início as mulheres já não tinham já eram designadas a um tipo de trabalho ou serviço ou atividade e isso resultou né? Em umas consequências nem tão pensadas na época né? Que consequências que gerariam isso, mas a gente vê essas estruturas hoje formadas e a gente colocou isso no nosso trabalho com questão da cidadania e justamente hoje a gente tem a falta de cidadania feminina né? A ausência dessa cidadania feminina como reflexo então é muito engraçado assim engraçado de curioso, interessante ver o traçado nessa construção, né? Nós optamos por fazer esse essa análise que foi bem assim, é bem impactante você olhar e falar assim, não, mas como que a gente chegou até aqui e lá no início do que acontecia? E é foi interessante. Na questão de lá atrás, antes do do termo de cidadania ou não em que existiam tribos e locais onde as mulheres eram diferentes, assim, eram vistos de forma diferente, onde na verdade existia uma outra tipo de posição, né?

P: É porque essa essa pesquisa fala que essa essa mudança do olhar da da Mulher e do homem perante a mulher veio do momento em que a gente começou a lidar com a agricultura assim e com a pecuária porque os homens começaram a olhar pra forma como os animais funcionavam assim dentro da da realidade deles e entender que poderiam ser é que o fato deles serem importantes para o nascimento de uma criança né? Que era o caso do cruzamento dos animais era como se eles fossem, deu pra eles a ideia de superioridade assim sabe? Eles tiveram essa



visão ali a realidade dos animais e levaram isso pra dentro das comunidades ali, né? Então, antes disso, as mulheres tinham um uma igualdade de realidade, de funcionamento, é que que existia assim, sabe. Então a gente vê que para além de questões políticas assim de trazer um tema muito complexo tudo começou de uma forma muito simples né? Então foi realmente essa realidade e esse contato com a pecuária ali que fez com que o homem entendesse que ele de alguma forma dentro da cabeça dele fez sentido que tinha esse lance de superioridade em relação às mulheres.

R: Eu acho que isso tem muito a ver com aspecto de força também né? E como que hoje a gente tem essa percepção de quem é forte quem é fraco dentro da sociedade porque se a gente volta pra essa questão, o que que a gente vai pensar lá trás numa numa grande família como era antigamente dez, doze filhos né? Os homens iam para agricultura, iam pras plantações, as mulheres estavam em casa e ali a gente tinha esse conceito. Quem produzia, quem era forte era o homem, só que por quê? O nosso conceito de força tá definido aqui, no físico, né? No punho, no braço. E é engraçado porque essa semana eu tava conversando, não sei se a Malu sabe, mas eu estou na Holanda, e eu estava essa semana com algumas pessoas da Alemanha por conta da das eleições, o que aconteceu né? Com a saída da Angela M e a gente estava falando sobre mulheres que assumem grandes cargos de liderança e que perdem um pouco da sua feminilidade pra ganharem legitimidade né? E eu acho que essa questão da força de como que a gente tem esse conceito de força tá muito atrelado a isso, por quê? Porque a gente acha que o forte é a pessoa que tem um músculo, ou é a pessoa que de alguma forma remete ao homem, né? Que não chora, que tem uma postura mais firme, mais grossa, esse é o conceito de força que a gente tem. Então essas mulheres pensa Dilma, pensa Angela M várias que a gente pode pensar também a CEO do Facebook "Cherol " por exemplo, todas elas perdem algumas características típicas das mulheres ou elas mascaram essa característica muitas vezes para ganhar mais legitimidade num ambiente predominantemente masculino né? E aí a gente o que a gente tava colocando aqui: não é que a gente tem que fazer isso pra gente ser aceita, que a gente tem que mudar, o certo seria a gente mudar o conceito de força, entender que mulheres na sua feminilidade também são fortes, na sua delicadeza são fortes. No seu ato de nutrir, né? Enquanto mãe forte. Então, seu ato de gerar são fortes. Então, assim, é deixar esse conceito que o que depende tá aqui no braço e que o que depende tá muito mais na nossa mente, no nosso corpo, na nossa delicadeza, no nosso jeito de ser e entender que isso também é fortaleza, né?

P: É exatamente muito bom pensar que é mudar o conceito né? E não fazer a gente ficar forte na verdade e tem várias outras formas de ser forte né? Muito mais forte do que fisicamente né?

Por muitas vezes acontece e a gente vai ser a pergunta que aí eu acho que vai ser bem a parte de exemplificação né? A gente queria saber na sua vivência e aí pode ser geral né? Na área do trabalho, na sua vida, relacionamento, enfim quais situações de silenciamento feminino você já vivenciou ou você viu alguém viver, alguma mulher vivencia. Enfim.

R: Bom, vou contar algumas experiências então. Eu trabalho com relações governamentais há cinco anos. Então, desde os meus vinte anos, minha função é falar com pessoas que têm cargos públicos, sejam elas eleitas, políticos ou servidores. E esse é um ambiente masculino e em sua maioria extremamente velho, né? Então quando a gente pensa, por exemplo, em Brasília perto de vocês que a gente geralmente vê no congresso são pessoas com cinquenta, sessenta anos, homens, brancos e é isso. E meu papel sempre foi conversar com essas pessoas ou pra falar de gestão pública ou pra falar de inovação, mas eu comecei com vinte e um anos então: carinha de criança e segundo ponto mulher, né? E o que que acontecia muitas vezes? Eu chegava nas reuniões, dava meu nome, falava que eu estava lá pra encontrar com fulano e a reunião começava a atrasar trinta, quarenta minutos e ninguém me recebia e aí eu voltava na recepção e aí eu comentava, falava: - ah vai demorar muito mais, apenas pra organizar minha agenda, né? Eu tenho outros compromissos para realizar na cidade. Ah, mas é só você? O chefe não veio? E eu falava: sim sou só eu, no caso eu sou responsável por esse projeto sou eu quem toco, então sim, sou apenas eu, tô aguardando o momento que fulano tiver disponível, eu já tô a disposição pra começar a agenda que além de não por final está quarenta e cinco minutos atrasadas, diga-se de passagem. Então, muitas vezes eu tinha essa má receptividade, uma recepção pelo fato de ou tá com cara de estagiária ou pelo fato de ser mulher e era muito interessante porque a pergunta não era: - ah não vem mais nenhum representante, nenhuma representante da empresa? - não era seu chefe. Você menina vai conversar com ele? Só você? Como assim? Né? E era bastante constrangedor porque no começo eu não sabia o que falar, eu pensava, na época eu trabalhava numa organização que tinha uma diretora executiva que eu falava:- ah infelizmente ela não pode vim, eu ainda justificava porque eu estava sozinha lá. Com o tempo eu comecei a ficar um pouquinho mais ligeira, mais atenta a situações falei: não a questão não é que a diretora não está lá a questão é que é o fato que sou eu, uma pessoa jovem, uma mulher que tá indo falar com um grupo de pessoas homens e que eles não estão no caso esperando que seja uma conversa de igual pra igual, né? E aí acontecia isso, quando eu consegui entrar nas reuniões às vezes eu era a única mulher da sala e primeira coisa que eu fazia pra eu conseguir ter, na verdade, deixar eu voltar um passo atrás pra explicar o porquê que eu fazia isso. Muitas vezes eu entrava e saía da reunião sem conseguir falar. No começo eu ficava muito

intimidada, então eu ficava um pouquinho mais quieta, depois eu falava, não, eu preciso colocar meus pontos e minhas perspectivas. Eu começava a falar muitas vezes eu era interrompida e aí eu ficava muito constrangida. Do tipo: - putz, que droga, tá, mas tudo bem, ele é secretário. Não, mas tudo bem, ele é deputado. E eu ia deixando. Com o tempo eu comecei a perceber que quando eu tava em reunião com pessoas do meu time sendo homens, todos direcionaram a palavra pras pessoas do meu time que eram homens, mas ninguém olhava pra mim. Como se eu tivesse lá como secretária, assim, no sentido de que eu tava anotando, fazendo a ata da reunião, mas que eu não estaria participando, engaja na discussão. Várias vezes eu passei por essa situação, quando eu era mais nova eu não sabia como lidar, então foi um processo pra eu entender o que que tava acontecendo, eu tinha uma chefe que falava muito sobre isso, ela me ajudou muito a processar isso e aí eu comecei a mudar algumas coisas, né? Primeiro ponto: sempre que eu entro agora em sala de negociação e conversa que tem homem, a primeira coisa que eu faço é quando possível levantar a cadeira ou pra ficar numa altura acima deles ou pra ficar numa altura suficientemente igual. Eu sou baixinha, tenho um e sessenta e por que que eu faço isso? Pra eles conseguirem me olhar no olho e pra eles verem que eu tenho uma postura grande, porque senão eu fico baixinha, geralmente as pessoas já não vão olhar pra mim naturalmente por ser mulher, é uma forma de eu tentar de alguma forma ganhar num jogo de poder de igual pra igual porque tem essa dinâmica de poder infelizmente sendo mulheres somos mais fracas. Como a gente falou né? Então tem esse fator.

Um segundo fator muitas vezes eu falo ou falava e eu era interrompida e aí passava, né? Aí eu comecei a entender que eu tinha que buscar, reafirmar minha palavra. Eu falava: desculpa deputado, desculpe senhor não sei das quantas, eu tô falando. Posso continuar? Aí o senhor pega a palavra? E às vezes eles não deixavam e aí no começo eu ficava tipo, ah, tá bom, tentei, não deu certo. Aí que que eu comecei a processar o que eu tenho tentado fazer agora, cinco anos depois de toda essa experiência. Mostrar pra todo mundo que tá na sala, que quem tá errado é quem tá interrompendo e não a mulher que tá sendo silenciada. Por quê? Porque a gente não tem essa consciência, a gente quer a mais brasileira que gosta de falar bastante, a gente acaba um atravessando o outro. E a mulher é muito atravessada e a gente é muito silenciada nesse sentido. Então, quando eu sou interrompida, hoje eu faço questão de falar: - Laura, deixa eu terminar por favor, você está me interrompendo e daqui a pouquinho eu passo a palavra pra você. Mas eu faço questão de colocar isso pra todo mundo ficar ciente de que tá tendo algum, alguma interrupção, alguma falta de respeito acontecendo. Justamente porque se a gente não faz isso um as pessoas não entendem que a gente tem direito de palavra igual todo mundo e segundo

todo mundo acha que é normal e continua replicando esse comportamento, né? Então acho que é uma segunda coisa que eu aprendi e aí uma terceira vivência que eu que eu tive algumas vezes também é em relação a ideia que eu coloquei ser repetida ou ser colocada por uma outra pessoa só que pelo fato dessa outra pessoa ser homem todo mundo aceitar e chancelar como a ideia homem e não necessariamente com uma ideia da mulher. Então, estamos numa reunião com dez, quinze pessoas e aí eu: a não, gente, eu acho que a gente tem que seguir pela rota que vai pra Brasília, porque a rota que vai pra Brasília é uma rota mais tranquila, né? A gente não precisa parar tantas vezes para abastecer. O que vocês acham? Aí outra pessoa fala: não, eu acho que o melhor caminho é a gente seguir por Brasília, porque a rota pra Brasília ela não tem tantos lugares que a gente precise parar, e aí, que que vocês acha? Então, eu concordo com o XXX, mas tipo: eu concordo com ele, não, a ideia dele é ótima, não a ideia é a dele, entendeu? Ele simplesmente replicou o que eu falei, pegou como se fosse um argumento, uma ideia dele e aí todo mundo concorda porque veio do homem, sendo que quem colocou a sementinha lá atrás foi a mulher, então três maneiras assim, experiências cotidianas que eu vivo em relação ao silenciamento.

P: O Flavinha eu fiquei curiosa com essa questão que até falou um pouquinho, mas talvez se pudesse falar mais sobre a questão de como você foi ganhando couro né? Entre aspas, assim como você foi aprendendo isso? Você disse que eu sou chefe na época te ajudou e existiram outros lugares ou outras formas e quais foram essas formas que você aprendeu a lidar com isso, com o que você, quais foram as ferramentas que você usou assim até mentalmente, né? Por que eu acho que é uma questão da gente se fortalecer mentalmente pra conseguir externar isso né? Cê conseguiria exemplificar

P: E aí um antes de você responder só porque eu fiquei pensando que a gente tem escutado muito por conta das entrevistas de mulheres que vivem as situações, mas nem fazem ideia do que aquilo é silenciamento ou de que elas estão sendo silenciadas assim e não chega assim uma situação normal as vezes, mas é algo que elas já entenderam e acostumaram sabe? Então você ter desenvolvido essa consciência foi um processo né? Então acho que seria legal de comentar assim do momento em que você falou: meu Deus o que que está acontecendo até o momento que você falou: eu sei o que que está acontecendo.

R: É eu acho que esse processo pra mim veio de formas diferentes. Então, observar outras mulheres que já tinham desenvolvido essa consciência chancelarem isso ou pontuarem: ah tu viu o que aconteceu comigo? Você viu o que aconteceu com a fulana? Aí isso aconteceu com

você? Quando acontecer com você não deixe. Ter acho que algumas pessoas, algumas mulheres próximas me ajudando a desenvolver essa consciência foi fundamental. A minha chefe foi uma delas e ela era muito assim educada, muito sábia na forma de colocar isso e ela conquistava assim é até engraçado porque quando eu cheguei e participava de reunião com ela, eu achava que era uma postura de teimosia do tipo: não ele vai falar, deixa ele falar, sabe? Por que você quer ganhar o argumento e quer ganhar espaço pra falar? Não deu, desiste, sabe? E aí com o tempo a minha mentalidade mudou de que não é uma questão de insistência e teimosia é uma questão de respeito, é uma questão de direito né? E eu acho que essa mesma lógica pode ser aplicada pra qualquer outra coisa. Imagina que a gente não estivesse lá atrás batido: eu quero votar. A gente falar: ai que teimosa, desencana, deixa que o homem vota. Não, nós somos cinquenta e dois por cento do país. A gente tem que voltar né? Então eu acho que ter pessoas que conseguiram me ensinar a respeito dessa, do que que tava acontecendo, né? O que que era isso, foi fundamental. Segundo ponto, uma coisa que me ajudou muito foi fazer um curso de negociação, e que foi com uma professora também, esse curso de negociação com a professora, eu acho que além de aprender a negociar e aí eu acho que você ter um espaço de fala, você tem um espaço, um direito, né? Seja uma licença maternidade, sem prejuízo ao seu salário ou sem prejuízo ao que vai acontecer depois, se é uma promoção, se é uma demissão, você conseguir entrar no jogo com essa negociação entendendo a dinâmica de poder, me ajudou muito. em relação a me colocar enquanto mulher e saber que: não, eu eu sou igual e eu vou me colocar dessa maneira. E aí é muito curioso porque ela, essa mulher é uma professora da FPM, né? Chama Denilde, ela participou das conversas de negociação de paz com o Oriente Médio, trabalhava na ONU e uma das coisas que ela nos contou e eu acho que encaixa bastante aqui também, por isso tô fazendo esse esse breve desvio é que muitas vezes quando os Estados Unidos ia negociar com Oriente Médio? Pelo pela maioria dos países no Oriente Médio terem líderes políticos homens, a forma dos EUA, desestruturar, de chegar realmente abalando as estruturas da negociação com o Oriente Médio, era colocar uma mulher na sala, porque eles não negociam com uma mulher. Então, eles não conseguiam nem entrar na negociação, eles já entravam com um com uma grande vírgula, porque quem estava enquanto porta dos Estados Unidos era uma mulher. Então eu acho que entender um pouquinho dessas dinâmicas me ajudou bastante ainda tem muita coisa tem que melhorar, tem muitas vezes que eu fico quieta que eu não faço jus que eu acabo levando com a situação, mas ter ter mulheres como referências, mulheres fortes assim que podem te auxiliar ou que podem exemplificar na prática. Eu acho que foi a principal.

P: Eu acho que a gente pode conversar dentro da sua atuação profissional, a gente tem feito isso com os comunicadores, mas aí pensar isso em outra área talvez seja muito interessante que é dentro da sua atuação profissional como você desenvolve a conquista da cidadania feminina né? E tenta quebrar esse silêncio assim se existem algumas áreas específicas além dessas reuniões que você falou que é muito importante existem outras área assim e como você tenta ou pensa ou articula pra fazer assim pra emancipar um pouco dessa conquista pra poder gerar mais cidadania tentar quebrar um pouco esse silenciamento você acha que você consegue visualizar isso dentro da tua área?

R: Eu acho que não necessariamente só dentro da minha área, mas falando organizações aonde a gente atua, eu acho que é tem outras mulheres uma aliada, é muito importante, porque nós somos mais da metade, né? Na maioria dos lugares ou em alguns lugares, mesmo sendo entre aspas, um grupo menor, uma minoria a gente ainda consegue, entre aspas, causar, no bom sentido. E aí o que eu acho que faz bastante sentido aqui é buscar em outras mulheres essa aliança pra que um pleito possa ser ouvido e para que não seja simplesmente uma mulher louca e mandona que quer protagonismo, que quer se achar e lá e falar: - ah não eu quero que o meu salário seja igual de um homem, né? Mas que seja um grupo de mulheres juntas falando: - peraí gente, olha só, olha, olha essa discrepância, né? E aí eu dou esse exemplo porque hoje na empresa onde eu trabalho a gente não tem é uma liderança igual, espalhada entre homens e mulheres, a gente tem muito mais homens do que mulher uma das coisas que a gente tem feito enquanto mulheres é se unir e realmente reconhecer e identificar quem são mulheres que merecem tá em postos de liderança e que poderiam tá ganhando esse protagonismo e dar voz a isso. Ah fulano: excelente ela já pode ser diretora. Ah não sei quem: pois é ela já pode ser gerente tipo falar o óbvio, né? Porque às vezes o óbvio não é dito e colocar isso como algo que se torna mais claro e enfim, que vai entrando na cabeça dos homens também. O que eu acho que muitas vezes acontece é que os homens também não tem conhecimento, né? Não tem noção do que está acontecendo. A questão que eu contei sobre interromper, às vezes eles nem percebem que eles estão interrompendo então fala você está me interrompendo dar nome pra situação, criar esse ambiente de constrangimento é importante para gerar uma consciência também, então eu acho que eu iria um pouquinho com isso. E não é muito importante a questão de dados, eu acho que dependendo aonde você tá, pra mim no meu ambiente de trabalho dados é muito importante política por evidência, né? Política pública baseada em evidência dentro e fora das organizações aonde eu trabalho são muito importantes. Então quando eu cheguei eu tive que fazer um levantamento e vi que apenas vinte por cento da liderança dessa empresa é

feminina. Então quando a gente chegou com esse número a gente falou: Eita per aí né? Alguma coisa tá errada. Olha cinquenta e dois por cento da população brasileira feminina a gente tá um pouquinho fora. O que a gente faz pra melhorar? Eu acho que trazer um pouco disso também ajuda a visualizar o problema.

P: E aí basicamente assim, muito parecido com o que você falou acho que pelo que você começou a falar nessa sua última fala que é os possíveis caminhos pra gente tentar romper esse silenciamento então eu gostaria de saber assim a sua opinião dentro da sua vivência daquilo que você acredita quais podem ser esses caminhos né? Pra gente tentar traçar e quebrar com essa realidade que está escancarada

R: primeiro que eu comentei e vale reiterar é a questão de sororidade. Então ter nas mulheres aliadas que a gente possa estar se unindo pra que a gente: não, não tem esse negócio de: a fulaninha é assim fulaninha é assado, mas não a gente está fazendo isso porque todas nós precisamos juntas avançar num direito que é nosso né? Então acho que sororidade seria o primeiro. O segundo é eventualmente poder tá próximo ou buscar mulheres que são referências nisso pra gente se inspirar e pra gente aprender, porque às vezes a gente não tem nem consciência do que a gente passa, do que a gente tá vivendo, a gente não tem nome pra isso, a gente não tem um sentimento que consiga, né? Não tem uma palavra pra explicar esse sentimento, então passar por esse processo de conscientização ele é muito importante tanto para mulheres quanto para homens. E aí eu acho que seria o terceiro: a gente buscar de alguma maneira trazer mais luz a esse assunto né. Por isso que eu fiquei super animada e quis conversar com vocês porque eu acho que a gente precisa falar sobre isso. Porque quando a gente fala sobre isso, quando a gente tira sobretudo nesse caso os homens da zona de conforto, a gente consegue também buscar uma mudança de comportamento para ter um ter direitos iguais, ter uma maternidade, uma licença maternidade talvez se torne uma licença parental, né? Que a mulher possa sair, mas o pai possa sair também, porque que só a mulher que tem que sair, que a gente possa ter salários iguais, fundamental, que a gente possa ter destinos iguais, né? oportunidades iguais dentro das carreiras que a gente escolhe, enfim, acho que em todos em todos os quesitos, que a gente possa andar na rua sem preocupação, sem medo. Alguém me chamar né? Se a gente é uma mulher, a gente não é um instrumento, então assim, a gente tem várias coisas ali que a gente pode trabalhar a respeito dessa questão da gente ser silenciada. E têm esse exemplo, né? Quantas vezes a gente não tá na rua e alguém mexe com a gente, a gente fica quieto porque a gente tem medo de revidar. A umas duas semanas atrás eu fiquei super orgulhosa de mim porque eu tava pedalando e aí passou um cara de moto do meu lado e começou a mexer comigo,

a assobiar e eu fiquei muito brava. Eu comecei a gritar, tipo, eu falei em português, eu devia ter gritado em holandês, mas eu não falo a língua. Então comecei a gritar: Que falta é essa? Onde já se viu? Fala de novo, como é que cê fala assim? E fiquei doida. E aí, ficou me olhando tipo: nossa que menina louca, não achei que ela ia surtar, né? E aí eu cheguei em casa e falei pro meu marido e falei, amor, eu comprei briga na rua, tipo, o cara mexeu comigo e eu fiquei super orgulhosa, porque eu mandei ele ir catar coquinhos. Mas é isso, né? Tirar pessoal dessa zona de conforto e a gente conseguir se colocar, se impor mais, sem se culpar, sem achar que a gente tá errando, que não é nosso espaço, que a gente tá tendo mandona, que a gente tá sendo ambiciosa com uma conotação negativa, né?

Entrevistada: Silvana Rodrigues Monteiro

P: Silvana, você pode começar se apresentando com o seu nome, a sua idade e a sua profissão?

R: Bom dia, meu nome é Silvana Monteiro. Eu estou prestes a completar cinquenta e dois anos, então acho que a gente já pode considerar essa idade e eu sou jornalista. Tenho especialização em assessoria de comunicação e mestrado em educação.

P: Por que o assunto “silenciamento dessas mulheres” é pouco abordado?

R: Bom, a gente tem que levar em consideração que as discussões postas na sociedade elas são em grande parte estimuladas pela mídia e a mídia, é, ele é um conglomerado social, cultural e financeiro também protagonizado por esses grandes grupos que são formados basicamente por homens e esses homens geralmente estão atrelados ao poder, poder financeiro e poder político. Ou seja, é um mecanismo que visa perpetuar esse poder. Não é interessante que se dê voz a essas mulheres sob o risco de se perder esse poder.

P: De que forma essa privação colaborou para o reconhecimento tardio da cidadania feminina?

R: Bom, privação de direitos que acaba repercutindo no silenciamento das mulheres é de novo esse mecanismo de perpetuação do poder vigente. Esse poder que é protagonizado pela população masculina. Então, eu acho que esse reconhecimento tardio se deu justamente pelo silenciamento, por essas questões não estarem postas na discussão social e então, são assuntos que não são debatidos, não são vistos, não são comentados. E quando vocês falam em reconhecimento tardio, eu gostaria de fazer um adendo. Eu acredito que esse reconhecimento



ainda não está posto, ele está em construção. Então, a gente nem pode falar em reconhecimento tardio. Eu acho que a gente tem que falar em construção de reconhecimento.

P: E falando então de construção da cidadania feminina, como pode se dar essa construção hoje? Quais são de forma prática as formas e ferramentas, é, para a construção da cidadania feminina hoje?

R: Bom, já que a gente tá falando de mídia e de supremacia masculina no meio midiático, é, eu acho que a gente tem que considerar a internet como uma grande mudança nesse cenário, porque todos os conglomerados midiáticos eles são, é, geridos por entidades masculinas, né? Por uma visão masculina de sociedade e são muito fechados. Com o advento da internet, começou a se democratizar essas vozes na mídia. Eu acho que é justamente essa democratização, proporcionada por esse novo veículo de comunicação que a internet tem se tornado, eu acho que é esse o caminho pra que se busque essa democratização, essa diminuição do silenciamento e notem que sempre eu tô falando ainda processo, porque eu não considero que nós mulheres ainda estamos de posse de todo o poder que a gente tem e que é um poder absurdo, viu?

P: Quais seriam os possíveis caminhos que a mulher pode traçar nesse intuito então de alcançar algo relacionado a essa cidadania, né?

R: Bom, se fala muito em feminismo. Feminismo é um tema que tem tomado, inclusive a mídia, essa mídia aí comandada pelos homens, ela tá se abrindo pra esse assunto. E é muito importante que se trabalhe com essa questão do feminismo, que se estude e que se discuta. Mas, eu acho que, para além disso, porque o feminismo ele contempla a sociedade como um todo, homens e mulheres. E eu acho que, para além disso, é preciso investir muito na questão da sororidade. Eu acho que as mulheres elas têm que se empoderar entre elas num primeiro momento, pra depois pra passar pra essa discussão do feminismo, propriamente dito. Eu acho que as mulheres elas têm que se enxergar, até de uma forma entre aspas corporativista como os homens se enxergam, se defendendo, lutando por seus direitos, porque o que eu vejo ainda na sociedade é mulheres criticando mulheres, mulheres se posicionando contra mulheres, isso é extremamente pernicioso pra esse movimento

P: Nessa opinião qual é o posicionamento social que deve ter, é, que deve acontecer dentro dessa questão? No sentido de ações práticas para a realidade.

R: Bom, quando eu falo do poder que as mulheres têm, que é um poder imensurável, que é uma coisa assim de que nós não temos consciência ainda desse poder, é, porque ele realmente está nas mãos das mulheres. Pra responder essa pergunta, eu coloco o protagonismo nas mulheres, embora a gente esteja se referindo a postura dos homens. Por que que eu falo isso? Porque eu acho que tudo parte de uma educação ainda em casa, a maneira como as mulheres vão educar esses homens que são seus filhos, seus sobrinhos, as crianças que tãem em volta, sobre a sua responsabilidade, a própria escola, a própria universidade, ela tem que fazer esse papel de educação, de conscientização, de base, pra que os homens entendam a base do problema. De como é que eles devem se portar numa sociedade pra que ela seja mais justa, mais igualitária e, portanto, uma sociedade que dê voz às mulheres, porque afinal de contas, numericamente, nós somos até maiores do que os homens.

P: A comunicação tem o papel de contribuir para a mudança do cenário, a partir da ideia de que a informação é um bem público. Como tornar isso prático? Dentro da sua atuação profissional, como você desenvolve isso?

R: Bom, é, já faz algum tempo que eu não trabalho na mídia. Nos meus últimos anos, eu tenho me dedicado a docência e eu acho que esse é um terreno muito fértil pra gente discutir essas questões do empoderamento feminino, é, do fim desse silenciamento feminino e eu acho que, além do ambiente propício da sala de aula, onde as pessoas estão muito abertas a ouvir, a aprender e a experimentar novos caminhos de comunicação, eu vejo que essa nova geração que tá aí agora cursando as faculdades ou estudando no ensino médio, fundamental, é uma geração muito mais aberta, talvez fruto dessa desse empoderamento das mulheres mesmo. Então, eu acho que o diálogo é sempre o melhor caminho. Então, esse diálogo mais próximo que se dá em casa, como eu já disse, que se dá na escola, que se dá em sala de aula, mas também esse diálogo midiático, proporcionado, é, por uma maior ocupação das mulheres, visto que a internet ela é um ambiente mais livre, ela não está submetida a esses conglomerados, é, fechados e masculinizados

P: Nós queríamos saber assim, como que você se vê dentro dessa realidade de silenciamento feminino, né?

R: Bom, eu me sinto uma pessoa privilegiada neste cenário. Eu sou filha de uma mãe feminista, quando ainda não se falava em feminismo. Então, eu aprendi que homens e mulheres são iguais, era o que eu via dentro da minha casa e embora o mundo me mostrasse que não era bem assim,

eu acho que eu consegui reunir forças pra encarar a vida com essa visão. E é uma visão que me acompanha no trabalho, é uma visão que me acompanha com os meus filhos, com os meus alunos, com os meus amigos e de certa forma, a gente acaba imprimindo isso um pouco em todos os trabalhos que a gente faz, seja na mídia, seja em sala de aula. Eu acho que é uma postura muito íntima mesmo de formação, mas volto a dizer, é, eu sou uma pessoa privilegiada, porque eu tive essa formação dentro da minha casa e eu não tenho lutas tão árduas quanto outras mulheres, que tem que lutar pela sobrevivência assim com unhas e dentes e, muitas vezes, não há realmente espaço pra que elas desenvolvam essa consciência a respeito do feminismo, dos poderes que a mulher deve e precisa dentro ter da sociedade. Então, é isso, é uma postura privilegiada e que por isso mesmo, eu me sinto responsabilizada, eu me sinto na obrigação de contribuir pra disseminar essa ideia, é, aonde eu posso, nos lugares em que eu circulo.

Entrevistada: Joana Borges Lemos

P: O que é ser mulher?

R: Porque a mulher tem muita força, tem muita coragem, ela é mais né, mais esforçada para as coisas, enfrenta todos os problemas sem reclamar, sem medo né. Passa por tanta coisa e às vezes, ela é mais diminuída do que os homens né, mas aí ela enfrenta tudo e vai levando.

P: O que você entende por silenciamento feminino?

R: Uai, eu acho que é muito errado né? A gente tem o direito né, de falar o que a gente pede né, o que a gente quer né, porque a gente não pode ficar calada e ficar diminuída né. Porque eu acho que a gente... eu pensava essa mulher tem mais força do que o homem né, enfrenta muito mais coisa e ela é diminuída né. Acho que é isso é errado. Ter que se calar e não pode né, acho que tem que ser todo mundo iguais.

P: Quais os pontos positivos e negativos que você encontra ao ser mulher?

R: Uai, tem né, por exemplo, no meu tempo deu mais nova mulher não podia nem estudar, né? Então eu acho errado, né? Que a mulher tem que ter o direito dela, né? É porque a gente morava na fazenda. Aí tinha que ir pra cidade pra estudar. Aí a filha mulher não podia sair né, tinha que ficar em casa né. Filho homem podia estudar, ficar fora né, colégio, essas coisas né. Mulher tinha que ficar em casa ajudando a mãe, não podia trabalhar, estudar. Eu mesma estudei muito

pouco, porque aí meu pai colocou uma professora lá. Vivi muito pouco, porque não podia sair né, não podia ficar fora. Meu pai podia mudar pra cidade e ele não podia ir sozinho e deixar a gente nem que seja com um parente, alguma coisa não podia. ficar. Então eu tinha tanta vontade de estudar e não pude. Tinha que fazer só o trabalho de casa (não dá para entender). É, não podia né, mulher não podia estudar. Precisa saber só ler e escrever né, mais nada. Tanto que na época tinha muito pouco professora. Aí tinha umas primas que elas mudou para Rio Verde, o pai delas, aí elas pode estudar no colégio das irmãs lá, por professora, né? E a gente mesmo... depois minhas irmãs mais nova, meu pai mudou já mudou pra cidade, elas estudaram, as três mais novas, mas as duas mais velhas não estudamos nada.

P: E o que que a senhora sentia na época assim vendo essa diferença de tratamento entre os meninos, os homens e mulheres?

R: Ah a gente sentiu muito diminuída né? Mas não podia falar nada né, porque os pais eram muito severos com os filhos né. Eu já casei muito nova, casei com dezessete anos porque eu não tinha opção nenhuma né? Acaba que namora e casa logo, porque também não pode nem namorar muito tempo.

P: Entre as mulheres, vocês conversavam sobre isso que não gostava, que não podia ou não, nem entre vocês conversavam?

R: É, nem a gente conversava muito, porque as meninas tudo igual eu mesmo, ninguém podia nada. A gente até se conformava com aquilo né e ficava. Depois, que a gente ficava vendo as outras pessoas que estudavam, que podiam tanta coisa e a gente não podia nada. Às vezes, a gente conversava, mas nem podia. Alguém contar pro pai e pra mãe, era capaz que até apanhava. Era só pra casar, cuidar dos filhos, do marido e mais nada.

P: Hoje, a senhora faria algo diferente dessa época?

Teria né, que tanta vontade que eu tinha de estudar, de ser alguém... Então, eu acho que se fosse agora, eu teria coragem de enfrentar.

P: Se a senhora pudesse, teria escolhido outra coisa, sem ser casar cedo?

R: Eu ia querer estudar, né? Ter uma profissão, alguma coisa assim. (não dá pra entender). Meu sonho era estudar e ser alguém.

P: Quais os direitos alcançados pela mulher que você percebeu ao longo dos anos?

R: A é muito boa, né? Eu acho que isso mudou bastante, muito positivo, né? Porque a mulher conquistou muita coisa agora né, e ainda vai conquistar né.

P: A senhora na adolescência teve instrução sobre saúde da mulher?

R: Não, a mãe da gente não conversava nada com a gente. Às vezes umas amigas mais perto né, que sabia mais coisa, a gente conversava. Mas, a gente era muito inocente sobre engravidar, ter filho, essas coisas. Quando eu casei, eu sofri muito, porque a gente não tinha ensinamento de nada, não sabia nada. A gente passou por muita, até vergonha. Quando eu menstruei, eu não sabia de nada né, ainda bem que eu tava em casa, vi a roupa suja, muito ruim não saber as coisas, muita vergonha.

P: O que a senhora acha de ensinar sobre esses assuntos para as meninas?

R: Eu acho que é muito bom né, ter que ensinar pra não ter que passar com constrangimento. Por exemplo, quando eu fiquei grávida eu não sabia o que sentia (não dá pra entender), quando eu passei mal (não dá pra entender). Eu sofri muito, porque eu andei muito passando mal sentindo dor e não sabia o que que era. Aí pedir alguém, uma pessoa estranha pra te falar né, porque eu fiquei morando muito longe da minha mãe também, aí que ficou mais difícil, minha mãe tinha muita vergonha de conversar coisas com a gente (não dá pra entender).

P: A senhora fez isso com as suas filhas?

R: Fiz e já tinha as escolas que já ensinava muita coisa né, aí já foi bem mais fácil né. E elas não passaram pelo que passei né, eu expliquei o que eu podia (não dá pra entender)

(não dá pra entender)

P: Como que é isso na roda da senhora das mulheres que tem a mesma faixa etária da senhora?

R: A maioria das minhas amigas conversam, às vezes tem umas meio assim, mas a maioria delas conversam. (não dá pra entender).

P: Dona Joana que é legal assim, se a senhora escuta entre as suas amigas também, né? É outra também ou também outras pessoas falando sobre o que que as mulheres na terceira idade pode ou não pode? Tem alguma regra assim que eles falam? Ah não isso é coisa de gente nova ou

alguma coisa nesse sentido assim ouviu isso? Tá muito velho isso né? Isso incomoda a senhora e de alguma forma?

R: Fala, eu já ouvi muito isso, velho não pode fazer isso, velho não pode fazer aquilo, você tá muito velho pra isso. Eu já ouvi muito isso. (não dá pra entender). Assanhada, tá usando uma roupa (não dá pra entender). Cabelo tá diferente, de outra cor, não ce tá velha pra isso (não dá pra entender)

P: Qual recado a senhora quer deixar?

R: Que elas vão em frente e não fique constrangida com nada né. Que elas façam o que tiver da vontade delas fazer, não ficar com medo disso daquilo, não ficar diminuída porque ela é mulher, porque ela é mulher, mas ela tem suas vontades de falar, de fazer o que ela, não pode ficar constrangida porque é mulher né. (não dá pra entender).

Entrevistada: Isabela Silva Costa

R: É, meu nome é Isabela Silva, eu tenho dezenove anos e acho que eu mais gosto de fazer séries e filmes em geral.

P: Isa o que é ser mulher pra você?

R: É, eu acho que é uma pergunta muito complexa, mas de uma forma mais direta, acredito que ser mulher é sinônimo de ser forte. A mulher ela enfrenta várias coisas diariamente e ela enfrenta várias barreiras, né? Acredito que a gente vem enfrentando muita coisa e conseguindo cada vez mais espaço na sociedade, mas mesmo assim se a mulher ainda tem grandes dificuldades, a gente enfrenta muitas coisas diariamente. É, a mulher ela tem vários tópicos, né? Existe a mulher dona de casa, a mulher que luta pelo seu trabalho, a mulher negra que também passa muita dificuldades. Acredito que é uma pergunta muito complexa mesmo, muito difícil de resumir o que é ser mulher, mas acredito que é isso. Acho que é uma luta diária diante da sociedade que vivemos e a gente luta cada dia mais pra conseguir espaço, conseguir é mostrar realmente nossa essência, mostrar o que somos e conseguir atingir nossos objetivos

P: Quais são os pontos negativos e também os positivos que você encontra em ser mulher e por quê?

R: Eu acho assim. Inicialmente falando sobre os pontos negativos, acho que a mulher ela enfrenta várias coisas diariamente, como eu tinha falado na resposta anterior, né? É, ser mulher você é oprimida algumas vezes e a sociedade que vivemos é muito machista ainda, então eu acredito que você luta constantemente com a sociedade, né? Então, esse é um ponto negativo, acredito eu, porque a mulher se esforça sempre mais pra conseguir ter uma visibilidade maior na sociedade. É, ela tem que correr mais atrás pelo simples fato dela ser mulher. Ela tem que mostrar que ela é capaz, que ela dá conta de atingir seus objetivos e fazer o que ela tem como vontade. Acredito que esse é um ponto negativo né. É muito complicado. O ponto positivo de ser mulher, na minha opinião, é ter a capacidade de mostrar a sua força né. Então, ela, um ponto positivo é ter essa força de vontade a sociedade que ela é capaz. Então, eu acho isso muito interessante, um ponto muito positivo na mulher, a força, a coragem de mostrar ao mundo e a sociedade, que, por mais que ela enfrente muitas lutas, ela consiga caminhar e atingir seus objetivos, atingir suas metas.

P: Quais são os desafios que os adolescentes encontram sobre os assuntos das mulheres?

R: Eu acho que por mais que a gente tá progredindo em relação a esses assuntos sobre a mulher, eu ainda acho que é um grande tabu falar sobre diversas coisas. Por exemplo, a menstruação é algo ainda muito reservado né, a mulher falar sobre isso. Além dos enfrentamentos que ela passa diariamente, como o assédio,

eu acho que é uma pauta muito importante, a gente comentar, falar sobre isso, mas ainda é muito retraída, é uma conversa difícil ainda de ser elaborada, de ser comentada e discutida. E eu vejo isso também no meu ciclo. É, essas conversas elas quase não colocadas, elas quase não são discutidas e quando são discutidas, são conversas rápidas, não profundas, mostrando a indignação e a falta de respeito que as mulheres passam diariamente na sociedade. Eu acho que seria fundamental essa conversa, é, pra gente tentar de fato mostrar que isso é algo, é, desrespeitoso, né, não é algo... eu falo no assédio, não na menstruação. Eu acho que a menstruação ela tem que ser tratada como algo natural e não um tabu, visto que tá presente na vida das mulheres né. E, acredito que é isso. A gente tem que ter mais liberdade pra falar desses assuntos, pois é muito importante na sociedade a gente discutir sobre essas pautas.

P: Você já recebeu instrução escolar sobre menstruação e/ou saúde da mulher? Como isso te ajudou ou atrapalhou?

R: É, sobre a parte da menstruação e a saúde da mulher em geral, é, eu tive uma boa educação relacionada a isso. Acredito que muitas meninas, infelizmente, não têm essa conversa, não conseguem saber antes sobre o que é e acabam sendo pegadas de surpresa, não sabem como se dirigir com relação a saúde mesmo. Mas, eu tive uma boa educação relacionada a isso, é, no ambiente escolar. Tive conversas sobre a saúde feminina e a menstruação. Foi algo bem importante, muito interessante né, esse assunto no ambiente escolar e acho fundamental. É, inicialmente, né, como eu falei a menstruação ainda é um tabu, então mesmo ela sendo dirigida aos alunos, era algo meio que vergonhoso né, por conta disso. Mas, eu acho que deve ser um assunto mais aberto, deve ser dirigido mais abertamente as crianças sobre o que que é, tanto pros meninos quanto pras meninas. Eu acredito que não deve ter essa divisão. Na escola fez a divisão, é, pra falar sobre os assuntos das mulheres e separaram né, mulheres e homens, mas eu acho que não deve ter essa divisão. Acho que deve ser um assunto que deve abranger a todos, visto que é algo natural da mulher e a saúde feminina é importante a gente ter o conhecimento, ainda mais sobre os exames preventivos né, acho que é muito importante na nossa vida em geral.

P: E dentro de casa, como esses assuntos são conversados?

R: É, dentro da minha casa a gente não discute muito sobre esses assuntos. Claro que não é um... dentro da casa você se sente mais confortável. É, não gostei. Pode falar de novo? É, dentro do meu ambiente familiar, a gente não tem muitas discussões sobre esse assunto, é sobre a saúde feminina, nem sobre menstruação, que eu acho de suma importância né, esse diálogo, principalmente entre familiares. É, em relação a esses assuntos, eu tive mais contato mesmo no ambiente escolar, que eu tive mais conhecimento e também por meio dos estudos individuais né. Mas, a gente não conversa muito sobre isso, só que, claro se eu tiver algum problema relacionado a essas temáticas, eu consigo ter uma conversa tranquila com os meus familiares sobre o assunto.

P: O que as mulheres ainda precisam alcançar para conquistar seus direitos?

R: Acho que pras mulheres conseguirem conquistar seus direitos, elas devem ter ações diárias sobre isso. Por exemplo, é, a mulher eu acho que inicialmente ela tem que ter como principal ponto a conversa. Acho que a nossa sociedade ela não tem muita informação, ela é uma sociedade ignorante né, sobre esse assunto. Então, eu penso que pra conquistar seus direitos você tem que ter ações pequenas, diárias, relacionado a isso pra conseguir mostrar que você



tem a capacidade né, tanto no mercado de trabalho, que ainda é uma grande conquista a ser alcançada. A mulher no mercado de trabalho ainda passa por muitas dificuldades, por exemplo, é muito difícil você ainda ver mulheres em cargos de chefia. Claro, está começando a ter mais frequência né, esse acontecimento, mas ainda é uma porcentagem muito pequena. Acredito que as mulheres elas devem mostrar que são capazes. A mulher mãe, por exemplo, ela é muito discriminada nessa parte, eu diria, porque as pessoas elas acabam não escolhendo por exemplo a mulher pelo fato dela ser mãe, pensando que ela não tem a capacidade de exercer certas funções e coloca até esses... Um exemplo disso é no mercado de trabalho, por exemplo, se tiver um homem e uma mulher, mesmas qualificações, mesmos estudos, enfim, entre uma mulher e um homem, na grande maioria escolhe o homem e ainda mais se essa mulher for uma mulher mãe. acha que ela não é incapaz, não tem tanto tempo livre pra exercer sua função, é, enfim, colocam barreiras pra ela conseguir de fato mostrar o seu poder, a sua potencialidade. É, outro exemplo da conquista das mulheres em busca dos seus direitos é, eu acho que as mulheres têm ganhando força, em mostrar sua indignação, em mostrar sua voz. O assédio, por exemplo, ele é um assunto né, algo ainda muito comum na nossa sociedade, infelizmente né, devido a essa sociedade machista, patriarcal. Então, a mulher está mostrando cada dia mais o seu ponto de vista sobre esses assuntos e ganhando força. Eu acho que essa temática ela deve ganhar força, porque assim a gente vai conseguir mostrar os nossos direitos diante da sociedade.

P: Qual a realidade que você acha que as mulheres enfrentam nos dias de hoje?

As mulheres mais velhas, eu acredito... como eu falei né, que as mulheres vêm ganhando força. Então, eu não diria que a mulher na sociedade tá mais fácil, mas em relação a idade das pessoas mais velhas né, realidade mais antiga, eu acho que era bem mais difícil ser mulher. A mulher ela sempre foi colocada, por exemplo, como dona de casa e mãe, né. Acho que era os principais pontos dela. Então, ela não tinha muita... não tinha muita liberdade em estudar, muita liberdade em se inserir no mercado de trabalho. Acho que era bem mais complicado e infelizmente, os homens eram os donos né do lar. Então, eu diria que elas acabavam, é, sendo muito... elas não tinham essa liberdade de ser mulher. É, já escutei algumas histórias relacionadas a isso, em que a mulher elas tinha algumas obrigações né entre aspas a serem cumpridas dentro da sua própria casa. Por exemplo, ela deveria limpar a casa e deveria cuidar dos filhos, essa era a obrigação dela. E os homens, eles, por exemplo, não de uma forma geral né, mas assim nesse contexto, eu diria que se ele chegasse em casa, depois do trabalho e, visto que as mulheres não tinham tanto essa inserção no mercado de trabalho, eles chegavam em casa e por exemplo, não, no olhar deles a casa não estava limpa ou a educação dos filhos não foram corretas. Enfim, era

colocada a culpa em cima da mulher e ela carregava esse fardo e leva pra várias coisas, né. Acho que antigamente também, as mulheres sofriam bastante, ainda sofrem violência doméstica e essa violência ela é tanto mental, quanto física e... deixa eu pensar. Eu fugi um pouco? E as mulheres, elas, como eu tinha falado, não tinham tanta liberdade. Então, é, até hoje eu vejo isso, algumas mulheres acham que elas não, é, podem, elas têm a obrigação de estar dentro de casa e só nesse ambiente, e que a voz do homem, a palavra do homem é a única e a correta. Então, acho que tinha muito isso também, antigamente, onde o homem era o líder e o que ele falava era o certo. Ela não tinha liberdade de expressar sua opinião, liberdade de falar o que deseja e o que buscava. Não tinha liberdade pra estudar né, o estudo... muitas mulheres largavam a escola. Hoje, ainda, mas eu acho que de uma proporção menor do que antigamente. Largam a escola pra cuidar dos filhos, pra cuidar da casa. É colocada a mulher muita responsabilidade sobre, principalmente, nesses afazeres. Então, eu acho que a vivência das mulheres antigamente era mais complicada ainda, é, nessas pautas.

P: Qual recado você quer deixar?

R: Eu acho que os assuntos relacionado a mulher, ele deve ser de uma forma mais aberta. A gente falou muito sobre a saúde da mulher né, então, eu acho que, como eu tinha falado, ainda é um tabu. Acredito que a gente tem que trazer mais força sobre a saúde da mulher e a menstruação, é, principalmente para as pessoas mais vulneráveis né, que não têm tanto acesso à informação ainda sobre isso. Acredito que a gente também tem que lutar de uma certa forma pelos nossos direitos diante da sociedade, lutar no mercado de trabalho, é... lutar pra ter visibilidade e mostrar de fato de fato que ela é capaz. Acredito que esses assuntos deve ser mais discutido na sociedade, por meio também das notícias, né, que são assuntos que, por mais que estão ganhando força, acredito que ainda é muito não discutido. Acho que a gente... acho que esse seria um incentivo mesmo. É, abrir mais sobre esses assuntos, sobre essa temática, é, com o objetivo mesmo de conquistar, é... mais espaço.

Entrevistada: Telma Soares da Costa e é Vânia Panobianco Silva Melo

T: Meu nome é Telma Soares da Costa, tenho cinquenta e dois anos (52) e o que eu mais gosto de fazer é ouvir música.

L: Legal.

T: Eu amo ouvir música. É. É só isso? Música, né? Porque ela me me acalma, me acalma, a música, eu consigo viajar, me sentir livre quando eu tô ouvindo música, é muito uma coisa assim que me conforta, sabe? Vou pro trabalho, eu vou ouvindo música, quando eu chego lá eu vejo que eu me sinto bem melhor pra enfrentar o dia. Então, é tipo uma terapia pra mim.

V: Meu nome é Vânia Panobianco Silva Melo, Silva Melo é do meu marido, eu tenho cinquenta e cinco anos (55), eu sou casada tenho três filhos e eu gosto muito, sempre gostei de tá na minha casa, de cuidar da minha casa, pode até ser assim meio hoje em dia, né? Falar assim: ah que que você eu sou dona de casa, cuido da minha casa, do meu filho, do meu marido. Pode até falar, mas isso eu faço assim com prazer, com alegria, porque eu gosto mesmo. E uma segunda coisa que eu gosto muito de fazer, mas até atualmente eu to meia desligada, eu gosto muito de leitura, eu gosto de ler, eu gosto de me informar, de saber das coisas, conteúdo, eu gosto muito disso.

ML: E aí vamos pra primeira pergunta: o que é ser mulher pra vocês?

V: Dificil hein?

T: Só no silêncio

T: Uai, ser mulher pra mim é cada dia tá aprendendo, crescendo e não desanimar diante das situações né? Ser forte apesar da mulher, eu sempre comento com a Maria Luiza, é até ela discorda de mim: Deus fez a mulher da costela de Adão porque ela é sensível né? Aquela faixa costela é uma faixa sensível. Mas na verdade nós somos sensíveis claro nós temos sentimentos mais a flor da pele, né? Somos mais sentimentais, mas ao mesmo tempo nós somos, temos uma capacidade de transformação, de crescer, muito forte. Porque às vezes acaba que colidindo com essa parte da mulher ela é sensível. Então, acho que é isso, a mulher é um ser assim maravilhoso. Ser mulher é tanto, eu não sei nem se posso falar isso né? Mas num vou falar não. Foi através da mulher, não sei se eu devo falar de Jesus, né? Que Jesus pisou na cabeça da serpente, né? Foi através da mulher, por que da mulher através de Maria nasceu quem? Jesus, né? E Jesus amava as mulheres. Tanto que quando ele morreu ele apareceu primeiro para as mulheres. Foi isso, então ele tinha um amor pelas mulheres impressionante ela foram amadas por Jesus então é assim que eu penso que a mulher, uma coisa assim tremenda maravilhosa a mulher tem o poder que nem ela não tem noção do poder que ela tem. Então é assim que eu me sinto, poderosa mesmo as vezes pensando que eu vou fraquejar, mas quando eu olho pra essa perspectiva eu falo uhu!! É maravilhoso ser mulher né? Eu estou no lugar certo é isso, estou no lugar certo e

me orgulho muito de ser Telma, essa mulher que venceu! Claro, tive altos e baixos sim, mas eu cheguei a conclusão que vale a pena e a mulher é transformadora é isso.

V: Verdade tudo isso que a Telma falou é realmente isso, mulher é tudo isso e muito mais ainda, né? Ser mulher é ser forte e ao mesmo tempo é ser fraca, ser ser sensível, você chorar e ao mesmo tempo no mesmo tempo que você tá chorando, você falar assim eu não posso chorar, porque eu tenho que sorrir. Eu não posso chorar agora porque tipo assim eu tenho três crianças ali que depende de mim. Então eu tenho que ser forte. Então eu tenho que ser forte, eu tenho que ser sensível, eu posso chorar, eu posso rir, sabe? E e isso eu acho que isso é um, eu falo que é um dom, isso é da mulher, acho que Deus fez a mulher dessa forma, igual a Telma falou, eu creio muito nisso. Então, a mulher tem esse poder dela poder fazer o que ela quiser, mesmo com a sensibilidade que ela tem, que ela é frágil, a mulher é frágil, mas ao mesmo tempo ela é forte, ela é forte que que naquela situação que ela se vê assim tão frágil, tão frágil ela se transforma naquele mesmo momento e sai uma mulher forte e corajosa para fazer o que ela quiser, sabe?

T: É verdade

V: Então eu acho que mulher é isso daí

T: Mulher é poder transformador

V: Exatamente

T: Transforma uma sociedade, a família. o lugar onde ela vive

V: Exatamente a gente podia passar o dia inteiro aqui falando da fraqueza e da sensibilidade, do fortalecimento, da mulher, de tudo aquilo que ela é capaz de fazer e de transformar ao mesmo tempo, sabe?

V: Mais ou menos isso.

T: Tô até emocionada. Ela ficou emocionada.

L: Pensando nesse poder transformador de ação que a gente tem, né? E olhando a sociedade hoje assim da invisibilidade que as mulheres passam, né? De que por vezes o trabalho é sempre dos bastidores, né? Igual a gente tava comentando hoje cedo, uma amiga da minha mãe falou: ah eu não trabalho, eu não trabalho, eu não faço nada, aí minha mãe falou assim, ela não falou,

né? Não chegou a falar. Ela falou que queria falar: você faz sim, você cuida da sua casa, o tanto de coisa que ela faz, mas ela não conta né? Como fazer. Isso é silenciamento feminino, né? Também é uma parte do silenciamento feminino. E eu queria saber se vocês pensam, se vocês conhecem esse termo, silenciamento feminino, o que que vocês acham sobre ele? De que forma vocês enxergam ele, se vocês conseguem perceber ele, em ou no ambiente que vocês vivem e etc.

T: Onde eu trabalho eu vejo silenciamento feminino. Questão do lar. Quando você pergunta pra mulher, qual que é a sua profissão? Aí ela fala: do lar. Então da forma que ela fala você já vê que aquilo pra ela é um desmerecimento.

V: É um martírio falar.

T: Tipo, aí eu fico olhando assim e penso: se você for falar do lar, se você for pensar o que uma mulher faz, ela faz muito mais de quem está trabalhando fora, mas ela mesma quando ela fala 'do lar' ela mesmo diminui. TI- TF: 8:03 - 8:16 Eu sinto uma diminuição, eu sinto que ela fala 'Do lar' muito desmotivada, tipo assim, do lar. Tipo assim, sabe? E observo também quando chega o marido e a mulher, já aconteceu muitas vezes de chegar, eu pergunto, eu olho pra paciente, né? Paciente a Maria, no caso não, a paciente é a Josefa. Aí eu olho e pergunto: Me empresta o documento? O marido dá o documento. Vou lá digitar o nome olha, aí tá é qual o seu endereço? Olho pra ela: qual o seu endereço? Marido vai e fala. Eu continuo olhando pra ela, porque eu eu penso que ela que tem que saber os dados dela.

V: Com certeza.

T: Aí eu olho pra ela e falo: qual a sua profissão? O marido fala. Então ali eu já vejo que é uma forma, é uma forma de silenciamento. Porque aquela mulher não é capaz, né? Não seria capaz, ou não é capaz ou então seria uma forma de intimidação do próprio marido, aonde ela não tem, ela não consegue falar nem os dados pessoais dela. O marido não permite ou ela não ou ela chegou a um ponto de não querer mais insistir, ela já não tem mais força pra chegar e falar ou o marido não deixa. Ali acontece alguma coisa naquele universo ali.

V: Vou pegar um gancho na fala dela, isso às vezes não é nem intimidamento do marido porque situações desse tipo já aconteceu comigo. Eu vim duma família que eu dependi, eu fui dependente até os vinte e cinco anos (25) de pai e mãe. Aí eu me casei e fiquei dependente do meu marido, certo? Então já aconteceu a situação jeito que às vezes a gente ia no banco e numa

situação que eu ia com o meu bem e aí a moça perguntava, começava pegar os dados, meus dados e meu bem falava, meu bem falava meus dados, falava as coisas, tudo que ela perguntava ele falava, né? Aí eu falei, aí eu fui pegando aquilo e falei assim: esse negócio tá certo não, esse negócio tá errado... É meu, é a minha vida, nome, é meu documento, é o meu negócio.

T: Eu falo né, eu ouço.

V: Exatamente, aí um dia eu falei, não, isso não tá certo não, cheguei em casa e falei: amor, eu não quero mais. Quando a gente for, você vai comigo, você vai me acompanhar, mas quem fala sou eu, é o meu documento, é o meu CPF, é o meu endereço, então deixa eu falar, eu não quero mais que você fale. Então realmente é isso, mas era a questão da gente tipo conversar e outra coisa ele fazia não achando que eu tava achando ruim. Ele fazia tipo assim: ah eu vou ajudar ela, eu vou tipo proteger, que meu marido tem um pouco de proteger. Proteção. Muito. Então só que eu não quis aquilo porque não achei certo. Até certo ponto eu não tinha acordado com aquilo, mas depois eu falei nem, quero isso pra mim não. Aí pronto e hoje não, hoje ele vai comigo tudo e eu falo minhas coisas eu sigo meus negócios e está tudo certo sabe? Isso acontece muito. Lá no meu trabalho também já presenciei várias coisas desse tipo assim.

T: Então assim, essa situação aí ela tem vários, é um leque. né? Pode ser que ele é protetor.

V: Sim e pode ser intimidador mesmo.

T: Outra, a mulher já, quando ela fica, ela já estando aqui no nível que ela já não tem mais... acomodou. Acomodou.

V: Não tem coragem mais né?

T: Conversa com pacientes que eu já vi senhoras chega com o marido e o marido... você vê na conversa um tipo o marido é aquele opressor. Aí tem uma paciente que ela chegava com esse marido e só de chegar eu já observava que ela passava uma situação onde ele não deixava ela falar, onde ele ficava criticando aí tá, certo dia, né? Ele morreu. E aí eu vi que ela se tornou outra pessoa. Eu ouvi a voz dela, não por, claro, ele morreu, mas entre aspas eu senti ela, é triste? É tudo, mas eu senti nela uma libertação. Aí certo dia eu fui conversar com ela e falei assim: nossa quando você chegava aqui com seu marido, falei parece que ele é um pouco rígido com você não deixava você falar e ela foi me contou, ela falou assim: você não tem noção do que eu passava com ele, ishe se eu for te contar o que eu já passei aquilo ali era pouco e nas palavras dela ela quis dizer assim que foi sentido a morte dele sim, mas um pouco pra ela foi

como ela tivesse libertado porque ele sufocava ela. E hoje você vê aquela mulher totalmente diferente hoje ela vai escovada, ela tem ela mesma marca consulta os filhos levam, mas cê vê se ela conversa, até a doença dela melhorou, sabe? Então assim, chega seu emocional também. Um monte de questões, né? Então é nesse lá na clínica eu vejo muito isso, é um silenciamento, tem um silenciamento onde você não fala, você trava, você mantém mais em silêncio, você tem até vontade de reagir, mas você não sabe como.

ML: É muito interessante vocês deram exemplos de outras pessoas que silenciam, né? No caso do marido, homem e também silenciamento da própria mulher, né? No caso da própria mulher desmerecer.

T: Isso mesmo.

ML: O ambiente dela, aquilo que ela faz e que é um privilégio, mas também é uma um exercício, né? É uma profissão. E aí a própria mulher silencia.

T: É, parece que ela fica vergonha. Tem um tom tão baixinho.

ML: O trabalho dela, né? Então, tem esses dois lados de ser silenciada por outras pessoas e você mesmo se silenciar, né? Se limitar.

V: Mas a própria sociedade que a gente vive faz com que as mulheres fazem isso, sabe? E as mulheres que não têm a coragem, não tem aquele poder, não, não vou fazer, acata, pega aquilo e acontece dessa vez. Exatamente.

T: É, por exemplo, chegou vocês duas, eu sei que vocês duas, eu sei que cê duas não trabalham e são estudantes, aí antes eu falava assim: Qual a sua profissão? Aí a pessoa falava estudante, aí eu tinha a mania de falar assim: só estudante? aí depois comecei a pensar só estudante... só estudante já é muita coisa assim, o tanto que esse povo estuda, aí eu já mudei meu meu modo de falar. Qual a sua profissão? Aí fala estudante, aí eu falava, estudante, mas só estudante, pô, mas tu é estudante demais, cê estuda pra caramba. Tem gente que estuda integral e aí comecei a entender que estudante também é uma profissão e que tem o mesmo valor que exige muito. Então, eu mesma me corriji.

L: Eu acho que é por aí mesmo o caminho, por exemplo, de mudar essa realidade, né? Quando alguém fala, a não, eu sou de casa. Eu sou do lar que que bom que você é do lar, né? Que bom que você cuida das suas coisas, do lugar que você vive e o tanto que cê trabalha com isso, né?

Às vezes a própria pessoa num sabe assim, ela não, eu não faço muita coisa. E o tanto que é engraçada assim. O tempo dela vai todo daquilo, que não tem nem jeito de não ir né? E ela deve perguntar que eu faço gente? Que que tá acontecendo aqui? Parece que eu rodo nessa casa, roda muitas vezes e eu não vejo resultado. Né? Então é é muito engraçado como a dinâmica, né? Como acontece essa dinâmica, ao mesmo tempo eu trabalho demais, mas eu não dou conta lá fora que eu trabalho com isso, porque parece que não é um trabalho

ML: E isso também é muito legal por conta dessa desconstrução, porque como antigamente assim, as mulheres eram obrigadas a estar em casa, né? E houve essa migração das mulheres indo pra fora de casa pra rua, pro trabalho, aí falou assim, virou ao contrário, a que fica dentro de casa, ela é pouca coisa, né? E aí, tipo, inverteu e ficou péssimo desse jeito. Por quê?

V: Porque deixou de valorizar porque ela quer, ela escolheu tá ali. É uma opção dela, falou, não, eu não quero ir pra rua, eu quero ficar em casa.

ML: Exatamente.

T: Essas coisinhas assim são formas de silenciamento. Né? O silenciamento não é só a agressão, claro né só não, agressão é algo muito sério. Mas você começa nessas pequeninas coisas, né? E aí vai aumentando. Então é uma forma é, a gente está falando de silenciamento, mas a gente pode partir pra outros casos também, né? É tipo a nossa a nossa prima. Ela é tão silenciada que ela não sabe nem expressar o aquilo que oprime ela. É tão silenciada que ela não põe pra fora. Aquilo já tomou tão crônico, tão crônico que ela não sabe por pra fora aquilo que silenciou ela, ela tem dificuldade de expressar o que ela passou com o companheiro, né? Cê vê que ela fala, é sim, precisa de o quê? Precisa de acompanhamento psicológico até pra terapia. Preciso de um apoio da família né? Ela precisa ter perspectiva de melhoras, lutar contra aquilo, ela tem que tentar melhorar, mas ela não, ela continua livre, aí ela ficou livre dele, mas ela continua naquele mundo. Ela continua no mundo do silenciamento.

L: Por que aquilo realmente entrou pra dentro dela e ela aprendeu a lidar com ela mesma daquela forma né?

T: Isso mesmo. Ela tá livre, mas ela ainda tá presa, né? Tá presa em si, presa na situação, mas ela não tá mais com ele. É, tem muita mulher assim. Então, se você for ver a questão do silenciamento, ele é muito amplo. Gente, é um assunto assim, onde você aprende muito e você tem uma visão, pode olhar pra todo o canto. Cê acha É. É, acha, acha isso. Tem mulher falando



assim: é, só do lar. Aí eu aprendi a falar, falo só do lar. Falei: Esse serviço seu, é o serviço que mais tinha que ser valorizado. Né? Então assim gente o assunto está bom!!

ML: E a próxima pergunta também entra nesse nesse caso que vocês estão falando aí que é pensar pontos positivos e negativos de ser mulher de dentro da vivência de vocês, daquilo que vocês acreditam que é bom e que é ruim, ser mulher.

V: Porque é bom e do que ser ruim, ser mulher. Uhum. Que bom, quer ser ruim. Na verdade pra mim bom ser mulher assim, ser mulher é espetacular assim, se fosse nascer de novo eu queria voltar a ser mulher, claro tem muitos pontos positivos tem muita coisa negativa, eu acho assim a meu ver assim na minha vivência, não chega a ser ponto negativo mas é ruim porque eu ainda me cobro muito assim na questão das tarefas de casa porque eu achava hoje em dia eu já estou aprendendo mas eu achava bem mais recente quando eu casei um pouco mais na frente que a mulher ela tinha que fazer tudo, tudo era a mulher, as coisas de casa, que se meu esposo levantasse de manhã e fizesse o café da manhã pra nossa família, aquilo pra mim, meu Deus, se eu tivesse deitado e eu Lincoln levantar pra fazer o café, colocar a mesa e colocar as crianças pra tomar café, eu me sentia assim a pior das mulheres pior das mulheres e uma um peso, uma culpa eu falo misericórdia, que que eu fiz hoje? Aí conforme foi passando o tempo eu fui vendo que não, eu posso sim, ele pode sim servir o café, colocar o café, colocar o uniforme nos menino isso quando os meninos eram pequenos, ele faz e começou a fazer e eu me culpa me culpava muito, mas depois eu fui aprendendo como propriamente ele, porque o Lincoln é muito prestativo, ele é muito ajudador, demais, ele é muito ajudador mesmo. Então, eu fui vendo que aquilo era possível acontecer, aquilo era possível sim dentro da minha casa, eu sendo mulher, porque mulher era pra se casar, né? Cuidar da casa, do marido e dos filhos, então esse era o papel da mulher e homem não podia tacar ali. Homem não podia dar banho no filho, homem não podia fazer comida, homem não podia botar uma mesa, homem podia fazer nada daqueles serviço que que entre aspa, fosse da mulher. E isso graças a Deus eu fui aprendendo que não é, que isso a gente pode dividir sim e deve. Mas isso demorou um pouco até hoje ainda, eu me sinto às vezes, sabe? Eu me sinto às vezes assim, meu pai tá aqui em casa, meu pai vem muito visitar a gente e e meu pai vê o Lincoln, eu tô deitada, ele levanta primeiro que eu, ele faz o café, põe a mesa e busca o pão e vai na padaria e faz tudo e deixa, eu levanto ele, eu sento aqui, ele põe café pra mim meu marido faz isso.

T: Maravilha

V: E e não é errado, tá certo. Porque eu também ajudo ele em muitas coisas e meu pai veio aqui, aí ele fala, nossa, você tem um marido sensacional. Eu falei: tenho mesmo, viu, pai? Eu tenho mesmo. Então, eu vejo que ele fala assim, tipo assim, com uma, sabe? Ó Ó isso é papel seu, não é dele, sabe? Aí eu aí eu converso com ele, eu explico pai, aí hoje em dia as coisas mudaram, hoje em dia a mulher também trabalha fora, o homem também tem que ajudar nos afazeres da casa, dos filhos. Então a gente tem que partilhar, a gente tem que dividir as coisas, porque senão a mulher sozinha ela não dá conta, porque a mulher tem uma, duas, três, quatro, cinco jornada, num tem condição, né? Então aí, mas eu sinto isso. Ainda hoje eu sinto e às vezes é difícil pra mim deixar de fazer. Se o Lincoln vai no guarda-roupa pegar uma camisa e não tá passada. Meu Deus, e pega o ferro e vai passar. Aquilo pra mim ainda hoje é difícil. Mas aí eu penso: não tem nada e não deu tempo pra eu passar, não deu tempo da menina vim passar, ele pode muito bem, ele fala pra mim: amor não tem nada, eu posso passar, isso não é não é dificuldade nenhuma e graças a Deus que ele pensa assim e já me ajuda nessa minha dificuldade, que ainda eu tenho porque eu carrego isso lá de trás da minha mãe, da minha avó, então isso já veio de a gente faz com a gente, né?

T: A sua criação foi assim.

L: Cê podia comentar aquilo que a realidade de vocês lá com os seus irmãos, por exemplo.

V: Isso foi quando eu era adolescente assim, dez, doze, anos, treze anos, que lá na minha casa nós éramos em quatro mulheres com a minha mãe, quatro mulheres dentro de casa e dois homens e três homens com meu pai, então eram sete pessoas. Então a realidade naquela época ainda era pior, né? Naquela época ainda era pior. Então a mulher que tinha que fazer tudo, desde lavar, passar, cozinhar e a gente não tinha ninguém que ajudava na casa. E mais a minha mãe arrumava a roupa do meu pai na cama, por exemplo, toalha, o chinelo dele, a cueca dele, a roupa que ele ia chegar, ele chegava do trabalho, a roupa tinha que tá em cima da cama, a toalha, a cueca e o chinelinho e aí se não tivesse arrumado naquele dia, as vezes chegasse e não tava lá: Cadê minha toalha que não tá aqui... Aí já era motivo da discussão e aí com isso ela ensinou a gente a fazer dos meus irmãos também, eu fazia dos meus irmãos, eles eram mais velhos e a gente fazia, eu e a minha irmã mais nova fazia, colocava a roupa dele, a toalha dele, o chinelo dele em cima da cama também, no pé da cama, para ele chegasse tava prontinho. E nós mulheres ninguém arrumava pra nós, era nós e nós. Tinha outra também que era o dos afazeres da casa das mulheres, naquela época minha mãe não tinha fogão a gás, era fogão de lenha, a gente tinha que acender o fogo pra fazer o café da manhã pra eles ir pro serviço. E a minha mãe colocava

assim, era uma semana, a minha a minha irmã Caçula não passava porque ela era menorzinha, mas eu e a Sandra participava e a minha mãe, ela minha mãe, eu e a Sandra, uma semana de cada um que levantava cedo para acender o foguinho, preparar o café e o lanche do meu pai, do meu irmão e pra ir pra trabalhar, é a gente que fazia e eles não fazia nada, a gente levantava cedo, acendia o foguinho, eu lembro como se fosse hoje, eu tinha acho que doze anos, dez, onze, eu assim, no dia da minha semana, eu deixava o meu pronto, a fogueirinha pronto que era só no outro dia assim só riscar o fósforo ele acendido prontinha assim pra fazer o café. Então eu lembro disso pequenas coisas assim que era coisa que era da mulher. Custava o que? Meu pai acender o fogo, fazer o café ajudar todo mundo? Pegar sua roupa lá que já estava lavada e passada e tudo e vestir né? Então Hoje em dia eu falei: misericórdia, que que a gente fazia naquela época? Fazia.

T: Mas é porque sua mãe foi criada assim, então foi passando de geração a geração. Sua avó que passou para sua mãe, que passou pra vocês e que graças a Deus não passou para os seus filhos, né?

V: Não, porque a gente já mudou. O meu marido já duma concepção assim que ele já não teve o pai presente e aí ele fazia em casa, ele lavava banheiro, ele lavava as cuecas dele, ele ajudava, então por isso que ele ajuda e eu acho que isso aí também já veio da casa dele, entendeu?

T: É, agora cê vê. Isso dele te ajudar, eu não seria a palavra certa, é um privilégio, mas ele te ajudar, fazer isso que você disse isso daí é fantástico é um privilégio, mas era uma coisa que devia normal né? Nas casas, nas famílias.

V: Isso é isso que você falou realmente é verdade porque eu tenho amigas que falam, já deram depoimento e fala Vânia seu marido não existe de ajudar, porque eu falo isso nos afazeres de casa, mas desde quando os menino era pequenininho, o Lincoln nunca foi aquele pai, por exemplo, bebezinho tá chorando e ele ta deitado e eu que fazia tudo. Os meninos sempre dormiram no quartinho deles, então ele chorava, ele era o primeiro a levantar da cama e ir lá buscar a Laura, o Lucas ou a nina, pra trazer pra mim pra mamar, ele me dava, eu amamentava, aí ele pegava do meu colo e colocava pra pra arrotar. Quando eu tava muito cansada, ele ia pro quarto, falava, pode descansar um pouquinho, eu vou botar ela dormir lá e vou ficar com ela. É assim, e sempre foi desse jeito, sempre foi.

T: Isso por quê? Porque lá atrás ele aprendeu, né? Teve. Teve essa vivência. O que a gente fala que as mulheres é um privilégio, é um privilégio porque hoje não é normal. É, não é todas as mulheres que podem contar com essa ajuda, né? Contar com essa ajuda, né? Então isso é fantástico, né?

L: Tia Telma na nossa adolescência assim, quais foram as coisas que já vivenciou, já passou, teve algo parecido ou não foi diferente, sobre essa questão de como as mulheres eram tratadas, como que eram suas amigas, né? Pega adolescentes.

T: Ai meu Deus do céu, não, só falando um pouquinho dessa parte de ser mulher e não ser, uma das coisas que eu achei que a sociedade inclusive a própria mulher né? Foi quando eu me divorciei e queira ou não você é olhada de uma forma diferente pela sociedade então até hoje quando me perguntam: ah você tem marido? Muitas pessoas me perguntam, você tem marido?

V: É engraçado né? A pergunta é essa...

T: Você tem marido? Aí eu falo, não, não tenho marido. Aí vem naquela toda vez na memória quando Jesus chega pra mulher, mulher samaritana, não sei se foi pra Samaritana, não lembra agora que ele fala assim, cadê seu marido? Aí ela fala, eu não tenho marido, ele eu sei, porque até aquele que você tá com você agora não é seu. Então muitas vezes as pessoas falam, cadê seu marido? Cê tá casada? Eu falo, não, sou casada. Aí quer dizer, aí vem na minha mente aquela história. Então falando aí de que é o que é mulher, pontos positivos e negativos, uma das coisas que eu vi foi a questão do divórcio. As pessoas até hoje as pessoas não olham pra você,

V: não vê com bons olhos, né?

T: As pessoas ainda têm esse é preconceito ainda contra a mulher, ainda mais quando é negra, vem de família simples. Eu mesmo os meus irmãos tudo sem faculdade eu não fiz faculdade, quando olha pra você e vê com a sua filha é diferente, então assim essa é uma das coisas que eu vi que a mulher né assim da sua filha não é, eu vou falar, não é da sua cor.

V: Mas ela é sua filha? Ele fala assim,

T: Ela é sua filha? Ou então, ué, cê tá parecendo, aquela história da mulher que raptou o Pedrinho, né? Já ouvi isso também

V: Também é engraçado, só cortando você um pouquinho, engraçado, quando as pessoas falam: mas ela é sua filha? E a gente ainda fala assim: é porque o pai dela era branco... A gente ainda quer justificar com uma coisa que não precisa, poxa vida ela é minha filha

T: Eu já ouvi isso daí, ela é minha filha, e eu respondia: porque o pai dela é branco então assim uma das coisas que eu vi de ser mulher é, essa pergunta como é que é? É então um dos pontos. É, isso, isso é uma falta de respeito. Esse é um ponto aonde eu vejo negativo, nesse sentido não porque eu não tô me valorizando, mas a sociedade criar um certo preconceito pra esse tipo de situação da mulher.

ML: Até a diferença entre mulher separado e homem separado.

T: Totalmente, totalmente diferente aí bota lá atrás essa pergunta de o que é bom volta lá atrás do que é ser mulher acho que uma casa com a outra né? Agora quando a minha adolescência é assim a gente foi criado tipo assim do jeito que a mamãe e papai foram criados criaram a gente, muito simples, eu tive uma ótima educação, com toda dificuldade gente estudou em colégio particular, com aquela mentalidade de que... nossa é isso que eu tava falando esses dias com os meus primos: A gente foi criado dentro dum padrão. Qual era o padrão? Era você ir pro colégio, o padrão, era você pra igreja, o padrão era você ter um cabelo alisado porque naquela época a gente não era o que a gente podia, mas a mãe da gente queria fazer o melhor, o negócio é deixar o cabelo alisado, né? Era tudo muito padronizado, não era qualquer amiga que servia, eu tinha uma amiga e um dia minha mãe falou assim pra mim: esse pessoa, a Patrícia não serve para ser sua amiga. Aí eu falei, mãe, mas... "ela não serve para ser sua amiga porque ela mente". Então assim, começou ouvir umas coisas e eu peguei e desfiz a mensagem com ela, sabe? Eu louvo a Deus pela vida dos meus pai porque eles passaram dificuldade pra manter a gente, eu lembro que a gente ia pra igreja, a gente ia era assim: metade terra e metade asfalto, aí pra chegar no asfalto a gente caçava uma sandalhinha, aí passava aquele pedaço de terra, quando chegava no asfalto, tirava aquela sandália escondia no mato e nós calçava a sandalhinha limpinha para ir pra igreja. Então assim, foi muito bom, mas eu vejo que quando eu fiquei mais, quando eu entrei na fase jovem aquilo me prejudicou um pouco em questão de falar as coisas também, como a mamãe minha avó não falava pra minha mãe, a minha mãe não falava pra mim.

V: Aí lá na frente foi difícil

T: Aí lá na frente eu entrei de cabeça tipo assim, eu não conhecia o mundo, dentro do padrão. Quando eu conheci o mundo lá fora meio que eu gostei. Aí um dia na festa de quinze anos um

rapaz me chamou pra dançar. Ou a gente conhecia ele a muito tempo, ele chama Getúlio, tá vivo até hoje. Na festa de 15 anos da minha prima, aí me chamou pra dançar. Aí eu olhei assim e minha mãe: Crente não dança. Né? E eu doidinha pra dançar com o rapaz mais bonito da festa, dos quinze anos. Não dancei, no entanto eu não questiono. Foi a forma, né? Eles passaram, mas se eu vejo que hoje eu não crio a Maria Luiza assim, eu não criei a Maria Luiza assim, porque eu vi que lá na frente pra mim Telma foi um pouco difícil, mas eu louvo a Deus pela vida deles, eu louvo pela criação, mas minha mãe não foi aberta comigo. Hoje quando certas coisas eu faço com a Maria Luiza, às vezes ela fala assim: nossa Telma, cê tipo assim, cê é muito, tipo cê não tá ligando, cê é muito aberta, mas cara, eu não quero fazer a mesma coisa, porque pra mim não foi legal, saca? Não foi bom. A gente não falava palavrão. Porque era pecado. Eu sei que palavrão não é legal. Mas hoje eu falo um pouco de palavrão às vezes. Só pra dizer de quando eu não falei aí eu falei: queria falar um palavrão naquela época não podia não. Hoje eu vou falar. Aí, mas assim não é porque é de propósito,

V: Mas é que hoje você tem liberdade de fazer o que você quiser.

T: Eu tô andando sozinha na rua, aí acontece umas coisas pra mim: aí eu falo mesmo. eu não falo, hoje eu falo, faz quando ele esses dias eu falo, hoje posso falar, mas eu não lembro, eu não vejo que eu tô falando, não vejo pecado em falar com essas palavras, é a forma que você fala, o lugar que você fala. Às vezes eu falo. Pra quem você fala tá dentro de mim, pra mim mesma. Então eu vejo com isso frente com uma libertação, né?

T: Esses dias, não podia ouvir música do mundo sabe o que que eu vejo hoje quando eu ouço a música? Que tem tanta letra que às vezes eu me vejo: chorão, eu gosto muito de ouvir chorão, as letras dele são letras maravilhosas, tem muitos tem algumas que não, mas tem uma umas que ele fala de Jesus uma forma tão grande que eu já me vi louvando ao Senhor, ouvindo a música dele. Ele fala assim, tão profundo da paz, ele fala que ele ele vê que a casa de Deus, ela é azul. E a mamãe foi comentar comigo que tem uma parte na Bíblia que fala sobre céu não, sobre a eternidade que a gente acha que é o céu. Então assim, são coisas que eu não podia fazer, sabe? Que eu ficava a gente ficava ouvindo assim muita, assim, ouvir muita rádio, muita programação legal, ouvir, foi maravilhoso pra mim. Mas a gente tem que ver os dois lados, né?

ML: E quais coisas você acha que não podia ser feito porque você era mulher e não só por ser cristão e tal? Tipo que você viu falar isso aqui eu sei que eu não posso fazer quem me ensinou porque eu sou mulher.

T: Brincar na rua. Ficar na rua. Não, não menina não fica na rua. Menina é ficar dentro de casa, né? que mais? Tipo de roupa, aí depois eu pegar pra essa idade eu pego uma roupa meio assim, até hoje a mamãe fala das roupa que eu saía. Então assim não pode sair dessa forma, mas o homem pode. Mulher não podia, é eu não podia, por exemplo, é como é que eu vou explicar? É sair com ah eu não podia chegar tarde, mas meu irmão podia chegar à tarde. Essas pequenas coisas, sabe? Que eu tinha um irmão. Então, o Juninho já fazia as coisas que a gente não podia fazer, tipo, sair tarde. Ah, o Juninho podia homem. Você, vocês, não, cê tem que chegar em casa mais cedo. Então, eu entendo que era um cuidado, mas era algo que a gente não podia porque era mulher então tem essa isso, mas assim gente passar por isso foi bom foi se ele tivesse muita liberdade também talvez hoje eu não não fosse o que eu sou né? Então e hoje foi criado um padrão né Vânia? Aquele padrãozinho e hoje, hoje eles não são criado em padrões a nova geração é não é? Graças a Deus por isso né? Vou só fechar. Você usa o cabelo enrolado tipo hoje cabelo enrolado é é fantástico né? Eu vou só fechar aqui

ML: E a gente assistiu um um documentário. um documentário, não. O que é? Um vídeo?

L: É, da moça. Eu acho que...

ML: Da folha, de uma senhora, é, como é que é? É, não sei o que, os quarenta maridos?

L: Dos trinta e dois maridos.

ML: Dos trinta e dois maridos. Mas é uma senhora falando das dificuldades de olhar a mulher na terceira idade, né? Não é o caso de vocês, né? Mas é o caso dela, como uma mulher que ainda tem uma vida sexual ativa, que ainda tem, que ainda tá viva, né?

T: Sim.

L: Que ainda tá viva né?

ML: Que ainda tá viva, não como uma mulher morta que agora o destino dela é esperar a morte chegar.

V: Misericórdia.

ML: Então, é, foi muito legal assim e aí a gente queria conversar um pouco disso. Como que vocês veem essa questão, sabe? Assim, é, não só relacionada a vida sexual, mas de coisas que pra mulheres jovem é ok e pra mulher mais velha, tipo assim, larga disso, olha a sua idade.

Igual tem muito lá em casa né? Tipo, esse piercing, esse cabelo, pelo amor de Deus, achando que você é novinha. Sabe coisa assim? Então é sobre isso. Tanto relacionada a vida sexual, né? De que a mulher morre e depois que ela entra na menopausa, até de coisas também da vida mesmo.

T: Tô dando a minha deixa pra Vânia, que eu falei tanto.

V: Hm, bonito né.

L: Vai Dona Vânia!

V: Então, essa essa questão da mulher madura, depois que ela passa dos cinquenta anos, né? É, porque na... é biologia que fala? na fisiologia da mulher, na biologia? na fisiologia da mulher né? Que a mulher, até aos cinquenta anos, ela tem os hormônios dela tudo, entre os quarenta e cinco e cinquenta anos, ela tem os hormônios dela tudo funcionando beleza e, a partir dos quarenta e cinco anos, o negócio começa descer ladeira abaixo né? E aí, então, é nessa fase e a gente fala assim que, antigamente, a mulher de cinquenta anos, sessenta anos já era uma mulher, é, considerada velha né? É, os hormônios já tinham ido embora e tal. Só que hoje, trazendo pra nossa realidade de hoje, a mulher de cinquenta ano ela é uma mulher de cinquenta ano, ativa. Graças a Deus, nós podemos contar com o que facilita pra nós. Tecnologia, né? Que é as reposições dos hormônios que a gente perde, né?

T: Tecnologia né!

V: Que a gente perde né, a gente perde tudo, porque, é, a vida da mulher, a vida da mulher, principalmente vida sexual, não sei se eu tô falando, é, verdade assim, né? Depois vocês, é, pesquisa e vê. Mas, a mulher sem os hormônio dela, ela não funciona, sabe? Tudo tudo fica ruim. Cabelo fica ruim, pele fica ruim, é, unha fica ruim.

T: Uhum.

V: É, a nossa vida sexual fica ruim, nossa libido fica baixo.

T: Uhum.

V: É, nossa vagina fica seca. Tudo tudo ruim. Então, pensa numa mulher com tudo isso deficiente, ela tem que ter uma vida sexual ativa.



T: Ativa. Uhum.

V: Então, graças a Deus, que vieram tudo isso, essas coisas pra facilitar a nossa vida. Então, hoje nós temos, é, podemos contar com aliados que pode, é, ajudar a mulher. Quando eu entrei na menopausa, quando, dos quarenta e cinco, depois dos quarenta e cinco, eu comecei, eu entrei no climatério, eu comecei a ter umas dificuldade. É, baixa libido, é, ressecamento, é stress, é, insônia, aquelas coisas, calorão, aqueles negócio tudo que incomodava a mulher. E eu falei assim: uai, esse negócio não tá certo, sabe? Esse negócio não é certo. Eu sou jovem ainda, eu tenho uma vida sexual ativa, sabe? Eu amo meu marido e tal, a gente se dá muito bem. Só que tá ruim desse jeito, sabe? Só que tá ruim. E foi aí que eu falei assim: não. Eu comecei a ler, comecei a investigar e tudo, fui na minha ginecologista. Só que a minha ginecologista também não me orientou assim, tipo, abriu o jogo comigo. Vânia, é assim, assim, assado. Você vai fazer isso, isso. Não, ela falou assim: muita das vezes, isso é assim mesmo, é da idade da mulher, isso não era como era antes. Eu falei que: não era como era antes, eu sei, só que eu quero melhorar isso, sabe? Porque eu já li, já me informei e vi que isso aí não tem como resolver, isso não precisa ficar assim pra vida inteira, não. E hoje em dia, a mulher de cinquenta anos, ela é jovem. Não é como cinquenta anos atrás, quarenta anos, que a vida da mulher terminava. Terminava os hormônios, acabava a vida da mulher. Hoje não, graças a Deus hoje acaba os hormônios mas a gente continua com os outros hormônios e a vida continua da mulher ativa, entendeu? E aí eu fui. Pra mim, eu fui buscar ajuda e graças a Deus, é, eu encontrei ajuda. É, a questão até da fisioterapia pélvica pra mulher que é sensacional. Eu vim descobrir coisas que eu não sabia. Verdade. Cinquenta e cinco anos, eu não sabia. Eu fui me inteirar e fui conhecer, fui buscar informação. Informação correta, sabe? Da forma correta. E aí eu fui ensinada, sabe? Até conhecer meu próprio, até o que que eu queria, o que que eu não queria, sabe? E aí eu falava, eu falei: meu Jesus. Aí eu fico pensando assim: misericórdia, tem mulher ainda que não sabe dessas coisa?

T: Tem.

V: Aí eu fui conversar com a Laura e ela: Mãe, tem.

T: Tem.

V: Eu falei: misericórdia, todas as mulheres tinha que saber dessas informações. Todas as mulheres tinha que ter acesso a isso, tinha que saber das coisas pra ela ter uma vida, é, boa, sexual, ter prazer e tudo mais, sabe?

L: Até questão de escape, né? Que você...

V: Exatamente e não é só... exatamente, não é só, não é só pra sua libido, pra sua performance sexual não. A Maria Carolina já tinha me falado, que ela faz fisioterapia, só que ela não é especializada na pélvica né. Ela falou: Mãe, oh, a senhora tem que procurar porque tem que fortalecer o assoalho pélvico, tem escapes de urina, porque você começa espirrar ou tossir, começa com um escape de urina pequenininho, sabe? Então pra você não ter isso, é, você tem que procurar, fazer fortalecimento pra você, pra você fortalecer o seu assoalho pélvico, é, porque tem mulher, é, que às vezes, já quando vai procurar já está com um problema, mas tem solução, mesmo que esteja com o problema, tem solução pra isso, sabe? Então, eu acho que as mulheres, é, elas teriam, elas têm, mas a informação ela tem, só que, talvez, não chega pra essa mulher, não chega pra essa mulher corretamente. É o caso aí do, que tem mulher que não tem nem, é, os absorventes que vocês falaram e é o absurdo que não tem. É, que não tem acesso...mulher,

T: No mundo de hoje...

V: No mundo de hoje falar que isso ainda existe, né? Então assim, no meu, pra mim, assim, hoje em dia, eu continuo me informando, continuo buscando ajuda para que a gente passa, porque a menopausa, ela é uma fase, assim, vai passar por ela, você está passando por ela, toda mulher que tem um útero, ela vai ela é menopausa, né? Então, a gente tá passando pra ela, por ela. Então, por que não passar numa forma boa, saudável, com saúde, isso é saúde da mulher, tá? Isso é saúde da mulher. Não é falar assim: ah, isso não tem mais jeito, como muitas ginecologistas falam pra paciente. Não, isso é assim mesmo, cê vai aprender conviver com isso.

T: Negatividade.

V: Ontem mesmo, aqui, o meu meu genro fisioterapeuta estava falando que a que a que a paciente dele teve no consultório, foi na ginecologista e ela falou, ela estava com problema parece que de de do assoalho pélvico, perdendo urina, essas coisa toda, e ela falou assim que isso era da idade, porque ela estava na menopausa, disse que era da idade. Ele como fisioterapeuta foi explicar pra ela, foi ensinar pra ela que não. Sim, com a idade realmente ela vai agravar, mas tem solução e melhora e muito. Pode ficar, fica saudável, você pode ter uma vida normal. Foi orientar ela que ela tinha que fazer o fortalecimento e tudo, porque lá ela não foi, é,

T: Orientada pelo ginecologista.

V: Orientada. Muitos médicos hoje só quer tratar o quê? Só, é, a causa, né? Como é que fala? Só o problema, não quer tratar da onde ele tá vindo, só quer dar remedinho pra aquilo ali, pronto. Tá errado.

L: E isso é que nem a a própria menstruação assim, né? São ensinadas a lidar do jeito que que vai. Então, por exemplo, se não tem condição de lidar, então você fica em casa. Muitas meninas hoje faltam o trabalho, falta escola, porque não tem uma forma tipo assim saudável de uma, pra cuidar da sua higiene e fazer. O escape é a mesma coisa. Quantas mulheres tipo, na na melhor idade ou nem isso, que tipo é, hoje, cinquenta anos a mulher está né, inteirando. É, ainda deixam de sair de casa, porque sofrem o escape, entendeu? De xixi e de urina. Então, vou sair de casa, aí, não vou mais, porque vai molhar a minha calça, porque vai, eu não sei se isso vai acontecer ou não. Quantos relatos tem né? De mulheres que se privam de viver, porque aí vai acontecer tudo isso, é o lugar certo de ficar é em casa mesmo né? Porque aí eu vou passar essas coisas na rua. E aí é interessante que existem caminhos e que muitas mulheres não acham esses caminhos, né?

V: Eu mesmo sabia que tinha isso aí.

V: Oh, e o tanto que isso melhora o relacionamento do casal. É, do casal, no caso eu explico eu e o Lincoln, porque assim, a gente acha que isso... é, eu pensava que que talvez não tinha, é, solução. Que, às vezes, fala assim, aí não queria namorar hoje, porque, aí, está tão dolorida, é, é, não é meu caso não era dor, mas é desconforto. É tão desconfortável, tal, aí não vou querer. E aí você acaba: hoje não, amanhã.

T: Amanhã também não, né.

V: Quando vê, cê tá aí quinze dias e aí, vai ficando, vai...distanciando. Eu falei: não quero isso pra minha vida não, eu vivo tão bem com o meu marido, a gente é jovem. Vou procurar ajuda. E aí o tanto que isso aproximou a gente, cê não tem noção o tanto que isso é bom. A minha fisioterapeuta pélvica, ela, o tanto que melhora você fortalecer o seu assoalho pélvico, sabe? Você, você, é e pra tudo no seu relacionamento, é, no dia a dia. Aí na sua atividade física, aí você faz uma alimentação saudável, você faz atividade física, você faz os exercícios pélvicos, que você não precisa ser direto na fisioterapia.

T: É.

V: Você vai aprender fazer os exercícios. É igual você ir pra academia, você não malha teu músculo? Malha a sua perna.

T: É verdade.

V: Não tem que malhar? Então você tem que malhar teu assoalho pélvico também. É, porque ele envelhece, ele fica fraco e aí, você não consegue segurar xixi, você não tem uma relação gostosa e boa.

T: Prazerosa, né.

V: Você não tem, não tem força, tá? Aí tem escape de urina. Aí, não é só o escape de urina. Os órgãos todos que, abaixo... Quais os órgãos?

T: A bexiga, quem aí entra a bexiga caída.

V: Isso. E é tudo isso, é porque tá fraco.

T: Tá fraco

V: Porque os órgãos são uns órgãos pesados.

T: Começa a descer.

V: Desce. Aí, pressiona a bexiga e você tem perda urinária.

T: É, isso mesmo. Que dá bexiga caída.

V: E muitos ainda, é, mais grave ainda, os órgãos chega a sair até pra fora. Nesse caso, é caso de cirurgia. A minha fisioterapeuta falou: quando é caso de cirurgia, só quando a paciente chega lá, com os órgãos já pra fora. Isso acontece.

T: Acontece mesmo.

V: Aí é caso cirúrgico, tá? Então, por isso que a gente tem que cuida e é melhor você fazer a prevenção

T: Isso mesmo.

V: Do que você deixar o negócio lá e já pensou? Muitas mulheres que eu sei, fazer atividade física com absorvente. Não sabe que pode, vai fortalecer o braço e a perna, e esquece de fortalecer o assoalho pélvico, que é importantíssimo. Então, ela disse que isso aí, é, tem que colocar na sua rotina. É, fortalecimento do assoalho pélvico é o seu dia a dia, pro resto da sua vida. Olha, eu te ensinei como é que é, te ensinei os caminhos, ensinei você a fazer o exercício, ensinei você a usar os pezinhos, tudo. Agora é com você. Depende mais de você, do que de mim. A gente vai fazer a manutenção e tudo, mas agora é com você, isso aí você vai levar pra sua vida. Aí quando você, o seu cérebro, é, internalizar com o seu assoalho pélvico, você vai fazer isso, é, automático. Você tá lá refogando arroz, você tá trabalhando, você tá sentado vendo televisão, Netflix, você tá fortalecendo o seu assoalho pélvico. Que tem um exercício que é contrai, solta, contrai, solta, sabe? E aí, você está fazendo. Então, quando você está no trânsito, fechou o sinal, você lembrou, ah vou contrair, sabe? É assim. Isso vai ficar na sua rotina pelo resto da sua vida.

T: Maravilha.

V: Olha, e realmente, muda muda a vida da gente. Aí eu falei assim pra ela: Doutora, eu queria que todas as mulheres tivessem acesso a isso.

T: Acesso a informação.

V: Porque isso é muito importante, isso é bom, isso é saudável, isso é saúde pra mulher. A mulher é outra mulher, sabe? É outra mulher.

T: É porque antes, é, depois que a mulher, é, quando entrava na menopausa, a mulher não tinha mais valor, né?

V: Não.

T: Tipo assim, aquela mulher que num... é descartável, né? E antigamente...

L: E a própria mulher, acho que sente isso, né? Sentia isso também, de falar... por que isso estava bem associado ao fato de gerar um filho né?

FALAS ATRAVESSADAS: É isso mesmo eu fiz mais pra que né? É isso mesmo o útero é que tem essa essa mentalidade né? Eu não posso não vou falar muito sobre esse assunto né? Por que não tem como falar né? Por quê? eu não sei né?

T: Eu não posso, não vou falar muito sobre esse assunto né, porque não tenho como falar né, porque eu não tenho né, uma vida sexual, assim, constante. Mas, só falando sobre um negócio de, quando a pessoa é mais velha... o assunto estava conversando em casa esses dias que, uma conhecida nossa, ela tem oitenta anos e ela vai casar.

L: Olha.

T: Aí, nossa, falando: ah, você vai casar, maravilha, tem que casar mesmo, porque vai ficar sozinho né? Aí houve um, aí teve um comentário: ah, lavar cueca de homem nessa idade, casar pra lavar a cueca de homem. Aí eu falei: a gente, deixa a mulher casar. Quer casar, casa. Tá certinha. Tá ficando sozinha. Oitenta anos. Deixa casar. Tem que casar. Então assim, ainda tem suas coisas. Ah, oitenta, setenta anos, quer dizer que você não tem mais. Às vezes, não tem nem a questão de você ter uma vida sex..., um companheirismo, um carinho, um abraço, tem alguém pra conversar, pra sorrir.

V: Pra dormir junto.

T: Pra dormir junto, né? Pra ter... sair na rua um com o outro. Então assim, não é só, não é só a visão sexual, mas é a vida assim ó, a dois, né? Então, alguém pra você conversar, assistir televisão. Tem gente que sente falta. Então, cada pessoa reage de uma forma, né? E isso que a sua mãe falou, eu mesmo sabia, eu mesma não sabia, tô sabendo agora sobre essa, a fisioterapia que cê tá falando. Então assim, até, vou procurar, ler, porque eu não sabia.

FALA ATRAVESSADA: Eu tanta coisa que eu sei mas não sabia.

V: Mas, cê tem namorado. Você vai dizer... se não tem, agora vai ter. E outra, pra você, porque não é só...

T: Isso.

V: Pra relacionamento sexual.

T: Pro outro, né?

V: É, e pra você. E outra coisa, pra pra sua saúde, pra você não deixar escape de xixi, pra fortalecer mesmo.

T: Fantástico isso.

V: Você não vai precisar usar calcinha, aquelas calcinhas geriátricas. Muitas mulheres usam, hoje, com sessenta, com setenta, com oitenta ano, usa. Se você fizer isso, você vai chegar com setenta, oitenta ano, cê não tem escape de xixi, cê não tem.

L: Eu acho que enquanto mulher a gente é ensinado a cuidar do outro. E aí a gente chega num numa idade onde o outro que é meu filho casa ou outro quer ver tem as coisas dele, dele próprio. E aí você para e fala realmente, então eu não tenho mais utilidade, porque tudo que eu cuidava não cuido mais. E a gente esquece disso, que a gente ainda vai ter trinta anos, né?

V: Trinta anos e com saúde, saudável.

ML: A gente tá falando de pessoas de cinquenta anos, né? Então assim, ainda tem um tanto ali...

L: Quanta vida tem?

ML: Exatamente.

L: E aí eu acho que pensar sobre isso, é, eu acho a gente, muitas vezes, não não é não é entregue esse conteúdo pra gente né? Porque se for falar de disfunção de homem, a gente encontra bem mais fácil. Toda mulher sabe que que homem precisa fazer pra tratar isso, toda mulher sabe, que dirá o homem.

T: É, mas não sabe o que que precisa tratar a mulher né.

V: A informação pra mulher não chega pra ela dessa forma assim, abertamente.

T: É, nossa, você foi muito clara. Maravilhosa.

L: E o tanto que as mulheres não conversam né. Às vezes, minha mãe tenta chegar com o conhecimento, quer conversar com alguém e tal. Vê algumas mulheres, as vezes, até na igreja, nossa que calor e tal. Ah não, mas eu não vou fazer reposição hormonal, porque isso... e não, tá dentro de pensamento que não tem, que minha mãe olha e fala: vai sofrer muito.

T: É, não dá nem abertura pra sua mãe falar essas coisas maravilhosas, que podia até falar no grupo de mulheres.

L: Pois é.

T: Ia ajudar muita a mulher.

L: Tanta mulheres sairiam de uma... de uma realidade dessa. Mas, por quê? Não, porque esses assuntos não pode conversar.

V: E vamos um pouquinho mais longe. Eu acho que, assim, hoje em dia, às vezes, até a gente pensa: que diacho de tantos casamentos que acabam nos cinquenta, cinquenta e um, sessenta anos, casamento acabando. Eu falo: agora que é o bom que eles poderiam usufruir, tão se separando. Por quê? Muitos dos casos, cê pode ter certeza, que isso aí é um é um,

T: É um dos motivos.

V: Se separa, eles ficam longe, eles ficam longe um do outro. Aí, nessa hora, a gente tem que tá é juntos, nós somos parceiros, que a gente se ama, tal. No caso, você tem que tá junto. É tanta descoberta maravilhosa, coisa que acontece comigo, com o Lincoln, hoje, que é sensacional, não acontecia quando eu tinha vinte e cinco, vinte e oito, trinta anos, tá acontecendo agora e eu acho isso fantástico. Chego e fala pra Laura: Laura, olha, to descobrindo umas coisas que é fantástica, sensacional a gente saber, eu falei, nossa todas as mulheres deveria ter acesso, deveria saber dessas informações. Conhecer do próprio corpo, o que que eu gosto, o que que eu não gosto, não tem vergonha de falar. Não, eu não gosto disso, eu não quero isso, eu quero isso, quero isso. Agora não, a gente se fecha, num fala e aí o outro vai adivinhar? Se o corpo é meu, que é eu que tô sentindo. Então, eu tenho que ensinar, ó. Se for o caso, ó, pega sua mão, é aqui que eu gosto, é assim, sabe? Nesse nesse sentido mesmo.

T: E o outro tem que tá aberto também.

V: Exatamente. É isso que você tem que ter um companheiro de verdade, né? Companheiro. Graças a Deus, no meu caso aqui.

T: É tanta.

L: Essa questão aqui de regra.

#### FALA DE INTERAÇÃO

T: Isso que você está falando é uma questão de informação.

V: Exatamente.



T: Acho que, eu não tenho nada a ver, mas é uma que você deveria falar sim em grupos de mulheres. Um assunto pequenininho. Gente, isso aí foi fantástico, eu não sabia.

M: Acabou de influenciar, né?

T: Não sabia.

V: É bom.

T: Eu não sabia disso.

V: Um a zero.

RISADAS

T: Assim, você falou tão bem, você foi tão clara.

V: Fui sincera, eu falei do...

T: Eu acho que, assim, você pode ajudar muitas mulheres, né? Assim, fala, gente eu tô querendo falar sobre um assunto, uma reunião na igreja, uma coisa assim, sei lá. Pede a oportunidade, fala de uma forma que você... pede a Deus pra você falar de uma forma que não vai agredi-las, mas que vai, aliás, eu nem vejo isso como uma agressão, acho isso uma maravilha.

V: Que não vai, não é me agredir, que não vai, assim: meu Deus do céu. Então, ela tá falando esse assunto aqui no meio da igreja, né?

T: É, mas é na igreja que é o lugar de você falar. É. A igreja que é o lugar de você falar, por quê? Porque tem muitos casamentos da igreja que estão totalmente só de aparência.

V: Nooossa, muitos mesmo.

T: Muitos. Os filhos já cresceram, mas acostumou com aquela rotinazinha, sabe? E aí vira irmão.

V: Exatamente. Eu que falei assim: eu não quero ser irmão do meu marido não. E olha, eu tô numa fase, eu já falei com meu bem, vai ser uma fase maravilhosa pra gente. Os meninos casando, nós vamos viajar, vamos passear, nós vamos fazer os trem, vai ser fantástico.

T: Isso mesmo. Então assim, e outra coisa. Uma coisa que deveria ter nas escolas é educação sexual.

V: Deveria ser obrigatório, né?

T: É e começar lá do início.

V: Ensinando da forma correta, né? Ensinando as crianças da forma correta.

T: Porque, quando chegar na fase que a gente tá, tipo assim, né? Que a gente passa por tantas fases, a gente ficar assim tipo eu, nossa, não sabia que isso é isso.

V: E eu ainda, eu acho que eu pequei um pouco com as menina. Mas, eu pequei não porque, é, eu num sabia falar assim, porque eu num tinha essa informação. Eu soube de coisa agora, com cinquenta e cinco anos, que eu poderia ter sabido lá trás pra poder orientar ela, sabe? Pra não passar aquilo que, as vezes, eu passei, to passando, sabe? Por falta de informação, falta de informação. E hoje em dia, a gente não pode assim, abrir o Google e aí ir lá. Não, cê tem que ir na fonte científica, no que é verdade, sabe, procurar a fonte certa, porque tem um monte de besteirada, de coisa errada. Mas, se você for nas fontes certas, nas pessoas certas, você tem as informações corretas pra você poder usufruir pra você e poder passar e ensinar também pros seus filhos, pra suas filhas.

T: Isso chama qualidade de vida.

V: Exatamente, exatamente.

L: O silenciamento feminino ele é por aí. Ele poda...

V: Poda mesmo.

L: A qualidade de vida da mulher. E aí, a gente é criado nessa caixinha, que a senhora falou no início.

T: No padrão né.

L: Num padrão. E quando... e é ensinado que esse outro padrão, ele é um padrão deturpado, ele é de menina da rua, da vida...

FALA CONFUSA: TODAS FALANDO

L: Na verdade, nós tamo falando de qualidade saúde de um ser humano, né, que é uma mulher né.

ML: E isso entra, igual a gente falou, em absorvente, em preservativo, e uma série de coisas que faz parte da saúde né, porque as pessoas, é, talvez não levam a sério ou não, é, permitem esse acesso. Igual vocês falaram de ensino nas escolas, né? O povo acho que o ensino na escola vai ensinar criança a coisa errada, tipo, tem coisas que não é pra criança aprender na hora. Mas, não é. É uma forma da criança saber como que ela tá sendo assediada.

V: Isso.

ML: Como que ela tá sendo, é, violentada. Como é que cê vai explicar isso pra criança? É através da educação sexual. Então assim, as pessoas, é, tem informação errada sobre os assuntos e elas levam isso pra outras pessoas e aí ninguém quer ter acesso a isso, né? Então assim, coisas que a gente, por exemplo, podia tá explicando pra criança, pra jovem, pra adolescente e não é permitido. É, isso é um tabu, é um problema, não pode falar sobre isso. Então assim, diversas coisas, né? Isso é silenciamento. As pessoas, a gente não dá esse termo, né? Mas, a gente sabe que existe, então isso é muito doido, né?

T: Vem pensando aqui, lá em casa, quando a gente era pequeno, quando ia passar uma cena de beijo...

V: Fecha os olhos.

T: Trocava de canal. Piff. Na hora né. Aí, eu fui assim. Começava a cena de beijo. Piff. Mudava de canal. Então, nós fechava o olho. Aí hoje, essa aqui, lá em casa continua assim as novelas, uma cena, se tiver, já muda o canal. Aí a Maria Luiza vai assistir um filme lá na sala e vem e tem o filme do... aí eu falo: Maria Luiza...

V: Aqui, oh, oh oh

T: Aí eu falei, muda Maria Luiza. Aí ela fala: Mãe...

ML: Gente, meu vô, minha vó, eles não sabem o que que é beijo, não?

T: Aí acontece, eu já vejo a Maria Luiza...

V: Ele não teve a minha mãe não?

ML: É.

T: Mas, lá em casa, não podia.

V: Exatamente.

T: Não pode ver isso, cês não pode ver isso. Hoje, a Maria Luiza vendo lá normal. Para a Maria Luiza parece que tá, os dois tá é rindo um pro outro. Mas eu já vejo que, eu falo: Maria Luiza, minha filha, oh, tem que mudar aí. A Maria: A não, mãe.

ML: Então, tem esse conflito assim né.

TV: A mãe, isso é normal, mas não é. É a forma como a gente né... pra você ver. Uma coisa que a gente deveria ter sido ministrado...

V: Orientado.

T: Normal, tornou-se um o que pra mim, no caso lá

V: Difícil

T: Um peso pra gente, tipo assim, não, eu não posso ver... Muda de canal. Lá em casa é assim: opa, passou uma ceninha assim, muda de canal. Aí fala assim, ah, eu não sou eu, tipo namorado, ah quem casa ninguém namorando aqui em casa não tem ninguém então assim, é, eu respeito. Eu falo Maria Luiza, eu respeito, porque, primeiro que eu tô na casa deles, a casa não é minha e porque assim, não adianta, sabe, Vânia?

V: É, nessa altura já não vão mais

T: Não adianta. E assim, eu não quero causar atrito porque eles têm menos, detalhe que eu posso ir primeiro e tudo, mas no normal da vida, eles tem menos vida, não vai mudar. Assim, sabe? Eu já vi que as vezes que eu falei gerou muita briga.

V: Ah, é melhor evitar e deixa.

T: É. A Maria Luiza fala: ah mãe, porque cê é muito boba, mas não adianta, sabe? Isso é pra você praticar o amor. Acho que uma forma de você praticar amor.

V: Sim, é, você tá, você tá se deixando, se doando pra eles.

FALA ATRAPALHADA.

T: Eu fico, eu fico me negando a fazer as minhas coisas, né? Pois é, mas gente, cê fica num...

ML: Numa encruzilhada

T: Então assim, não adianta sabe, Vânia? E às vezes, eu prefiro não, não levar um negócio pra frente, porque eu fico pensando também: É, filhos, né? Obedecer. Não é só obedecer, obedecer. Ele fala o quê? Respeito a opinião, só que eu não vou exigir que a minha mãe, meu pai respeita... pensa em mim, no que eu penso diferente. Ah não, aí eu falo: Maria Luiza, vou perder tempo não. Eu falo: Tá bom, é mesmo e aí, sai devagarzinho, vou saindo, vou saindo.

L: Deixe pra conversar com quem dá abertura né.

T: É. Não adianta. É uma... lá em casa, é um conflito de geração.

T: Eles são uma geração, eu sou outra, Maria Luiza é outra. Às vezes eu mais a Maria Luiza a gente choca com opiniões nós duas começa a falar não mãe você está falando isso não, você é tão cabeça aberta, mas tá falando isso? Ah Maria Luiza não adianta porque, né?

V: É, mas assim, porque tem, tem umas coisas que a gente, que a gente ainda num, eu mesmo, tem umas coisas que eu ainda, eu sei que não é daquela forma, mas eu ainda, eu ainda dentro de mim eu ainda não não dou conta ainda de fazer daquela forma, eu sei que tá tá errado, tá errado não, eu sei que que teria que fazer daquela forma, porque as coisas são totalmente diferentes, o mundo hoje é outro, as informações são outras, então muita coisa mudou, mas...

T: Cê tem dificuldade...

V: Pra mim eu ainda tenho dificuldade, igual essa questão com você, que eu falei mesmo de de tá voltando lá atrás um pouquinho, de que o homem não pode nem passar uma camisa, o meu bem faz e passa e tudo e eu deixo tranquilo, mas dentro de mim eu ainda fico, sabe assim?

T: Eu podia ter feito, é, eu podia ter feito, né?

V: Exatamente.

T: Eu podia ter feito. Então, é ter aquele tipo aquela cobrança, você ainda se cobra, né e sendo que ele pode fazer também.

V: Exatamente. Né? Mas é aquele negócio que a mulher foi criada pra fazer isso e tal.

T: Hm-huh.

V: E aí a gente fica naquela e presa naquilo, né?

T: É.

V: Mas é isso daí.

L: Então pra gente finalizar eu queria que cada uma desse um recado se pudesse assim dar um incentivo ou um recado ou um, deixa eu ver... pras mulheres...

V: Explica direitinho aí.

ML: Tipo deixar uma mensagem...

T: É

L: É, deixar uma mensagem...

V: Explica direitinho.

L: Pras mulheres que vão ouvir vocês e que vão ter acesso a esse tipo de conteúdo ou se vocês pudessem falar nossa se eu tivesse oportunidade de falar isso pras mulheres eu gostaria de falar.

T: Isso que sua mãe falou pra mim eu gostaria que ela falasse pras mulheres, sou eu falando, né? Nossa foi fantástico, bom mesmo.

L: Pode falar tia, começar um depoimento...

T: Como que é a pergunta mesmo, hein? A tá...

L: Se puder deixar um depoimento pras mulheres o que você gostaria de deixar...

T: Queria deixar pra essas mulheres que elas vivam intensamente, sejam felizes é procurem o autoconhecimento, conhecer, permitem a fazer aquilo que gostariam de fazer, não se anulem, sabe é, viva intensamente, cada segundo, cada momento, seja você mesma, ame você primeiro, né? Se cuide e não importa se as pessoas falarem, vão falar, seja bom, seja ruim ou não, mas tenha consciência de que nós somos perfeitas com todos os nossos defeitos nós somos perfeitas

porque nós temos mil e uma, é, a gente faz muita coisa ao mesmo tempo, a mulher tem um poder de fazer tanta coisa ao mesmo tempo, que o homem não faz, né? Mas ela, mas ela foi preparada pra isso, nós fomos preparadas pra isso, então assim, gente, viva, viva cada dia, viva cada segundo, intensamente, sorria, seja feliz, faça aquilo que você quer, se você quer ir pra uma feirinha de artesanato, você vai, se quer fazer tatuagem você faz, isso é minha, é meu pensamento, se você quer cortar o cabelo, se você quer é, ficar é, malhar e ficar forte você fica. Então assim, é, ame, namore, beije bastante, cuide dos teus filhos, cuide do seu marido, ame o seu marido, ame os seus filhos, cuide da sua casa. Se você estiver no seu trabalho, olhe pro próximo como fosse você. Cuide do próximo como fosse seus pais. Então a mulher, isso tudo é mulher, né? Isso tudo é mulher. É, não se cale, tudo começa, tudo é no início. Se você permite que aquilo aconteça no início, você vai, aquilo vai pro resto da vida, vai continuar. Então a primeira que aconteceu, você diga não. Igual sua mãe falou, não gosto, não concordo, eu gostaria que você. Porque se você se permitir na primeira vez, você tá abrindo a porta para aquilo acontecer várias vezes, né? Então, isso eu falo a respeito de que? Da violência, da voz mais alta, do falar, ah, mas você, você não presta nem fazer isso e essa já é uma forma de tá dando abertura já pra coisas futuras, né? Então diga, não quero, não fale assim comigo, com todo jeitinho, não precisa ser arrogante também. Cê sabe quanto mais a pessoa fala alto, mais baixo você falar, vai ficar envergonhada, mesmo que você fale alto tipo eu, mas você vai falando mais baixo. Ou então tem coisas que você faz naquele momento, você já fica em silêncio. Porque às vezes o silêncio vai falar mais que do se você estivesse falando alguma coisa. Então eu falo com as mulheres. Viva. Seja feliz. Né Maria Luiza? Seja livre e outra, é, Deus, ame a Deus acima de todas as coisas, porque amando a Deus acima de todas as coisas tudo vai bem pra você, mesmo quando você achar que está na tempestade que está no final, que tudo está acabando com a mulher. Que ela fala, gente, não tem jeito, eu não sei como que eu vou fazer hoje. Hoje eu não tenho dinheiro pra nada, como que eu vou fazer? Lembrem, ponha Jesus ali no centro, que ele coopera para o bem daqueles todos que o amam, né? Então a mulher é o quê? É espírito, nós somos, né? Espírito, nós somos a carne, né? Mas nós somos o quê? Amor, né? Nós amamos, então a mulher, o ser humano em si, Jesus fez com essas, né? Com essas qualidades, seria qualidade, né? A palavra certa, não sei se seria qualidade, mas nós somos, né? Espírito, nós somos carne, nós temos sentimentos, nós choramos, a gente ri, às vezes a Maria Luiza fala assim, mãe não sei como você consegue de manhã, acordar desse jeito. Eu falo, Maria Luiza?

L: Aqui também, igualzinho.

T: Maria Luiza, minha filha, né? Se já não começar nesse astral? Né? Vamos pôr o astral lá em cima? Nada de negatividade, vamos pensar positivo, né filha? É isso, mulherada ó bora.

V: Bora, bora mesmo.

T: Bora. Eu sou intensa, né? Parece.

V: Então, a Telma já falou aí um monte de coisa pra essa mulherada aí, é isso daí, que como mulheres fortes que nós somos, né? Que nós não intimidamos diante das dificuldades, diante dos dos problemas que nós possamos ter essa voz, né? Que a gente não deixe, que nós mulheres não deixamos de nos expressar, de falar, né? De falar aonde que dói, falar aonde que não dói, de buscar ajuda quando necessário, de buscar mesmo, de não ter, de não ter medo, sabe? Porque as dificuldade e as circunstâncias elas estão aí, os é, como é que fala? Os problemas mesmo, é tanta coisa que vem em cima da mulher, a gente falou muito aqui, de silenciamento, de tudo isso que a gente falou e que a mulher realmente ela consiga ter essa voz dela buscar, né? De ela não deixar o medo, né? Um medo né?

T: O medo priva, né?

V: É, o medo, deixar o medo aprisionar ela, pra que ela não consiga se libertar daquele momento ou daquilo que ela esteja vivendo. Então que a mulher forte como ela é, ela tem capacidade de ir buscar. Então que essa mulher não deixe, não deixe ficar parado não, que ela vai buscar mesmo.

T: Hm-huh.

V: Vai buscar, vai a luta pra conseguir seus objetivos naquilo que ela tá, que ela se propôs a fazer, em tudo aquilo que ela se propôs a fazer ela realmente ela não se calar não, ela deixar a sua voz aparecer. É isso.

T: Aí também cê já tá pensando aqui agora que isso a gente falou agora é, isso sim é o feminismo. Isso é um, isso é feminismo, é você ajudar outra mulher, né?

V: Nas suas dificuldades e aprendendo com elas.

T: Isso. Enaltecendo a mulher, isso pra mim é, num sei, mas tá errado, né? É feminismo, é você ajudar a outra, é você se ajudar, a gente juntar, ela passar informação, a gente ajudar a mulher



a levantar a autoestima, porque tudo que a gente fez aqui eu entendo que isso que é o feminismo, né? Hoje tá meio deturpado a questão de.

ML: Algo em prol das mulheres.

T: Ah, não tem feminismo, tem que deixar aqui o pelo assim, não sei o que não sei o que, aquelas coisas que não têm nada a ver. Mas isso pra mim é o feminismo.

V: Foi deturpado, né? Essa relação de feminismo hoje é outra coisa que não tem nada a ver com feminismo.

T: É você ver uma mulher passando, na agressão você poder o quê? De uma forma ajudar ela. Você denúncia.

L: Hm-huh.

T: Às vezes eu vejo alguma coisa, minha mãe fala que um dia você ainda vai levar um tiro na rua. Minha mãe fala, Telma larga os outros, larga, não se mete na coisa dos outro. Mas eu falo mãe, mas eu não dou conta, mãe. Quando eu vejo, ou então assim, quando eu vejo alguém com dificuldade, eu não dou conta, eu tenho que ir lá e ajudar aquela pessoa, eu não consigo. Assim isso eu entendo que o que, além de amor ao próximo com a mulher isso aqui que a gente fez é o feminismo, né?

L: Vê acontecendo, né?

T: É. Acho que a gente já pode juntar um grupo, já.

V: E olha o tanto que eu escrevi aqui ó.

T: É, aqui ó.

FALA CONFUSA - TODAS FALANDO

V: É assim, quando eu tô conversando é no telefone, tô conversando é assim tem um papel na mão. Eu me desestressar, aqui eu me desestresso.

Entrevistada: Narely Batista Pereira

R: Meu nome é Narely eu tenho vinte e oito anos (28) sou jornalista, assessora de imprensa e atualmente estou no processo final na gerência de igualdade racial e políticas afirmativas da Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura de Goiânia, mas atuo muito mais próximo dos movimentos sociais, dos povos indígenas, comunidades tradicionais e dos movimentos populares em relação aos direitos humanos e direito pela terra.

P: Narely, fala pra gente o que é o silenciamento feminino?

R: Bom, o silenciamento feminino é um tema que hoje ele é muito abordado, mas ele é algo muito antigo né? Ele é naturalmente o que nós vivemos a muitos anos, seja na política, seja dentro das nossas casas e até em relação ao corpo, como que a gente se relaciona com o nosso corpo, com os nossos direitos sexuais, com o nosso direito produtivo, como que a gente se sente, como que a gente se posiciona em relação à política dos nossos corpos, em relação a política do que nós acreditamos que é melhor pra nós ou não pra viver, seja casar, ter filhos ou então estudar e não ter filhos ou estudar e ter filhos, enfim, o influenciamento feminino eu acho que ele é um termo novo, recente né? Que a gente começa a estudá-lo nas universidades, mas ele é naturalmente algo que tá com a gente desde sempre, assim, eu não, eu acho que desde que a gente cresce, né? A gente nasce e aí a gente começa a brincar e pra nós é oferecido apenas brincadeiras domésticas, né? Brincadeiras que remetem a atividades do lar, ele já é um silenciamento, né? Porque ele impede que a gente entenda as outras oportunidades, as outras possibilidades que nós temos de viver a vida, de nos encontrarmos enquanto pessoas, né? Enquanto seres.

P: E pensando nessa vivência do ser mulher nós queremos saber, o que é ser mulher pra você?

R: Bom, ser mulher pra mim é um ato de todos os dias me perguntar: o que que é ser mulher, né? Porque a gente passa muito tempo acreditando que ser mulher é ser uma pessoa que tem inúmeros desafios, que pode criar, que pode que tem, né? Que tem condições biológicas que nos diferencia, isso é natural, isso é importante a gente compreender isso, mas no momento que nós temos vivido no mundo né? E pensando em tudo que a gente tem passado politicamente, economicamente, ser mulher é todos os dias perguntar, eu o que é ser mulher nesse momento? E como que a gente pode viver em harmonia assim, né? Ou senão em harmonia pelo menos em equilíbrio com as possibilidades que o mundo nos oferece. Eu acho que ser mulher é um grande desafio assim, porque apesar de nós darmos a luz, apesar de nós sermos um elemento preponderante, fundamental na verdade, para que a humanidade se construa, para que a

humanidade se consolide enquanto o povo, enquanto sociedade, ainda assim ser mulher é um desafio, é um ato de resistência, é um ato de sobrevivência mesmo.

P: Licença paternidade, maternidade, baixa porcentagem de liderança feminina, mãe solo na linha da pobreza, são algumas das consequências da prática do silenciamento feminino e também da ausência de cidadania que são muito reais na nossa sociedade. Narely porque pra você o assunto silenciamento das mulheres é pouco abordado?

R: Veja, eu acho que existem algumas construções sociais que a gente precisa entender nesse aspecto, né? Assim, o termo silenciamento feminino surge das universidades, de pessoas que têm acesso a educação, que tem acesso a uma compreensão de mundo diferente, a ideias de muita liberdade de muito cuidado, de compreensão que todos nós podemos ser tudo que nós quisermos, mas isso é uma ideia recente, porque o que tem de comum, o que é senso comum, é de que isso não é, não é possível, que mulheres têm um papel e homens tem outro e que isso significa que as mulheres que saem desse papel elas estão indo contra toda uma construção natural, né? Quando a gente observa a quantidade de mulheres que nós temos principalmente em Goiás, que abominam a palavra feminismo, isso significa que a gente tem aí uma dificuldade de explicá-las o que que é silenciamento e porquê que isso é ruim. Porque para muitas mulheres isso não é ruim, porque elas não entendem isso como ruim, porque elas foram, elas aprenderam que o papel delas era esse, sabe? Tá naturalizado nas estruturas. Então eu acho que é por isso que a gente tem tanta ... de lidar com esse termo silenciamento, né? É por isso que quando a gente vai pra comunidades, né? Mais simples, comunidades tradicionais, elas nem conseguem entender o que que a gente tá falando em silenciamento. O que é silenciamento? Né? Eu tenho a experiência, por exemplo, de ter aprendido muito, né? Com uma mulher chama Tuir, Tuír Caiapó. (Meu bem Goké ??) ali do Pará que é uma mulher que tem, né? Dentro da comunidade dela, uma comunidade indígena. Ela tem o seu papel e pra ela não existe silenciamento, porque todas as outras são de fato silenciadas, né? Da comunidade dela. Mas ela por ser Liderança ela fala pelas outras, seria isso, sabe? Então assim, são construções muito diferentes, né? Cada grupo tem uma construção social diferente sobre o que é possível uma mulher alcançar e o que não é possível, uma mulher alcançar. Então quando a gente vai tentar entender, a gente não pode se basear por uma régua só, né? Por uma construção apenas, né? Única de pensamento, de raciocínio, porque cada comunidade, cada grupo entende de uma forma, o que é silenciamento, o que não é, o que é cultura, o que não é. Então e também óbvio, né? Tem uma tentativa muito forte do estado, muito fortes do patriarcado de que esses temas não sejam discutidos porque esses temas a partir do momento que ele é discutido, ele vai exigir que outra

postura seja tomada né? É por isso que toda vez que uma mulher avança a gente avança com elas, mesmo que às vezes essas mulheres não tenham e não defendam ideias que sejam minhas, por exemplo, né? A gente tem aí o exemplo de muitas pessoas hoje na política brasileira que eu não concordo, que eu acho que às vezes inclusive é um desserviço, né? A gente tem a Joice R, a gente tem em muitos momentos, a Tábata Amaral, que é uma mulher que tem uma história fantástica, que a gente olha e se admira e tudo mais, mas que na hora do vamos ver, ela vota de uma forma que não é em favor das mulheres em favor do povo, enfim então a gente sabe que elas estando lá a gente avança um pouquinho mas a gente sabe também que as forças do patriarcado são muito, mas muito sutis e elas conseguem inclusive mobilizar dentro das nossas estruturas de organização feminina formas de nos enfraquecer.

P: E pensando sobre essas diferenças até de grupos, nós acreditamos e estudamos que existe uma diferença racial também para o silenciamento feminino. Então nós queremos saber de que forma se dá o silenciamento feminino das mulheres negras.

R: Olha eu acho que o silenciamento da mulher, da mulher negra ele acontece principalmente quando a gente começa a nós mulheres, né? Enquanto grupos feministas a gente começa a lutar pelo direito ao trabalho porque na verdade a mulher negra ela nunca teve o direito ao não trabalho, ela sempre esteve a mercê do trabalho e de um trabalho escravizado, de um trabalho que a mutilava, de um trabalho escravo, de um trabalho que ela não tinha a possibilidade, a chance de entender como o trabalho de emancipação, mas como um trabalho pra sobreviver. Então assim, quando a gente começa a falar sobre essa questão de mulheres negras, a gente tem que entender que o silenciamento, ele não acontece só do lado dos homens ou só do lado da da sociedade que é patriarcal e que é extremamente violenta com mulheres. Ele acontece como sociedades que ela é racista, que ela é extremamente racista, que ela não consegue compreender a diferença de mulheres brancas e de mulheres negras, que ela não consegue entender, por exemplo, o avanço, né? Da quantidade de mulheres que nós temos hoje na universidade, mas a ausência de mulheres negras na universidade. Eu quando fiz a faculdade de jornalismo, eu lembro que na minha turma, tinham duas mulheres negras. Eu e mais uma. A gente tinha uma que inclusive hoje acompanho e fico muito feliz de acompanhar o quanto ela avançou. E aí no período que eu estive na graduação que foram quatro anos, né? Que eu vi das outras turmas, só tinha mais três outras alunas negras das outras turmas. Então, assim, no período de quatro anos, apenas cinco mulheres negras nas turmas de jornalismo significavam muita coisa, isso significa a falta de acesso, né? O silenciamento ele começa por ele, começa pela falta de de recursos financeiros pela falta de acesso a empregos que garantam que essas mulheres possam

compreender que elas podem sim ter voz, porque no final das contas no final do dia quando uma mulher negra que precisa trabalhar pra sustentar a família, que tem muitos filhos e outras tantas outras questões ela não vai querer discutir esse silenciamento da mulher negra, porque isso é indiferente, ela só precisa de garantir o sustento, o alimento, o mínimo pra família e pra, né? Para todas as outras. Então assim, eu acho que as questões são muito profundas quando a gente fala de silenciamento da mulher negra, porque a gente tem um monte, um monte de questões que não vão ser simples de discutir, né? E aí às vezes quando a gente coloca essas pautas a gente é compreendida como mulheres agressivas, como mulheres que são muito individualistas, muito porque o mundo é individualista conosco, né? Eu não tenho motivo às vezes para discutir pautas feministas porque elas não dizem respeito a mim assim, sabe? Elas são na verdade, uma cerejinha ali, sabe? São enfeite do bolo e tal. Eu tenho outras questões né? Eu tenho as questões. O silenciamento da mulher negra é também quando uma mulher cria o seu filho e infelizmente ela não tem, ela não consegue, ela não consegue não, o Estado não consegue dar acesso a educação pra ele dar saúde, dar lazer, dar oportunidade de escolha e ele acaba indo pro crime e ela vê o filho morto ou ela tem que ir pra para penitenciária visitá-lo, né? A gente tem também uma questão muito clara de como as mulheres negras são silenciadas dentro dos seus relacionamentos, né? Quantas mulheres não são, né? Mães solteiras, quantas mulheres são mães solteiras e os pais partem e às vezes criam relacionamentos interracializados e aí a criança é deixada de lado, se elas nascer muito escurinha né? Enfim, são N situações que a gente tem pra discutir que são muito mais profundas e é por isso que às vezes pauta, né? Do silenciamento negro não seja... Ou então às vezes cria um grande conflito, né? Entre mulheres brancas e mulheres negras nos espaços, nos movimentos e quando a gente começa a discutir sobre feminismo.

P: Dentro de tudo que você falou você citou, o movimento feminista, movimento das mulheres e a sua interação com eles, né? Então eu gostaria que você falasse um pouco dessa sua relação com esse movimento, que você contasse a sua história, como você conheceu, porque começou a atuar, como que é esse caminho seu, nesse processo de interação mesmo com o movimento?

R: Bom, eu sou de Anápolis, né? Uma cidade extremamente conservadora, muito construída com base na, no discurso muito evangélico e tudo mais e já fui evangélica, mas quando eu passo na faculdade, né? Eu início o curso de comunicação social aqui na PUC, eu comecei a compreender outras dimensões, né? Primeiro de estrutura social, a minha turma na faculdade era uma turma muito diversa, uma turma que tinha muita gente com muitas posses e gente com pouquíssimas postas, gente com realidades muito diferentes uma das outras e eu começo a

entender que existe sim grandes diferenças e que essas grandes diferenças elas precisam ser muito bem compreendidas porque se não a gente acaba atropelando as coisas que são importante cuidar e construir enquanto o mundo. E aí aqui na faculdade eu tive uma atividade assim, era uma palestra que tinha uma mulher que chamava Eronildes, ela participou da luta pelo movimento ali do 'Real Conquista', que é uma um assentamento, ela era uma mulher negra, ela participava do centro popular da mulher, que é um um grupo de mulheres muito antigo, que inclusive participou da criação do CEVAM que é o Centro de Valorização e Apoio da Mulher, vítimas de algum tipo de violência e eu começo a ouvir essa mulher e começa a entender que a gente tinha muitas necessidades que se encontravam, né? A gente tinha muitas semelhanças e começo a participar de algumas atividades que eles desenvolviam, né? Que o Centro Popular da Mulher desenvolvia. E aí usava sempre isso como tema de atividades da faculdade, começava a compreender a importância dessa pauta de forma mais profunda e me aproximar dos movimentos. Quando eu entro no terceiro período do curso de jornalismo eu participo de um evento como voluntária que se chama Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros e a Aldeia Multiétnica, né? E vou pra lá e passo uma temporada de quinze dias produzindo conteúdo, fazendo comunicação e conhecendo grupos, né? Conhecendo grupos quilombolas, conhecendo comunidades indígenas e me aproximando muito dessas mulheres, me aproximando muito das discussões relacionadas à terra, relacionadas à pauta de identidade e começo a virar uma chavinha assim, né? Quando termino o curso eu trabalhava na Difusora (rádio) aí eu tive um convite para trabalhar com a ONG que realizava esses eventos que é a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge pra trabalhar com povos indígenas. E eu lembro de uma atividade aqui na faculdade que a gente participava do grupo de direitos humanos e a gente começa a discutir a importância, né? Quais são as demandas de cada grupo e tudo mais. E eu lembro que a sala inteira, a gente começou a falar de povos indígenas, e a sala inteira falou assim que não, que a gente achava que era que eles já tinham tudo assim, que eles não tinham tantas necessidades, que ninguém se interessava muito pelo tema. E eu era uma dessas pessoas, que não se interessava pelo tema. E aí começo a refletir sobre isso. Por que eu tinha essa dificuldade de trabalhar com povos indígenas? Por que que a sala inteira tinha essa dificuldade de trabalhar com povos indígenas, né? Porque a gente achava que eles já tinham terra, a gente achava que eles já estavam numa sociedade de consumo, que eles queriam ficar tendo celular, ideias muito senso comum, né? E começo a me aprofundar mais nessas pautas. E é a partir daí que eu começo a participar das ações como comunicadora mesmo, a minha participação nos movimentos sociais ela sempre foi enquanto comunicadora, trabalhando pela pela valorização, pelo fortalecimento, em projetos diversos junto ao IFAM, junto ao junto ao (MINC?), junto ao

Ministério do Desenvolvimento Humano que na época existia e não existe mais e acho que é isso.

P: Você na sua fala inicial que ainda existe muito preconceito com o movimento feminista, com os movimentos das mulheres, né? Muito porque às vezes a forma como isso foi apresentado para sociedade fez com que elas tivessem esse preconceito, tivesse esse receio de querer saber, de entender como funciona, de como que o movimento beneficia e ajuda a vida das mulheres. Então eu queria que você contasse um pouco dentro da sua vivência, sua opinião, por que as pessoas têm tanto receio com esses movimentos? E o que que falta pra que o movimento feminista, por exemplo, seja mais abraçado pela sociedade sem essas barreiras e essas questões assim que as vezes não fazem sentido nenhum, mas que as pessoas ainda colocam como um ponto pra não se aproximar, sabe?

R: Eu acho que existe um projeto de Brasil, logo depois da redemocratização, que ele saiu por parte dos militares que saiu muito exitoso, né? Que foi a real, como que eu posso dizer? Ah criminalização mesmo de qualquer tipo de movimento e de grupo. Então movimentos sindicais, grupos de mulheres, até mesmo os movimentos organizados da igreja católica que tinham muita força na época, eles foram de certa forma criminalizados e eu acho que isso vem até hoje né? Então assim, não é uma questão apenas do movimento de mulheres, que eu prefiro falar chamar de movimento de mulheres do que o movimento feminista, porque as pessoas ficam muito assustadas com a palavra feminista, né? Então nessa perspectiva dessa ideia de Brasil que foi exitosa pela pelos grupos que apoiavam a ditadura militar, ficou muito forte na cabeça das pessoas que todo tipo de movimento era uma arruaça, que todo tipo de movimento era um um desrespeito ao que já estava imposto. Então quando quando os grupos feministas eles começam a se organizar e começam a discutir pautas, por exemplo, como espaços de poder como o direito da mulher ao voto, mas também o direito da mulher de estar representando os grupos, cria-se uma tensão e essa atenção ela é muito fortalecida pelos grupos tradicionais e aí eu falo grupos tradicionais não grupos religiosos, mas grupos que às vezes usam-se da religião pra fortalecer essas ideias que são muito muito soberbas, né? E muito e muito distante do que é o real. Então eu tenho uma leve impressão, me faz acreditar que as pessoas têm essa aversão aos movimentos muito por esse sentido de que organização é uma coisa negativa, que a organização significa gente que não tem nada pra fazer, que não tem que trabalhar e aí fica aí conversando coisa atoa, né? Então, assim, isso vai, vai fortalecendo muito. E aí também na época da das eleições, principalmente das eleições que elegeu o ex-presidente Lula, isso fica muito forte porque esse era o discurso que se usava na na campanha, né? Que era um grupo baderneiro que queria tomar

o poder, tomar o Brasil e aí isso foi reproduzido em muitos outros aspectos, né? E principalmente nos movimento Organizados. E aí eu cito o movimento de mulheres que eu acho que ele é extremamente vilipendiado, ele é extremamente escanteado e os movimentos dos grupos tradicionais. Os movimentos que são relacionados à luta por terra, né? A dos povos indígenas, das comunidades quilombolas e afins.

P: E pra finalizar você comentou do seu papel atuante enquanto comunicadora dentro desses movimentos e dentro do nosso trabalho teórico nós pesquisamos a comunicação tendo um papel de contribuir para a mudança desse cenário né? A partir da ideia de que informação é um bem público. E como isso se torna prático dentro da sua vivência hoje de trabalho, dentro da sua atuação profissional? Como você desenvolve isso?

R: Olha eu acho que tem algumas questões. A primeira é o que nós somos né? Nós como mulheres estando nos espaços de comunicação porque isso também é um espaço muito difícil pra nós, né? Às vezes a gente consegue espaços de produção, de tá sempre atrás, né? Nos bastidores e muito dificilmente a gente consegue estar a frente e consegue falar o que nós queremos falar, né? Então eu acho que tem essa perspectiva de nós representarmos o que nós somos e nós fazemos do nosso trabalho uma luta pra que seja compreendido e também tem outras formas, né? A gente tem formas de valorizar outras mulheres, por exemplo aqui em Goiânia a gente tem a recentemente a gente lançou uma uma exposição na Vila Cultural Cora Coralina falando de cinco mulheres negras, goianienses que fazem e constroem a cidade e que poucas pessoas conhecem, né? E aí a gente tem a Valéria da Congada, que é uma referência no estado de Goiás, enquanto uma liderança de Congo, naturalmente o Congo, é uma manifestação cultural que ela só é liderada por homens e aqui em Goiás uma mulher que é reconhecida nacionalmente enquanto isso, a gente tem a Dona Dalva já falecida, mas que foi extremamente importante pra criação dos CRAS, dos CIAMS e para política de assistência social que a gente tem aqui no estado de Goiás e ela também foi a criadora de uma escola, da única escola de samba, eu acho que é aqui de Goiânia, ela do grupo ILÊ também daqui de Goiânia. E a gente também tem a Naya Violeta que é uma pessoa mais jovem, ela é uma estilista e que recentemente foi a primeira mulher negra do Centro Oeste a estar uma fashion week, a gente também tem a Mãe Biloca (Durvalina Lopes Machado) de que é uma referência nacional na capoeira, nos grupos de terreiro e tudo mais, ela construiu com sua família a sambadeira de bimba e essas mulheres elas são daqui de Goiânia e essas mulheres elas são invisibilizadas, né? Elas não são olhadas e nem entendidas enquanto grandes pessoas. E aí a gente tem uma última que eu falo com muito carinho que é a Nadir Cesária. A Nadir ela é uma mulher que é uma



trabalhadora da COMURG, ela é assistente social, e ela tem visto neste período de pandemia um grande número de óbitos de companheiras de trabalho da COMURG, um grande número de óbitos de dos maridos dessas mulheres, porque é um grupo de pessoas que não parou de trabalhar durante a pandemia. Então essas mulheres quando a gente tá nesses espaços de poder, de possibilidade de construir, por exemplo, uma pauta enquanto comunicação e a gente traz essas mulheres, a gente já faz muito do que a gente pode, né? Porque a gente tem o mundo possível, a gente tem um mundo ideal e a gente tem o mundo que nós vivemos. No mundo que nós vivemos se a gente conseguir caminhar um pouquinho pro mundo possível. Sim, porque a gente acha que é possível ele já tá bem, a gente já tá bem, já é ótimo, no mundo possível dá pra gente fazer aqui daqui dois dias, daqui três dias, agora o mundo ideal ele leva mais um tempo e aí ele só vai acontecer se a gente conseguir fazer essas coisinhas pequenas, essas possibilidades de chamar essas pessoas e dar voz, dar espaço pra elas serem visualizadas, né? Então acho que é isso assim, eu acho que a comunicação ela tem um papel fundamental da construção de um novo mundo. e eu sempre desde a graduação eu sempre digo que eu decidi fazer jornalismo porque eu queria escrever um mundo novo e. pra escrever um mundo novo só é possível com pessoas que entendam que esse mundo novo ele precisa de ter representatividade, ele precisa de ter a voz dessas mulheres e o silêncio precisa de deixar de existir, né?

Entrevistada: Graziely Ferreira de Miranda Gurgel

P: Meu nome é Graziely Gurgel, eu tenho dezesseis anos.

R: Beleza. Grazi, vamos começar com a nossa primeira pergunta: o que você entende sobre o que é silenciamento feminino? Quando você fala sobre silenciamento feminino eu penso que ela própria se silencia porque ela não está confortável por qualquer motivo, ou porque alguém não deixa ela falar, então ela é interrompida, então ela é silenciada.

P: Muito legal, então Grazi, e dentro do silenciamento feminino, a gente tem questões da mulher né? Gostaria que você falasse um pouco pra gente sobre o que é ser mulher pra você, assim, o que você entende sobre o que é ser mulher?

R: Então, pra mim na minha opinião ser mulher é, no geral é trabalhar, pera, eu acho que por ser mulher a gente carrega um fardo de carregar uma criança, mas também a gente é trabalhadeira, né? E a gente age como: é diferente mesmo

P: Beleza. Grazi e pensando no que é ser mulher, você pode citar quais pontos positivos e negativos, às vezes um ponto positivo e negativo que você encontra em ser mulher e por quê?

R: Acho que o ponto negativo é porque colocam muita pressão na mulher no que ela quer ser porque, por causa de antigamente né? Que a mulher tinha que engravidar e ter filhos, e cuidar deles mesmo, tem que ser dona de casa. O que ainda fica na cabeça no século vinte e um.

P: Uhum. E os pontos positivos?

R: Positivos. De ser mulher? Hum. Eu quero continuar lutando. A gente está dando passo pra frente por nós mesmos, e lutando por uma causa.

P: Muito legal Grazi e pra você quais são os desafios que as meninas adolescentes têm ao falar ou tratar de assuntos relacionados às mulheres assim assuntos? É da vida da mulher, quais são esses desafios? existem desafios na sua opinião, como é que você vive isso? Se é fácil pra você falar sobre, pensar sobre ou não?

R: Tem problemas aí, porque dependendo de onde você tá, são coisas íntimas né? ou você não se sente confortável em falar. Ou tem amigos que pirraçam com você, então você se cala, você já sabe que não pode falar sobre tal assunto. Por isso que às vezes você exclui alguns assuntos.

P: É isso mesmo, é legal falar assim: ah alguns assuntos são excluídos... e aí pensando que a escola é um lugar de receber instruções, você recebeu instruções na sua escola sobre menstruação, sobre saúde da mulher?

R: Sim, TI - TF: 5:31 - 5:42 eu recebi uma aula de biologia, tanto no assunto sexual e menstruação.

P: E como foi essa aula?

R: Essa aula foi dividida entre os meninos que tem a parte deles e as meninas. Porque as meninas é um assunto mais delicado, né?

P: E como que você acha que isso te ajudou? Receber esse tipo de instrução... É talvez se você não tivesse recebido, você acha que seria diferente, seria fazer falta? Que que você pensa sobre?

R: Olha, eu pude perguntar algumas coisas que eu tinha dúvida e se vai dar certo no futuro, eu não sei, mas foi bom a experiência de falar.

P: E assim lá na escola você teve algumas instruções e dentro da sua casa vocês têm liberdade para conversar sobre isso? Você recebe instruções sobre isso, como é?

R: Tenho a minha mãe, a minha mãe fala muito da menstruação e dos pelinhos lá de baixo que às vezes podem infeccionar. Minha mãe é, igual pessoa antiga sabe? Se a gente ta com pé no chão a gente vai sentir muita dor, né? Por causa da cólica. E a menstruação aqui em casa é liberdade né?

P: Na nossa primeira entrevista você comentou sobre a sua primeira menstruação e você acha que podia começar novamente? Que eu acho que foi legal

R: Eu posso, a minha primeira menstruação eu estava no ballet, eu acordei e a primeira pessoa que eu vi foi meu pai, e eu fiquei muito preocupada porque não era comum eu fazer isso. Aí ele me falou que eu tava menstruada e tal e foi a primeira pessoa que eu contei. A minha mãe até ficou com raiva porque ela foi a segunda e ela é a mulher da casa então foi isso, no final do dia estava praticamente nova.

P: E o que que você sentiu com essa primeira menstruação? O que que passou na sua cabeça?

R: Que eu ia parar de crescer, que eu ia virar mocinha, e que era nojento, foi isso que passou na minha cabeça.

P: Uma outra pergunta que é legal aqui que é: alguma situação ligada a saúde da mulher, menstruação, já te impediu de fazer alguma atividade? E como foi pra você isso?

R: Já, a menstruação já me impediu. No mesmo dia que eu menstruei pela primeira vez, meu aniversário estava chegando, né? Aí eu perguntei pra minha mãe que ia ter uma festa grande, esses brinquedos. Aí eu perguntei pra minha mãe se eu ia poder brincar no pula-pula. Minha mãe ficou muito triste, mas disse que eu podia sim pois já estava no final da menstruação. Outra, eu já não pude fazer educação física por causa de algumas dores que é muito insuportável

P: Você começou a conhecer mais o do seu corpo depois que você menstruou? Assim quando que cê ia sentir mais dor, quando não e tudo mais?

R: Foi, no meio da minha menstruação a cada dia eu ia aprender sozinha (??)

P: Mas você conversa com as suas amigas sobre menstruação ou você conversou na época, como que foi?

R: Na época eu lembro que eu conversei muito porque acho que quando a gente menstrua a gente vira praticamente uma mocinha, aí a gente quer comentar. Agora eu não converso muito sobre isso, porque é algo muito íntimo, mas a gente joga umas indiretas e fala assim: ou preciso de chocolate, por favor!!

P: Grazi eu até fiz essa pergunta pra você dá outra vez é você acha que por exemplo quando você até falou que vocês quase não conversam sobre isso por exemplo na presença de menino porque menino não sabe lidar com esse negócio direito. Você acha que isso é uma coisa que vai prejudicar lá na frente, o fato desses meninos não se sentirem confortáveis, tratar desse assuntos que é normal, né? Que faz parte da vida da mulher, você acha que isso vai prejudicar o crescimento deles, a forma como eles vê o mundo como homens ou você acha que isso não interfere?

R: Eu acho que interfere porque o funcionamento vai continuar o mesmo, né? Ou se eles amadurecem né, quando crescer, aí eles vão ter uma namorada, vão ter filhas. Eu acho que isso vai mudar.

P: Muito legal. E aí você acha que as mulheres ainda precisam alcançar direitos assim? É nos gerais direitos gerais né? Que eu estou falando agora. Você acha que as mulheres ainda têm um caminho pela frente?

R: Acho que ainda tem, porque está começando agora né? As lutas pela igualdade, pelos direitos, pelo salário igual, porque mulher não é fraca né? Então, o mundo tá vendo, e isso vai continuar até elas conseguirem.

P: Legal, e aí é isso que você até falou, né? Sobre a gente ter que lutar, tem os movimentos feministas, né? Movimentos em prol das mulheres que buscam isso? Que buscam esses direitos, né? A concretização deles. Você conhece sobre esse movimento? O que você acha deles para a luta da mulher né? No geral.

R: Eu acho muito legal porque elas estão lá lutando não apenas por elas, mas por todas as mulheres do mundo.

P: E você conhece mulheres que tão nesse movimento e que aderem a isso?

R: Ah, eu conheço, a minha irmã é feminista,

P: E como que ela fala pra você e quais são as conversas que você tem com ela assim sobre esse assunto, como que é isso pra você?

R: A gente não tem essa conversa, às vezes parece um negócio, uma notícia pra mim sobre a mulher que aconteceu alguma coisa aí eu vou lá falo com ela e discuto, aí ela dá a opinião dela e eu dou a minha.

P: Você acha que esse ambiente de conversas gera alguma transformação?

R: Eu acho que gera, porque cada debate, cada ciclo social vai criar a sua identidade.

P: A gente entrevistou uma senhora assim que falou uma coisa muito legal: que na época dela as mulheres não tinham direito, direito de estudar, direito de trabalhar fora, né? Por ficar dentro de casa, principalmente se fosse na roça, né? Cuidando das crianças, enfim. E aí ela falou que ela não tinha força pra mudar essa realidade, pra falar que não quero, sabe? E hoje a gente tem isso, né? A gente tem essas possibilidades e tal. Você acha que isso vai fazer com que a gente tenha uma postura diferente assim? O fato da gente hoje conseguir viver de uma forma melhor, da gente conseguir realmente conquistar direito, né? Você acha que isso influencia na nossa vida de alguma forma? Ou você acha que assim ainda tem muita coisa ruim? Como que é pra você ver isso assim, ver o passado onde muita coisa não era permitido e o futuro assim, que que você espera do futuro, entendeu? Vendo que a gente já foi conquistando.

R: Eu acho que tem uma XX, mas ainda tem um pouco do passado, porque eu sei que as mulheres desse século vinte e um, elas vão ensinar os filhos delas de uma maneira muito correta do ponto de vista delas. Mas é o filho dela que vai ter a sua opinião, certo? Mas pelo menos ela deu um ponto de vista do mundo. Então, no século que vem, talvez a nossa sociedade esteja com um pensamento mais livre em qualquer sentido.

P: você tem assim alguma história, algum relato de alguma vez em que você sentiu que você não foi escutada, que você foi silenciada, que as pessoas foram machistas com você de alguma

forma, tem uma história dessa pra contar pra gente assim, dentro do seu ambiente, o fato de ser uma realidade de Jovem, né? De uma adolescente, tem uma história pra você contar, se você lembra?

R: Ah eu não tenho uma história porque eu sou muito tímida. Aí eu me calo, eu faço meu próprio silenciamento, não tomo uma posição de frente para falar.

P: E você acha que as mulheres por exemplo que se expõe, que vão falar e que são de alguma forma assim calada né? Que o povo não dá moral, não quer escutar o que ela tem a falar. Você acha que isso pode fazer com que elas com o tempo também não se sintam, faz com que elas achem que o que elas estão falando é mentira ou é errado assim não sintam mais à vontade porque você é um fato que você realmente não se sente bem né? Mas tem mulheres que falam e que por não serem ouvidas deixam de falar, né? Como você acha que isso atrapalha na vida delas? Ou ou não sei como que você pensa sobre isso?

R: Eu acho que porque por elas não falarem sua opinião a opinião ela vai ficar guardada e algumas vezes ela solta sendo explosiva ou não,

P: A gente queria saber se você tem algum recado é quer deixar algum recado pras mulheres e a dessa conversa sobre silenciamento feminino, a importância, né, da informação, a importância da gente conversar e conseguir amparar uma outra, você gostaria de deixar algum recado pras mulheres?

Eu acho que o meu recado é apenas uma visão de futuro que um dia as lutas que a gente está tendo, as manifestações, um dia serão a realidade, porque a gente está lutando. Então é isso, se não lutar não tem envolvimento.

Entrevistada: Ana Carolina Nunes Bispo de Rezende Carmo

P: O que você entende sobre o que é ser mulher?

Silêncio.

R: Ser mulher.... Ai gente até deu um branco agora. Uai, ser mulher é ser humano...Ai gente, eu não vou dar conta não. Eu travei.

P: Falando sobre a fase de adolescência, juventude. Você recebeu alguma instrução sobre saúde da mulher, menstruação?

R: Não, não recebi.

P: E você achou difícil não ter recebido:

R: Uai, não achei difícil não. Eu consegui raciocinar assim eu mesma, porque eu não tive a orientação né, mas não é fácil, mas eu tentei eu mesma dar conta.

P: E você teve amigas pra te ajudar?

R: Tinha, tinha amigas. Elas me ajudou, me orientou, porque eu não tinha amigas. Já, elas já tinham passado. Elas tiveram mais tarde, eu tive mais cedo.

P: Na escola, você teve orientação?

R: Também não, foi tudo decorrendo né, a gente vai aprendendo.

P: Alguma coisa como cólica, você tinha problemas com realizar atividade?

R: Não, nunca, não é doença né. Não iria, mas eu fui. Eu ia normal, não tinha problema de ir não, mesmo doendo.

P: Para você, como as questões relacionadas à mulher são tratadas na sociedade?

R: Alguns falam abertamente, outros já não falam, ficam inseguros, aí vem as piadinhas. É isso.

P: E pra você, há dificuldade?

R: Não, é normal.

P: Na sua roda de amigas, vocês falam sobre isso?

R: Amigas? Eu quase não tenho amigas.

P: Você sabe que o SUS fornece instrumentos?

R: Não.

P: Você já fez uso de algum instrumento?

R: Já, camisinha.

P: E sempre foi algo acessível pra você?

R: Sempre.

P: Como você acha que é pra mulheres que não tem absorvente, camisinha, remédio?

R: Deveria ser mudado. Fornecer para as pessoas que não tem condições e não é bem essa a realidade né. É bem difícil. Já passei de não ter absorvente e ter que improvisar pra poder não ficar sem. É ruim, desconfortável.

P: Alguma vez no seu trabalho, você já sentiu diferença de tratamento entre homens e mulheres?

Tem, tem. Assim, eu nunca trabalhei fora, mas eu já vi que tem diferença entre o homem e a mulher. O homem pode mais, a mulher é privada das coisas. Os direitos tinham que ser igual, tanto pra homem quanto pra mulher.

P: Quais outros lugares que isso acontece e você já percebeu?

R: Shopping, empresas, tudo acontece, até mesmo na política, os homens têm mais direitos que as mulheres.

P: E o que você acha de deixar os filhos, a casa, por conta da mãe?

R: Mas é a realidade mesmo. A mãe fica mais do que o pai. Muitas vezes ele não quer o compromisso de ficar com os filhos e joga tudo pra mãe. Eu acho. Eu já vivi. Agora que não. É ruim, é chato. A tarefa tem que ser dividida igual, tanto pra mãe “tanto” pro pai. na verdade, não é essa né, fica tudo só com a mãe. A mãe fica encarregada de tudo, cuidar de menino, cuidar de casa e eles não reconhecem isso. É ruim, não é bom não.

P: E sobre o machismo?

R: Porque é mulher, não pode. O homem pode, a mulher não pode. Isso é machismo, tem que ter direitos iguais. Precisa de ter mais oportunidade né, dar mais oportunidade da mulher falar suas propostas né, porque muitas das vezes elas não são ouvidas, porque eles não quer ouvir. Só o homem, a mulher não tem o seu espaço. Isso tinha que mudar.



P: Eu tenho o sonho de terminar meus estudos e fazer uma faculdade, coisa que eu fui impedida de fazer. Eu casei muito cedo, ele não deixava eu acabar meus estudos e aí, deu no que deu. Não tive a oportunidade que hoje eu queria ter. Não foi fácil, porque hoje eu poderia tá formada, ter um bom trabalho, hoje eu não tenho, ter carro, é difícil, tem que ficar dependendo das pessoas, não é bom não.

R: Se eu voltasse atrás, eu não teria casado cedo, eu teria terminado os meus estudos, ter pensado nisso mais na frente. No início, eu vi que errei, poderia ter esperado né, mas não esperei. Estudar, trabalhar e depois pensar em ter filho. Aproveitar mais a vida, a juventude.

P: O que você quer passar para os seus filhos?

R: Ensinar né eles a não ter machismo, a ser bons rapazes, boas moças, a ser educado, viver melhor, que hoje o mundo tá muito, tem muitas maldades, pessoas morrendo. Pra eles ser um adulto bem formado, a cabeça bem formada a cabeça deles, ter maturidade. Um mundo de respeito, respeitar as pessoas, não ter machismo, igual as mulheres não podem fazer nada, ninguém pode fazer nada, só quem tem condições boas pode fazer as coisas e não é assim né, todo mundo tem seus direitos e suas formas de fazer as coisas.

P: Você pensa em ensinar a sua filha de uma forma diferente?

R: Que ela tem que saber o que é certo, o que é errado. Quando ver que uma situação tá errada, não deixar né. Falar né, não ficar calada.

P: Faz acompanhamento sobre saúde da mulher?

R: Faço, ginecologista.

P: Por que a mulher deve ter esse acompanhamento?

R: Às vezes as mulheres têm medo de não ir, mas é importante, prevenir alguma doença. É bom tá indo. Você ter a sua saúde tratada, cuidada, se você tiver alguma doença, tem como você ser cuidada. O diagnóstico pode ser cedo, aí tem como você tratar. Se demorar pra ir, aí já é tarde. Aí demora.

P: Como é pra ir no médico?

R: Meu acesso é fácil. Pegar um uber pra ir. Lá no Centro, no consultório. Tenho plano, plano de saúde.

P: Você convive com pessoas que não tem plano de saúde?

R: Convivo. Demora, demora muito tempo, porque é pelo SUS, demora bastante. Às vezes, a pessoa acaba tirando do próprio bolso pra poder fazer os exames, porque não consegue pelo SUS.

P: Conhece alguém que teve problema com saúde sexual?

R: Saúde da mulher. Teve uma vizinha na porta da minha casa que teve câncer de mama. Descobriu cedo. Deu tempo de tratar. Fazia acompanhamento. Conseguiu certinho fazer, porque às vezes é difícil, não é fácil, demora. Aí ia descobrir muito tarde e não ia tratar né.

P: E como é no seu casamento?

R: Eu não tô mais casada não. Eu separei, tô separada atualmente do pai deles, eu não to casada mais não. Já sofri violência doméstica já do pai deles, por isso que hoje nós tá separado. Dei queixa dele e tá correndo na justiça, agora.

P: E você teve apoio?

R: Só da polícia, do governo não. Só da polícia, que tá correndo ainda na polícia. Sabia, corri e dei a queixa dele.

P: Você foi com alguém?

R: Com a minha tia, ela que foi comigo. Mandou eu denunciar né, porque não pode né.

P: Ela sabia que você passava por isso?

R: Ela já sabia, ela convive com a gente, sabe de tudo o que aconteceu desde quando eu casei até agora. Pra mim sair foi difícil, porque ele não deixava eu sair. Era violento, trancava as portas, pegava a chave. Não deixava eu sair, por isso que eu demorei a sair.

P: E o que você acha que passa na cabeça de mulheres que vivem o mesmo que você viveu?

R: Elas têm medo de sair, porque eles ameaçam muito. Eu vou te matar, se você sair eu vou te matar. Eu vou até preso, mas no dia que eu sair da cadeia eu te mato. Eu passei por isso, por isso que eu saí, se não, se eu tivesse ficado lá ele teria me matado e hoje eu não taria aqui.

P: O que falar para as mulheres?

R: Para elas denunciar e não ter medo, e sair. Viver a vida normal, não ter medo, porque é uma situação bem difícil ficar dentro apanhando, apanhando, sem você fazer nada, é ruim, tem que sair, denunciar mesmo. Denuncie.

P: Você pensou que viveria algo assim?

R: Nunca pensei que eu ia viver isso. Que eu ia casar pra passar o que eu passei durante dez anos. Não pensava que ia ser assim não, pensei que ia ser diferente né, uma vida normal né, coisa que nunca foi. Só no início né, aí depois aconteceu isso tudo que aconteceu. No meu projeto, eu jamais pensei que casamento ia ser desse jeito, senão não tinha nem casado, tinha ficado sozinha mesmo.

P: E você tem vontade de começar outro relacionamento mais saudável?

R: Eu tenho. Um relacionamento mais saudável, não conturbado. Eu tenho vontade. Eu acredito que no fundo ainda é possível achar uma relação saudável, não igual a minha foi.

P: Para você, qual a importância dos movimentos que lutam pelos direitos das mulheres?

R: Eu conheço. É bom outras mulheres poderem ajudar as outras, porque muitas das vezes as mulheres não têm coragem de ir fazer uma denúncia. Quando tem um grupo, uma pessoa ajudando é mais fácil ela abrir a cabeça, abrir o pensamento pra ir fazer e falar. Não ficar guardando e nem ficando perto. Aí que a gente fica mais forte. Pode, tendo uma ajuda, uma pessoa é mais fácil. A outra pessoa fica mais forte pra ir.

P: Você acha que a escola poderia ter te orientado?

R: Poderia, poderia orientar né, coisa que não teve. Tendo orientação é mais fácil né, pra gente

P: Qual recado você deixa para outras mulheres?

R: Para as mulheres não terem medo, trabalhar, porque mulher não depende homem pra viver. Pra ir trabalhar, viver a vida normal na sociedade, a gente pode ué. Trabalhar, se cuidar, sair,

não ficar só presa dentro de casa. Ai porque meu marido não... não, não deixa. A gente pode viver normal, igual as outras pessoas vive. É isso.

### **Apêndice C - Pautas**

#### **PAUTA - TCC**

**Marina Morabi, 35**

**Contato: 98158-7786**

**Editores:** Laura e Maria Luiza

**Fontes:** Mestre em Psicologia. Especialista em Psicologia da Saúde e Hospitalar e em Psicologia Clínica. Docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Psicóloga clínica. Psicóloga perinatal. Psicóloga da Secretaria Estadual de Saúde. Docente em cursos de Pós-Graduação Latu Sensu. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Psicopatologia Clínica e Psicologia e Saúde (NPPS). Coordenadora do Programa em Nome da Vida e coordenadora do PNV (Programa em Nome da Vida) - CEDEX/PROEX/PUC Goiás.

**I. Tema:** Os principais impactos sociais do silenciamento feminino e principalmente como isso afeta diretamente a vida das mulheres em suas mais diversas áreas.

#### **II. Motivos para a pauta**

- Desejamos entender de que forma o silenciamento afeta psicologicamente a sociedade em geral;
- Descobrir se existem outros tipos de afetação social gerados pelo silenciamento
- Quais são as primeiras consequências do silenciamento na vida psicológica da mulher;
- Buscar exemplos onde as mulheres são vítimas do silenciamento;
- Relatos de mulheres que vivenciam e são silenciadas, que ela pôde acompanhar de perto;
- Descobrir se existem doenças emocionais e físicas decorrentes desse processo de silenciamento;

- Como abordar com mulheres, inclusive as mais novas, temáticas como saúde sexual e menstrual;

### **III. Justificativa**

Todas as abordagens serão necessárias para complementação e produção do conteúdo para o Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, visamos contribuir com a academia e sociedade a partir dos dados e pesquisas resultantes.

### **IV. Enfoque/viés**

Trazer um panorama psicológico da causa e consequência do silenciamento feminino, além de traçar caminhos claros com o resto da sociedade.

### **V. Metodologia**

A partir de estudos do nosso trabalho teórico, fazendo uso dos dados antemão pesquisados, faremos uma entrevista presencial no Campus V da PUC Goiás com a personagem Marina Morabi. O material será gravado, decupado, transcrito, editado e posteriormente anexado ao trabalho no episódio.

### **VI. Dados**

- De acordo com o jornal Folha de São Paulo, na Suécia, são reservados 16 meses divididos entre pais e mães, com a inclusão de auxílio financeiro. Já no Brasil, há separação entre os benefícios para homens e mulheres.
- A licença paterna é de 05 dias, podendo se estender até 20 dias, e a materna é de 120 dias, com possibilidade de desemprego imediato, após os quatro meses de proteção ao emprego garantido pela licença, como afirma pesquisa da Faculdade Getúlio Vargas (FGV).
- Segundo o Female Founders Report 2021, no Brasil, somente 4,7% das startups são lideradas por mulheres.

- Segundo pesquisa da Central Nacional de Informações do Registro Civil (CRC), divulgada no Metr p les, no total, são mais de 5,5 milhões de adultos que nunca tiveram o reconhecimento do progenitor.
- A notícia também ressalta dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que cerca de 12 milhões de mães chefiam lares sozinhas, sem o apoio dos pais. Destas, mais de 57% vivem abaixo da linha da pobreza.
- Em notícia publicada pelo G1, o plenário do Senado brasileiro construiu um banheiro para as senadoras em 2016, mais de 55 anos depois da inaugura o do prédio do Congresso Nacional em Brasília.

## **VII. Perguntas**

- 1- O que   silenciamento feminino?
- 2- De que forma o silenciamento feminino afeta psicologicamente a sociedade em geral?
- 3- Existem outras maneiras em que a sociedade é afetada pelo silenciamento feminino? Ex: como homens e crianças são afetadas em decorrência deste
- 4- Quais as principais consequências psicológicas do silenciamento na vida das mulheres?
- 5- Você tem algum relato de uma mulher que vivenciou essa situa o e que você pôde acompanhar de perto? Inclusive, no PNV
- 6- Quais seriam as doenças emocionais e/ou físicas decorrentes do silenciamento?
- 7- Como podemos abordar temáticas, como saúde sexual e menstrual, com mulheres, inclusive as mais novas?
- 8- Quais são os caminhos possíveis para transformar essa realidade?

### **PAUTA - TCC**

**Flávia Bedicks, 25**

**Contato: 11 94310-5114**

**Editores:** Laura e Maria Luiza

**Fonte:** Economista;

### **I. Tema:** Ouvindo histórias do silenciamento

O impacto do silenciamento feminino no trabalho; como a educação na vida das mulheres pode ser libertadora; a conquista da cidadania feminina; caminhos possíveis para quebra do silenciamento.

### **II. Motivos para a pauta**

- A graduação e domínio de assuntos com feminilidade, raças e maternidade poderão contribuir com nossa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso;
- Gostaríamos de exemplificar como ocorre o silenciamento nas demais áreas de atuação das mulheres;
- Buscamos ilustração da teoria através de possíveis vivências

### **III. Justificativa**

Todas as abordagens serão necessárias para complementação e produção do conteúdo para o Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, visamos contribuir com a academia e sociedade a partir dos dados e pesquisas resultantes.

### **IV. Enfoque/viés**

Enfoque na história e vivência da personagem a fim de exemplificar nosso material teórico

### **V. Metodologia**

A partir de estudos do nosso trabalho teórico, fazendo uso dos dados antemão pesquisados, faremos uma entrevista online pela plataforma Zoom com a personagem Flávia Bedicks. O material será gravado, decupado, transcrito, editado e posteriormente anexado ao trabalho no episódio.

## **VI. Dados**

- De acordo com o jornal Folha de São Paulo, na Suécia, são reservados 16 meses divididos entre pais e mães, com a inclusão de auxílio financeiro. Já no Brasil, há separação entre os benefícios para homens e mulheres.
- A licença paterna é de 05 dias, podendo se estender até 20 dias, e a materna é de 120 dias, com possibilidade de desemprego imediato, após os quatro meses de proteção ao emprego garantido pela licença, como afirma pesquisa da Faculdade Getúlio Vargas (FGV).
- Segundo o Female Founders Report 2021, no Brasil, somente 4,7% das startups são lideradas por mulheres.
- Segundo pesquisa da Central Nacional de Informações do Registro Civil (CRC), divulgada no Metrôpoles, no total, são mais de 5,5 milhões de adultos que nunca tiveram o reconhecimento do progenitor.
- A notícia também ressalta dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que cerca de 12 milhões de mães chefiam lares sozinhas, sem o apoio dos pais. Destas, mais de 57% vivem abaixo da linha da pobreza.
- Em notícia publicada pelo G1, o plenário do Senado brasileiro construiu um banheiro para as senadoras em 2016, mais de 55 anos depois da inauguração do prédio do Congresso Nacional em Brasília.

## **VII. Perguntas**

1- O que é o silenciamento feminino?

2- Licença maternidade x paternidade; baixa porcentagem de liderança feminina; mães solas na linha da pobreza são algumas das consequências da prática do silenciamento feminino e ausência de cidadania, muito reais na nossa sociedade. Por que o assunto “silenciamento dessas mulheres” é pouco abordado?

3- Na sua vivência, com quais situações de silenciamento feminino você já se deparou?

4- A conquista da cidadania feminina é um objetivo imprescindível e um caminho a ser percorrido. De que maneira podemos contribuir para essa conquista?

5- Dentro da sua atuação profissional, como você desenvolve a conquista da cidadania e a quebra do silenciamento feminino?

6- Na sua opinião, quais caminhos a mulher e a sociedade podem traçar para tentar romper esse silenciamento?



**PAUTA - TCC****Silvana Monteiro, 52****Contato: 9 9979-0057****Editores:** Laura e Maria Luiza

**Fonte:** Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1996), especialização em Assessoria em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (2003) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2011). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo Impresso e Edição.

**I. Tema:** O impacto do silenciamento feminino no trabalho; como a educação na vida das mulheres pode ser libertadora; como a fala e naturalização da sexualidade feminina contribui para a conquista da cidadania feminina; caminhos possíveis para quebra do silenciamento, através da comunicação

**II. Motivos para a pauta**

- A graduação e domínio de assuntos com feminilidade, raças e maternidade poderão contribuir com nossa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso;
- Gostaríamos de exemplificar como ocorre o silenciamento nas demais áreas de atuação das mulheres;
- Abordar o assunto sobre a importância da educação sexual para apresentar esse tema;
- Como a informação contribui como bem público: vamos identificar de que forma a comunicação pode ser um instrumento de avanço da realidade do silenciamento feminino;
- Buscamos ilustração da teoria através de possíveis vivências

**III. Justificativa**

Todas as abordagens serão necessárias para complementação e produção do conteúdo para o Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, visamos contribuir com a academia e sociedade a partir dos dados e pesquisas resultantes.

#### **IV. Enfoque/viés**

Enfoque na educação como progresso, na comunicação como instrumento e no posicionamento da mulher como sujeito no processo de construção da cidadania.

#### **V. Metodologia**

A partir de estudos do nosso trabalho teórico, fazendo uso dos dados antemão pesquisados, faremos uma entrevista presencial no Campus V da PUC Goiás com a personagem Silvana Monteiro. O material será gravado, decupado, transcrito, editado e posteriormente anexado ao trabalho no episódio.

#### **VI. Dados**

- De acordo com o jornal Folha de São Paulo, na Suécia, são reservados 16 meses divididos entre pais e mães, com a inclusão de auxílio financeiro. Já no Brasil, há separação entre os benefícios para homens e mulheres.
- A licença paterna é de 05 dias, podendo se estender até 20 dias, e a materna é de 120 dias, com possibilidade de desemprego imediato, após os quatro meses de proteção ao emprego garantido pela licença, como afirma pesquisa da Faculdade Getúlio Vargas (FGV).
- Segundo o Female Founders Report 2021, no Brasil, somente 4,7% das startups são lideradas por mulheres.
- Segundo pesquisa da Central Nacional de Informações do Registro Civil (CRC), divulgada no Metrôpoles, no total, são mais de 5,5 milhões de adultos que nunca tiveram o reconhecimento do progenitor.
- A notícia também ressalta dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que cerca de 12 milhões de mães chefiam lares sozinhas, sem o apoio dos pais. Destas, mais de 57% vivem abaixo da linha da pobreza.
- Em notícia publicada pelo G1, o plenário do Senado brasileiro construiu um banheiro para as senadoras em 2016, mais de 55 anos depois da inauguração do prédio do Congresso Nacional em Brasília

**VII. Perguntas**

- 1- Licença maternidade x paternidade; baixa porcentagem de liderança feminina; mães solas na linha da pobreza são algumas das consequências da prática do silenciamento feminino e ausência de cidadania, muito reais na nossa sociedade. Por que o assunto “silenciamento dessas mulheres” é pouco abordado?
- 2- A mulher vem de uma caminhada onde seus direitos sempre foram tolhidos. De que forma essa privação colaborou para o reconhecimento tardio da cidadania feminina?
- 3- Como a naturalização dos assuntos relacionados à mulher podem ser uma forma de conquista da cidadania feminina?
- 4- A comunicação tem o papel de contribuir para a mudança do cenário, a partir da ideia de que a informação é um bem público. Como tornar isso prático? Dentro da sua atuação profissional, como você desenvolve isso?
- 5- Na sua vivência, como você se vê dentro dessa realidade, como um peregrino desse caminho?
- 6- Na sua opinião, quais caminhos a mulher pode traçar para tentar romper esse silenciamento?
- 7- Qual é o posicionamento social dentro dessa questão? No sentido das ações do homem frente a essa realidade.

**PAUTA - TCC****Joana Lemos, 72****Contato: 62 98265-0713****Editores:** Laura e Maria Luiza**Fontes:** Mulher adulta (idosa), aposentada e sua vivência acerca da temática, com conflito de geração.

**I. Tema:** Buscar diálogo e percepção do silenciamento feminino, a partir da história de vida da personagem. Aprofundar questões como informação, tabus, pensamentos, vindos do conflito de geração, em um olhar positivo e negativo.

## **II. Motivos para a pauta**

- Conhecer a realidade vivenciada para ilustrar os dados e pesquisas citados em nosso trabalho teórico;
- Relatar qual é o grau de informação sobre a percepção da personagem sobre os assuntos evidenciados no trabalho;
- Traçar um panorama histórico sobre a mulheres da época da personagem e da atualidade;
- Como a personagem abraça a feminilidade dentro da idade e as versões dela mesma;
- Saber qual o olhar que a personagem possui ao observar o futuro em paralelo com os assuntos conversados (questionar os votos da personagem para as mulheres);

## **III. Justificativa**

Todas as abordagens serão necessárias para complementação e produção do conteúdo para o Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, visamos contribuir com a academia e sociedade a partir dos dados e pesquisas resultantes.

## **IV. Enfoque/viés**

Trazer um panorama geral sobre realidade e percepção ou vivência do silenciamento feminino na vida da personagem.

## **V. Metodologia**

A partir de estudos do nosso trabalho teórico, fazendo uso dos dados antemão pesquisados, faremos uma entrevista por ligação telefônica com a personagem Joana. O material será gravado, decupado, transcrito, editado e posteriormente anexado ao trabalho no episódio.

## **VI. Dados**

**VII. Perguntas**

- 1 - O que você entende sobre o que é ser mulher?
- 2 - O que você entende por silenciamento feminino?
- 3 - Quais os pontos positivos e negativos que você encontra ao ser mulher?
- 4 - Como foi a instrução que você teve sobre questões relacionadas à mulher na adolescência?
- 5 - Quais foram os momentos mais marcantes que você viveu enquanto mulher? Por quê?
- 6 - Quais os direitos alcançados pela mulher que você percebeu ao longo dos anos?
- 7- O que você considera como tabu/problema, quando falamos da vida sexual feminina na terceira idade?
- 8- Qual a realidade que você acha que as mulheres enfrentam dentro das escolas, de casa e dos seus trabalhos?
- 9- O que você já ouviu sobre a mulher terceira idade, sobre regras do tipo “pode e não pode”?

**PAUTA - TCC****Isabela, 19****Contato: +55 62 984116103****Editores:** Laura e Maria Luiza

**Fontes:** Mulher adolescente e a sua relação com o silenciamento em várias questões;  
Estudante de nutrição;

**I. Tema:** Teoria e prática do silenciamento no cenário adolescente, nas questões de informação (como e se eles se informam), de acesso à instrumentos de saúde, higiene menstrual, direito reprodutivo e sexualidade feminina em geral.

## **II. Motivos para a pauta**

- Conhecer a realidade vivenciada para ilustrar os dados e pesquisas citados em nosso trabalho teórico;
- Relatar qual é o grau de informação sobre saúde sexual no ambiente escolar e familiar da personagem;
- Documentar a realidade e relação dela com a menstruação e sexualidade;
- Saber qual o papel e entendimento da personagem na construção e mudança da cidadania;
- Saber qual o olhar que a personagem possui ao observar o futuro em paralelo com os assuntos conversados;
- Saber qual o olhar da personagem sobre o movimento das mulheres e o grau de envolvimento da personagem com eles;
- O olhar da personagem perante as mulheres mais velhas, por meio das diferenças vistas nas gerações;

## **III. Justificativa**

Todas as abordagens serão necessárias para complementação e produção do conteúdo para o Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, visamos contribuir com a academia e sociedade a partir dos dados e pesquisas resultantes.

## **IV. Enfoque/viés**

Enfoque para as realidades vivenciadas na adolescência; assuntos abordados e problemáticos para essa faixa etária; ilustrar a parte de educação menstrual e relação com os movimentos.

## **V. Metodologia**

A partir de estudos do nosso trabalho teórico, fazendo uso dos dados antemão pesquisados, faremos uma entrevista presencial no Campus V da PUC Goiás com a personagem Isabela. O material será gravado, decupado, transcrito, editado e posteriormente anexado ao trabalho no episódio.

**VI. Dados**

- 66.041 casos, em 2018, de abusos sexuais, desses, 53,8% das vítimas foram do sexo feminino com até 13 anos de idade;
- O índice de gravidez na adolescência no Brasil está acima da média mundial. Em 2020, registrou-se que, a cada mil brasileiras entre 15 e 19 anos, 53 tornam-se mães;
- Em um estudo realizado no Nepal, 41% das meninas relataram faltar à escola durante a menstruação;
- Segundo o jornal Folha de São Paulo, em uma década, o Sistema Único de Saúde (SUS) gastou R\$ 486 milhões de reais com internações para tratar do aborto, sendo 75% induzidos.

**VII. Perguntas**

- 1- O que você entende por silenciamento feminino?
- 2- O que você entende sobre o que é ser mulher?
- 3- Quais os pontos positivos e negativos que você encontra ao ser mulher? Por quê?
- 4- Quais são os desafios que os adolescentes encontram sobre os assuntos das mulheres?
- 5- Você já recebeu instrução escolar sobre menstruação e/ou saúde da mulher? Como isso te ajudou ou atrapalhou?
- 6- E dentro de casa, como esses assuntos são conversados?
- 7- Alguma situação ligada à saúde da mulher já te impediu de realizar alguma atividade?
- 8- Como é a sua relação com a menstruação?
- 9- Qual a realidade que você acha que as mulheres enfrentam nos dias de hoje? Dentro das escolas, de casa e dos seus trabalhos.
- 10- O que as mulheres ainda precisam alcançar para conquistar seus direitos?
- 11- Como você entende o movimento das mulheres?
- 12- O que você acha da realidade que as mulheres mais velhas viveram?
- 13- Você já identificou alguma ação de silenciamento feminino na sua vida?

**PAUTA - TCC****Narely Batista, 28****Contato: 62 98313-7782**

**Editores:** Laura e Maria Luiza

**Fonte:** Jornalista, gerente de Articulações e Ações de Igualdade Racial da Prefeitura de Goiânia, assessora de comunicação na ABRAFIN e Redatora na Lab 6. Formada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela PUC Goiás em 2014, trabalhou na Rádio Difusora de Goiânia, na Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge (Chapada dos Veadeiros) e desde 2013 desenvolve projetos junto a povos indígenas, comunidades tradicionais e quilombolas de Goiás e do Brasil. Narely também atua como produtora cultural e é assessora de comunicação da Abrafin - Associação Brasileira de Festivais Independentes e como redatora publicitária na agência de publicidade Lab 6.

**I. Tema:** O impacto do silenciamento feminino no trabalho; silenciamento e raça; como a educação na vida das mulheres pode ser libertadora; como a fala e naturalização da sexualidade feminina contribui para a conquista da cidadania feminina; caminhos possíveis para quebra do silenciamento, através da comunicação

## **II. Motivos para a pauta**

- A graduação e domínio de assuntos com feminilidade, raças e maternidade poderão contribuir com nossa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso;
- Gostaríamos de exemplificar como ocorre o silenciamento nas demais áreas de atuação das mulheres;
- Explorar e conhecer mais sobre o movimento das mulheres
- Abordar o assunto sobre a importância da educação sexual para apresentar esse tema;
- Como a informação contribui como bem público: vamos identificar de que forma a comunicação pode ser um instrumento de avanço da realidade do silenciamento feminino;
- Buscamos ilustração da teoria através de possíveis vivências



### **III. Justificativa**

Todas as abordagens serão necessárias para complementação e produção do conteúdo para o Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, visamos contribuir com a academia e sociedade a partir dos dados e pesquisas resultantes.

### **IV. Enfoque/viés**

Enfoque no silenciamento da mulher, abordagem de raça, vivências e lutas dos movimentos das mulheres, e comunicação como caminho possível para mudanças da realidade.

### **V. Metodologia**

A partir de estudos do nosso trabalho teórico, fazendo uso dos dados antemão pesquisados, faremos uma entrevista presencial no Campus V da PUC Goiás com a personagem Narely. O material será gravado, decupado, transcrito, editado e posteriormente anexado ao trabalho no episódio.

### **VI. Dados**

- De acordo com o jornal Folha de São Paulo, na Suécia, são reservados 16 meses divididos entre pais e mães, com a inclusão de auxílio financeiro. Já no Brasil, há separação entre os benefícios para homens e mulheres.
- A licença paterna é de 05 dias, podendo se estender até 20 dias, e a materna é de 120 dias, com possibilidade de desemprego imediato, após os quatro meses de proteção ao emprego garantido pela licença, como afirma pesquisa da Faculdade Getúlio Vargas (FGV).
- Segundo o Female Founders Report 2021, no Brasil, somente 4,7% das startups são lideradas por mulheres.
- Segundo pesquisa da Central Nacional de Informações do Registro Civil (CRC), divulgada no Metrôpoles, no total, são mais de 5,5 milhões de adultos que nunca tiveram o reconhecimento do progenitor.

- A notícia também ressalta dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que cerca de 12 milhões de mães chefiam lares sozinhas, sem o apoio dos pais. Destas, mais de 57% vivem abaixo da linha da pobreza.
- Em notícia publicada pelo G1, o plenário do Senado brasileiro construiu um banheiro para as senadoras em 2016, mais de 55 anos depois da inauguração do prédio do Congresso Nacional em Brasília

## **VII. Perguntas**

1- O que é o silenciamento feminino?

2- O que é ser mulher para você?

3- Licença maternidade x paternidade; baixa porcentagem de liderança feminina; mães soltas na linha da pobreza são algumas das consequências da prática do silenciamento feminino e ausência de cidadania, muito reais na nossa sociedade. Por que o assunto “silenciamento dessas mulheres” é pouco abordado?

4- De que forma se dá o silenciamento das mulheres negras?

5- Na sua vivência, como você se vê dentro dessa realidade, como um peregrina desse caminho? Você tem algum relato de silenciamento em alguma área da vida?

6- Qual a sua relação com o movimento das mulheres? Você pode nos contar sua história? Como conheceu, por quê atua?

7- De que forma o movimento das mulheres impacta a educação sexual, sendo essa, libertadora para as mulheres?

8- A comunicação tem o papel de contribuir para a mudança do cenário, a partir da ideia de que a informação é um bem público. Como tornar isso prático? Dentro da sua atuação profissional, como você desenvolve isso?

## **PAUTA - TCC**

**Graziely Ferreira de Miranda Gurgel, 16**

**Contato: +55 62 99950-8023**

**Editores:** Laura e Maria Luiza

**Fontes:** Mulher adolescente e a sua relação com o silenciamento em várias questões; Estudante;

**I. Tema:** Teoria e prática do silenciamento no cenário adolescente, nas questões de informação (como e se eles se informam), de acesso à instrumentos de saúde, higiene menstrual, direito reprodutivo e sexualidade feminina em geral.

## **II. Motivos para a pauta**

- Conhecer a realidade vivenciada para ilustrar os dados e pesquisas citados em nosso trabalho teórico;
- Relatar qual é o grau de informação sobre saúde sexual no ambiente escolar e familiar da personagem;
- Documentar a realidade e relação dela com a menstruação e sexualidade;
- Saber qual o papel e entendimento da personagem na construção e mudança da cidadania;
- Saber qual o olhar que a personagem possui ao observar o futuro em paralelo com os assuntos conversados;
- Saber qual o olhar da personagem sobre o movimento das mulheres e o grau de envolvimento da personagem com eles;
- O olhar da personagem perante as mulheres mais velhas, por meio das diferenças vistas nas gerações;

## **III. Justificativa**

Todas as abordagens serão necessárias para complementação e produção do conteúdo para o Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, visamos contribuir com a academia e sociedade a partir dos dados e pesquisas resultantes.

## **IV. Enfoque/viés**

Enfoque para as realidades vivenciadas na adolescência; assuntos abordados e problemáticos para essa faixa etária; ilustrar a parte de educação menstrual e relação com os movimentos.

## **V. Metodologia**

A partir de estudos do nosso trabalho teórico, fazendo uso dos dados antemão pesquisados, faremos uma entrevista por ligação telefônica com a personagem Graziely. O material será gravado, decupado, transcrito, editado e posteriormente anexado ao trabalho no episódio.

## **VI. Dados**

- 66.041 casos, em 2018, de abusos sexuais, desses, 53,8% das vítimas foram do sexo feminino com até 13 anos de idade;
- O índice de gravidez na adolescência no Brasil está acima da média mundial. Em 2020, registrou-se que, a cada mil brasileiras entre 15 e 19 anos, 53 tornam-se mães;
- Em um estudo realizado no Nepal, 41% das meninas relataram faltar à escola durante a menstruação;
- Segundo o jornal Folha de São Paulo, em uma década, o Sistema Único de Saúde (SUS) gastou R\$ 486 milhões de reais com internações para tratar do aborto, sendo 75% induzidos.

## **VII. Perguntas**

- 1- O que você entende por silenciamento feminino?
- 2- O que você entende sobre o que é ser mulher?
- 3- Quais os pontos positivos e negativos que você encontra ao ser mulher? Por quê?
- 4- Quais são os desafios que os adolescentes encontram sobre os assuntos das mulheres?
- 5- Você já recebeu instrução escolar sobre menstruação e/ou saúde da mulher? Como isso te ajudou ou atrapalhou?
- 6- E dentro de casa, como esses assuntos são conversados?
- 7- Alguma situação ligada à saúde da mulher já te impediu de realizar alguma atividade?
- 8- Como é a sua relação com a menstruação?
- 9- Qual a realidade que você acha que as mulheres enfrentam nos dias de hoje? Dentro das escolas, de casa e dos seus trabalhos.
- 10- O que as mulheres ainda precisam alcançar para conquistar seus direitos?
- 11- Como você entende o movimento das mulheres?
- 12- O que você acha da realidade que as mulheres mais velhas viveram?

**PAUTA - TCC**  
**Ana Carolina, 29**  
**Contato: 62 99235-7025**

**Editores:** Laura e Maria Luiza

**Fontes:** Mulher adulta que vive a prática do silenciamento e como enxerga questões relacionadas à temática; Dona de casa;

**I. Tema:** Exemplificação da prática do silenciamento feminino nas questões de informação, trabalho, acesso à instrumentos de saúde, direito reprodutivo e sexualidade feminina em geral.

## **II. Motivos para a pauta**

- Conhecer a realidade vivenciada para ilustrar os dados e pesquisas citados em nosso trabalho teórico;
- Relatar qual é o grau de informação sobre saúde sexual no ambiente escolar e familiar da personagem;
- Documentar a realidade e relação dela com a menstruação e sexualidade;
- Saber qual o papel e entendimento da personagem na construção e mudança da cidadania;
- Saber qual o olhar que a personagem possui ao observar o futuro em paralelo com os assuntos conversados;
- Saber qual o olhar da personagem sobre o movimento das mulheres;

## **III. Justificativa**

Todas as abordagens serão necessárias para complementação e produção do conteúdo para o Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, visamos contribuir com a academia e sociedade a partir dos dados e pesquisas resultantes.

**IV. Enfoque/viés**

Trazer um panorama geral sobre realidade e consequências do silenciamento feminino na vida da personagem

**V. Metodologia**

A partir de estudos do nosso trabalho teórico, fazendo uso dos dados antemão pesquisados, faremos uma entrevista presencial no Campus V da PUC Goiás com a personagem Ana Carolina. O material será gravado, decupado, transcrito, editado e posteriormente anexado ao trabalho no episódio.

**VI. Dados**

- 66.041 casos, em 2018, de abusos sexuais, desses, 53,8% das vítimas foram do sexo feminino com até 13 anos de idade;
- O índice de gravidez na adolescência no Brasil está acima da média mundial. Em 2020, registrou-se que, a cada mil brasileiras entre 15 e 19 anos, 53 tornam-se mães;
- Em um estudo realizado no Nepal, 41% das meninas relataram faltar à escola durante a menstruação;
- Segundo o jornal Folha de São Paulo, em uma década, o Sistema Único de Saúde (SUS) gastou R\$ 486 milhões de reais com internações para tratar do aborto, sendo 75% induzidos.
- De acordo com o jornal Folha de São Paulo, na Suécia, são reservados 16 meses divididos entre pais e mães, com a inclusão de auxílio financeiro. Já no Brasil, há separação entre os benefícios para homens e mulheres.
- A licença paterna é de 05 dias, podendo se estender até 20 dias, e a materna é de 120 dias, com possibilidade de desemprego imediato, após os quatro meses de proteção ao emprego garantido pela licença, como afirma pesquisa da Faculdade Getúlio Vargas (FGV).
- A notícia também ressalta dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que cerca de 12 milhões de mães chefiam lares sozinhas, sem o apoio dos pais. Destas, mais de 57% vivem abaixo da linha da pobreza.

**VII. Perguntas**

- 1- O que você entende por silenciamento feminino?
- 2- O que você entende sobre o que é ser mulher?
- 3- Quais os pontos positivos e negativos que você encontra ao ser mulher?
- 4- Quais são os desafios que as mulheres encontram sobre os assuntos relacionados à feminilidade?
- 5- Quando você era adolescente, você recebeu instrução sobre menstruação e/ou saúde da mulher? Se sim, quais? Se não, quais foram as consequências que você observou?
- 6- Alguma situação ligada à vida e saúde da mulher, já te impediu de realizar algum trabalho?
- 7- O que você considera como tabu/problema, quando falamos da vida sexual feminina? ou você tem liberdade ou conversa sobre sexualidade feminina?
- 8- Você acessa canais de informação sobre saúde da mulher? Quais canais você acessa?
- 9- Você conhece os procedimentos fornecidos pelo SUS? Como camisinha, inserção de DIU, teste rápido de IST...você já fez uso de algum desses procedimentos fornecidos pelo SUS?
- 10 - Qual a realidade que você acha que as mulheres enfrentam dentro das escolas, de casa e dos seus trabalhos?
- 11- Para você, qual a importância dos movimentos que lutam pelos direitos das mulheres?
- 12- O que as mulheres ainda precisam alcançar para conquistar seus direitos?